



CAMILA TAVARES

MEU ABRIGO

NÃO EXISTE NADA MAIS DOENTIO QUE
PAIXÃO





Sinopse



Pode duas almas vazias encontrar um no outro algo que os preencha por inteiro?

Sabrina sempre foi forte o suficiente para se proteger e proteger as pessoas com quem se importa. Mas o amor causa danos irreparáveis na alma. Logo ela se vê presa em um relacionamento abusivo, sem ter como escapar. Aprendeu da forma mais dolorosa que nada é mais doentio que a paixão, e mesmo a vida dando uma segunda chance de ser feliz, seus medos e temores a fazem querer se afastar cada vez mais de quem realmente pode tirar o vazio de seu peito.

Arthur perdeu seu único e verdadeiro amor para os vícios. Não sente mais o gosto pela vida e não consegue mais entregar seus sentimentos nem mesmo para sua família e amigos. Deixou seu passado para trás antes mesmo de cicatrizar as feridas, e sabe que elas servem como lembrete por ter sido covarde e fugido de tudo e de todos. Encontra na dor, um motivo para se reencontrar, e luta com todas as forças para não arrancarem novamente da sua alma.

Ambos se veem perdidos e sem saber como se comportar diante das novas oportunidades.

Será que podem encontrar uma forma de abandonar o passado e continuar a viver?

Será o destino tão cruel a ponto de dar uma nova chance para o amor?



Para todas vocês.





NÃO EXISTE MULHER QUE GOSTA DE APANHAR

O que existe é mulher:

Humilhada demais para denunciar.

Machucada demais para reagir.

Com medo demais para acusar.

(Autor desconhecido)



— Cala a boca, sua vagabunda — ele gritou.

Fiquei quieta. Já fazia cerca de vinte minutos que estava tentando convencê-lo de que não sabia que meu colega de escola era o entregador de pizza, e que não estava dando em cima dele quando me reconheceu e quis saber sobre minha vida. Sabia que a partir de agora qualquer coisa que eu falasse daria motivo para agressão.

— Eu sabia — vociferou, abrindo e fechando os punhos. — Quando você falou que estava com fome, só queria que ele viesse até aqui, não é?! — Pegou meus cabelos com força e me jogou no sofá. — Eu sabia, eu sabia. — Sua gargalhada doentia fez meu estômago revirar.

— Por favor, não — choraminguei baixinho. Nada o deixava mais irritado que eu chorar alto enquanto me batia. — Eu jamais faria nada para magoar você. Eu te amo, Rafael.

Algumas lágrimas caíam em minhas bochechas, que já ardiam de medo.

Às vezes conseguia acalmá-lo falando o quanto eu o amava. Hoje não seria um desses dias, pois ele ignorava qualquer tentativa de fazê-lo se acalmar.

— Você acha que eu sou idiota, Sabrina? — gritou, chegando perto de mim, fazendo-me estremecer. — Você achou mesmo que eu não iria perceber? Achou mesmo que conseguiria me trair bem debaixo do nosso teto? — Pegou meus punhos com força, guiando-me para o canto longe da janela.

O primeiro tapa eu já esperava. Geralmente quando me levava para aquele lado da casa seriam apenas tapas e palavrões, mas o chute no estômago me pegou desprevenida, deixando-me sem ar. Arqueei as costas bem na hora que outro tapa queimou minhas bochechas.

— Você sabe que odeio fazer isso — gritou, enquanto puxava minha cabeça para perto da dele. — Você sabe por que estou fazendo isso, não sabe? — Me jogou no chão enquanto chutava uma das minhas pernas, já com várias marcas roxas. — Odeio te ver assim, Sabrina. Odeio quando você tenta me fazer de idiota. Odeio. Odeio.

Senti o gosto de sangue nos lábios depois de receber outro tapa.

— Chega. Por favor, chega — falei, encolhendo-me. — Rafael, eu amo

você. — Segurei minha barriga, que doía demais.

Em situações como essa ele apenas me advertia com alguns tapas, mas o ódio que vi em seus olhos não era típico do ciúme que sempre sentia.

— Eu digo quando chega. — Outro tapa seguido por outro chute. — Sabrina, vai chegar um dia que eu não cuidarei mais de você, e aí você vai se jogar no colo do primeiro cara que encontrar na rua, não vai? — Ele se abaixou e me puxou para seu colo. — Você acha que não sei que está planejando isso há muito tempo? Acha que vai conseguir isso? — Começou a me despir. — Acha mesmo que vou deixar outro homem tocar em você? Pegar o que é meu? — Tirou seu membro para fora. — Está vendo isso aqui, meu amor? — Pegou minha mão e me fez segurar e acariciar seu pênis. — É o único pau que você vai ver na vida. O único que vai comer você.

Ele me jogou no chão enquanto abaixava e se encaixava no meio das minhas pernas. Não conseguia me mexer. A dor era tão grande que não conseguia mais ouvi-lo. Não conseguia mais tentar sair de baixo dele.

Quando as lágrimas começaram a escorrer do seu rosto, eu sabia que já estava terminando. Assim que ele saísse para ir à igreja fazer suas orações, eu poderia sair do chão, tomar um banho e ir para o quarto chorar baixinho. Mas, ao invés de só sair de cima de mim depois de gozar, ele me pegou no colo e me levou para o quarto. O olhar de arrependimento não estava em seu rosto. Só enxerguei ódio. E o medo começou a me consumir de novo.

De alguma forma eu sabia que meu fim estava chegando. Porém, não me importava mais. Não tinha ninguém nesse mundo que se importava comigo, ninguém que pudesse me dar uma vida diferente. Tinha uma irmã que não via desde quando éramos crianças e duvidava que se lembraria de mim. Mas era melhor assim, tanto para ela quanto para mim. Ela poderia ter uma vida mais feliz sem saber que a irmã mais velha era problemática. Já eu poderia morrer sabendo que possivelmente ela tem uma vida melhor, com alguém que a proteja.

— Eu te amo. — Ele chorava comigo nos braços. — Você sabe que te amo mais do que qualquer coisa no mundo. — Sentou comigo na cama, acariciando meus cabelos com suas mãos trêmulas. — Mas não posso mais fazer isso. — Ele chorava muito. — Não consigo mais tentar colocar isso na sua cabecinha, fazer você entender que é só minha. — Secou uma lágrima que escorreu por minha bochecha. — Eu sei onde sua irmã está. — Abri meus olhos, o pavor tomando conta do meu peito. — Shh, calma — falou, deitando-me na cama. Meu corpo inteiro doía, mas a angústia de saber que ele sabia onde ela estava me fez tremer de medo e raiva. — Talvez ela possa ser mais obediente que você.

— Não — gritei, tentando sem sucesso sair dos seus braços. — Não ouse

chegar perto dela — gritei o mais alto que pude. Talvez alguém pudesse ajudar.

— Cala a boca. — Tampou minha boca com uma mão enquanto a outra grudava no meu pescoço.

— Para, Rafael. Para — sussurrei, enquanto me debatia. — Você vai me matar. — Engasguei tentando sair de baixo dele.

— Eu sei, amor. Eu sei. Mas Deus, nosso senhor, vai estar nos esperando. — Colocou as duas mãos em minha garganta, apertando ainda mais. — Logo, logo isso vai acabar. Shh, já vai acabar, meu amor.

Não conseguia mais respirar, não tinha mais forças para lutar, não queria mais viver. Minha visão ficou turva e fechei os olhos para não olhar para ele enquanto morria. Ele não podia tocar nela. Não podia.

2

Arthur



Quando recebemos o chamado de uma senhora sobre agressão, acreditei ser só mais um dos muitos chamados de briga de casal que recebemos todos os dias. Porém, quando chegamos em uma casa no final da rua, sem muitas outras à volta, e um grito agudo reverberou de dentro, sabia que tínhamos que agir rápido.

Invadimos a casa, quebrando a fechadura e entrando com tudo, procurando pelos cômodos. Encontramos em um quarto um homem com não mais de trinta anos estrangulando uma jovem que parecia sem vida. As mãos gigantes dele estavam em volta do pescoço miúdo de uma mulher nua com marcas de violência por todo o corpo. Fiquei sem ar. Roger e André contiveram o homem. Levou cerca de vinte segundos para que eu pudesse reagir. Me apressei em pôr um cobertor em cima dela e verificar a pulsação.

— Tire suas mãos imundas da minha mulher, seu filho da puta.

Já algemado, o homem se debatia para sair dos braços de meus colegas, que o forçavam a sair do quarto.

— Sua mulher? É assim que você trata sua mulher? — gritei de volta, com as mãos coçando para fazê-lo se calar. — Tirem esse filho da puta daqui e peçam para os paramédicos entrarem de uma vez.

Segurei o pulso da jovem com esperança de que ainda estivesse viva, enquanto a equipe médica entrava no quarto. Senti um alívio quando começaram os procedimentos de triagem. Eles nunca iniciam caso a vítima já esteja morta.

Todos no quarto estavam em choque. Ninguém falou nada além dos procedimentos médicos necessários. Era um daqueles casos em que as mulheres presentes se colocavam no lugar da vítima e os homens se sentiam fracos por não poder fazer nada a respeito. E eu me sentia assim. Um inútil, um fraco, por não poder tomar as dores dela. Um merda por não poder pegar aquele vagabundo, agora indo depor na delegacia, que estava sem nenhum arranhão.

Todos os dias recebemos casos parecidos. Estou na polícia há quatro anos, mas na maioria das vezes me mandam para ocorrências com brigas de casal onde apenas conversamos e saímos de lá sem confusão, sem vítimas. Porém, meus colegas já haviam comentado de casos em que o companheiro agredia tanto uma mulher que quando chegavam ao local a encontravam sem vida. Olhei para o corpo da jovem já na maca e indo para a ambulância e rezei baixinho a Deus para que não fosse um desses casos.

— Minha irmã — choramingou a jovem, abrindo os olhos e tremendo. — Minha irmã. — Sua voz estava cheia de dor e preocupação.

Uma médica chegou perto do ouvido dela, passou a mão em seu rosto e a acalentou. Não ouvi o que ela falou. Com um sorriso fraco e uma expressão serena no rosto, a jovem fechou os olhos. *Um anjo*, pensei. Aquela médica só podia ser um anjo para fazer uma vítima que passou o inferno sorrir.

— A senhora sabe se ela tem algum familiar, alguém para quem possamos ligar e informar que ela está no hospital? — Ouvi André perguntar para uma senhora parada na calçada.

— Não, meu filho — falou com voz triste, olhando para a ambulância enquanto saíam para a avenida. — Sabrina se mudou pra cá logo que a mãe do Rafael faleceu. Ela saía pouco de casa. Conversamos algumas vezes enquanto ela cuidava do jardim nos fundos. — Ela secou uma lágrima. — É uma menina tão doce. — Suas mãos idosas tremiam e pedi para que trouxessem uma cadeira e um copo de água para ela. — Ela estava sempre com o rosto marcado, cicatrizando de alguma ferida. Cheguei a perguntar se ele a batia, mas ela negava, sempre dando alguma desculpa. Porém, eu ouvia os gritos dele. — A essa altura ela chorava muito. — Eu devia ter chamado a polícia, devia ter pedido ajuda para ela das outras vezes.

— A senhora conhece o Rafael? Sabe alguma referência sobre ele? — Cheguei mais perto.

— Conhecía a mãe dele, Lídia, ela ajudava a cuidar da igreja aqui perto. Morreu de câncer há alguns anos. Rafael era um bom menino, sempre ajudou a mãe. Vivia na igreja ajudando o padre. Nunca demonstrou qualquer sinal de violência. Nunca se metia em confusão. — Ela olhou com tristeza para a casa com a porta escancarada. — Julgamos mal as pessoas, não é? — Fungou,

limpando o rosto com a manga do casaco. — Ela ficará bem? A Sabrina, ela ficará bem?

— Iremos acompanhá-la no hospital e voltamos para dar notícias para a senhora. — Segurei suas mãos e vi um brilho em seus olhos marejados. — A senhora pode ter salvo a vida dessa menina.

Ela assentiu, ainda chorando muito.

Entrei na viatura com uma angústia pesada no peito. Mal esperei André entrar no carro e parti rumo ao hospital. Queria ir atrás do meliante e bater tanto nele para que cada marca que causou no corpo da jovem ficasse marcada para sempre nele. Mas ficamos encarregados dos cuidados da vítima, e por mais que fosse tentador e uma cura para minha raiva, não podíamos deixar nossas obrigações de lado.

— Arthur, você vai acabar enfartando — André falou, colocando o cinto. — Calma, cara, vamos fazer ele pagar pelo que fez com ela. Mas precisamos esfriar a cabeça e dar apoio ao hospital agora. Tentar contato com a família.

Não consegui responder. Minha voz estava presa na garganta e o ódio estava me consumindo. Não entendia como um homem podia fazer isso com sua mulher; a pessoa que ele devia amar e proteger. O que aquele cara fez, fazia, com ela era absurdo. Não tinha explicação.

Levou apenas cinco minutos para chegarmos ao hospital. André até tentou contato comigo algumas vezes durante o caminho, mas só conseguia pensar na dor que iria causar àquele cara quando voltássemos para a delegacia. Ficamos do lado de fora do quarto aguardando resposta médica para saber como estava a moça e fazer o relatório.

— Sinto muito, policiais. Creio que ela não poderá dar o depoimento hoje. — A médica entrou no corredor, quebrando o silêncio que fazíamos. — Ela terá que passar por duas cirurgias nas próximas horas. Ele a abusou sexualmente após a costela dela ser quebrada, o que ocasionou a perfuração de alguns órgãos. — A doutora pausou com um soluço. — Desculpem. Após conseguirmos estancar a hemorragia, faremos uma reconstrução na sua clavícula, que foi quebrada com a força feita durante o sufocamento. Se ela sobreviver. — A doutora parou de falar com os olhos cheios de lágrimas. — Faremos todo o possível. Mas, se sobreviver, vocês poderão pegar depoimento dentro de 24 horas, quando ela não estiver sob o efeito da anestesia pesada.

— Filho da puta.

Soquei a parede com raiva demais para pensar.

— Aconselho vocês a encontrarem algum familiar o mais rápido possível. — Ela se virou para voltar ao quarto, mas retornou e olhou para nós. — Não deixem esse monstro escapar. Acompanhei casos parecido com esse. Se

essa jovem sobreviver a isso, ela nunca mais vai ter a vida de volta até saber que está segura de quem fez isso com ela.

A doutora entrou no quarto pouco depois, deixando a porta aberta para que os residentes passassem com a maca em que a jovem estava já entubada e pronta para ir à sala de cirurgia.

Ouvi André soltar um suspiro alto. Porém, meus olhos não conseguiam parar de olhar para a jovem com os olhos fechados, deitada na maca, cheia de tubos, mas com a aura tranquila. Provavelmente sabia que estava longe do companheiro que a agredia diariamente. E ali, naquele corredor frio do hospital, jurei para Deus e para ela que não deixaria mais ninguém a machucar assim.

3
Sabrina
(Lembranças)



— Nina — chamei atrás do muro. Podia ouvir sua risadinha abafada bem próxima. — Eu vou te encontrar.

Contornei o muro e ela não estava ali. Ouvi um farfalhar de folhas atrás do carro vermelho da mamãe. Passei por ele para fora do portão e ouvi minha irmã engasgar assustada. Não podíamos sair por ali.

— Quando te encontrar — gritei, voltando, fingindo não a ver escondida atrás do pneu —, vou fazer cócegas em você até não aguentar mais.

Ouvi sua risada enquanto ela corria para o pátio atrás do muro.

— Não adianta correr, Nina, você sabe que vou te alcançar.

A porta do fundo de casa foi aberta e seus pés pisando no assoalho gasto faziam um barulho alto. Soltei uma risada alta de felicidade. Eu realmente amava sua linda ingenuidade.

— Sabrina! — ela gritou assustada. — Sabrina!

Corri o mais rápido que pude. A imagem dela com o pé preso no assoalho velho e quebrado veio em minha mente e meu coração saltou acelerado.

Entrei correndo pela porta dos fundos e a encontrei parada, olhando assustada para a porta da frente. A fechadura estava sendo forçada pelo lado de fora.

— Você está bem? — Abaixei, examinando-a de cima a baixo.

— Será que é a mamãe?

Seus olhos estavam cheios de lágrimas, por medo e esperança, olhando a fechadura sendo empurrada. Já fazia mais de um mês que mamãe não voltava para casa.

A fechadura foi forçada mais uma vez, e pela sombra que entrava por baixo da porta com certeza não era a mamãe.

Ela sempre ficava fora por bastante tempo, mas pelo menos uma vez na semana aparecia, trazia comida, tomava banho, brincava com minha irmã e sumia assim que o telefone tocava.

— Nina, precisamos esconder você — sussurrei, e puxei sua mão trêmula até o quarto dos fundos.

— Não quero ficar sozinha — choramingou. — Fica comigo, precisamos

proteger você também.

— Eu vou ficar bem. — Acaricie seu rostinho assustado. — Não saia daqui até eu vir buscar você. Está bem? — Coloquei-a dentro do guarda-roupas, na parte de trás tinha um fundo falso. Peguei sua mantinha e a tapei. — Fecha bem os olhinhos e os ouvidos. Logo, logo estarei de volta e nós terminamos de brincar.

Antes de fechar o fundo falso, ela pulou, me abraçou e falou:

— Nosso lugar seguro. — Sempre falávamos isso do nosso abraço.

— Nosso lugar seguro.

Abracei-a e ela voltou para o fundo do guarda-roupas.

Tranquei a porta e guardei a chave no meu bolso. Voltei para a porta da frente e vi a sombra na janela da cozinha.

— Quem é?

A fechadura parou de ser empurrada.

— Somos da assistência social — a voz doce de uma mulher falou do outro lado da porta. — Podemos entrar e conversar com vocês duas?

— É melhor vocês irem embora. — Não ia deixar ninguém chegar perto da minha irmã. — Minha mãe foi no mercado e já deve estar voltando — menti. — E ela não gosta de pessoas estranhas. É melhor vocês irem embora.

— Sabrina. — Como ela sabia meu nome? — Estamos aqui por causa da sua mãe. — Escutei um suspiro pesado. — Preciso me certificar que você e a Nina estão bem.

Um calafrio percorreu minha espinha. Não confiava naquela voz. Não confiava em ninguém. Sempre fomos somente a Nina e eu, e jurei protegê-la desde o dia em que a mamãe falou que ganharia uma irmãzinha. Nunca, jamais, deixaria nada de ruim acontecer com ela.

Nossa mãe sempre avisou para nunca sairmos de casa, nunca confiar em estranhos e em hipótese alguma ir para a mata atrás de casa.

— Não façam isso. Vão assustar as meninas. — Ouvi-a falando enquanto alguém empurrava a porta com mais força.

Sem muita escolha, corri para o esconderijo onde havia deixado a Nina. Peguei uma mochila e coloquei algumas roupas e as bolachas que economizamos para o caso de a mamãe demorar para aparecer. Após, abri o guarda-roupas e chamei minha irmãzinha, que continuava sentadinha com a cabecinha baixa e as mãos nos ouvidos.

— Nina — sussurrei. Ela levantou os olhos e sorriu. Um sorriso que foi substituído por pânico quando ouvimos a porta da frente ser aberta com força. — Precisamos fugir.

Ela abriu os braços e a peguei no colo. Seria muito mais rápido se ela

corresse também, mas sabia que estava apavorada o suficiente para não conseguir andar.

Pulei a janela para o quintal dos fundos bem a tempo, assim que forçaram a porta do quarto. Essa eles iam conseguir abrir facilmente, pois não era tão resistente quanto a porta da entrada. Corri o mais rápido que pude com Nina chorando desesperada em meu colo. Faltavam poucos passos até passar o carro vermelho e empurrar o portão até a rua escondida atrás de casa. Ouvi o som da porta dos fundos sendo aberta e vi que dois homens corriam em nossa direção, seguidos de uma mulher que tentava nos chamar. Só mais alguns passos, só mais um minutinho e estaríamos a salvo no beco e no bosque. Poderíamos nos esconder, subir em alguma árvore alta e ficar lá até irem embora e podermos voltar para casa.

— Sabrina — Nina gritou.

Entrei no bosque ainda correndo e quase a deixei cair quando senti puxarem minha mochila.

— Sabrina — Nina chorava mais alto.

Agarrei-me a ela com todas as forças enquanto sentava no chão sentindo o peso do cansaço. Mordi a mão de um dos homens que tentavam tirá-la de mim. Ele cambaleou para trás me xingando.

— Não! — comecei a gritar.

Prendi Nina entre minhas pernas e braços. Nada a tiraria de perto de mim.

— Calma, Sabrina. — A mulher chegou perto, tomando fôlego. — Não estamos aqui para machucá-las. Estamos aqui para ajudar vocês.

— Não toca nela — falei, tentando levantar novamente.

— Elas estão bem — falava no celular. — Estão assustadas. Avise para seus homens saírem de perto, estão assustando-as.

— Nos deixem em paz — gritei. As lágrimas embaçando minha visão. Nina chorava agarrada a meu pescoço. — Não queremos nada de vocês.

— Está tudo bem, não viemos machucar vocês. — Ela sentou no chão, próxima a nós. — Só preciso conversar com vocês. Prometo que vamos deixá-las em paz. Eu juro que não vamos machucá-las. Tudo bem? — Ela levantou a mão para nos tocar, mas desistiu no meio do caminho. — Sua mãe. — Fiquei em alerta.

— Daqui a pouco nossa mãe vai chegar — gritei —, aí vocês vão se arrepender de ter vindo aqui.

— Não, querida. — Ela baixou a voz e os olhos. — Sua mãe não vai voltar. Sinto muito.



Chegamos à delegacia pouco depois de sairmos do hospital. A palavra para descrever a cena que víamos parados em frente à janela da sala do delegado era "morte". Nada no mundo me deixaria mais satisfeito que entrar naquela sala agora e matar aquele desgraçado do departamento de direitos humanos, que estava defendendo o monstro que prendemos naquela noite.

— Não me interessa o que ele fez — falava irritado, ao lado do prisioneiro. — Se não o deixarem ligar para um advogado, irão fazer um relatório explicando os motivos.

— Você só pode estar de sacanagem com a minha cara. — Heitor apontava o dedo na cara do RH com tanta raiva que faria qualquer um se encolher. — Ele foi pego em flagrante. Um advogado de merda não vai livrar a cara dele da cadeia. — Ele abaixou e segurou a camisa do vagabundo, que sorria. — Vou me certificar de que você tenha uma boa estadia na prisão. Aposto que você não sabe o que fazem com estupradores assassinos na cadeia, sabe?

— Você não pode falar assim com ele. Essa ameaça tem que ir pro relatório junto com toda a papelada que seu pessoal está trazendo. — Ele já estava saindo da sala quando adicionou: — Deixe esse homem fazer a porra da ligação para o advogado dele ou vai ser bem pior pra você, delegado.

O chefe sentou na cadeira à frente do meliante, não dando muita atenção para o RH, que saiu da sala batendo o pé e bufando. Aproveitei e entrei na sala, seguido por André.

— Mandou nos chamar, chefe? — perguntei, não tirando os olhos do filho da puta que continuava com um sorriso presunçoso no rosto.

— Mande sim, filho. Como está a menina, a Sabrina? Aposto que esse desgraçado vai ficar feliz em saber que ela está viva.

Observei seu rosto se contorcer de dor e vi marcas no canto da boca, uma porrada talvez. *Algo sutil, nada que vá ao relatório*, pensei.

— Fomos informados pela médica que está cuidando da Sabrina que ela passará por duas cirurgias, mas que ficará bem — André falou com raiva. — Nada comparado com o que vai acontecer com você na cadeia, pode ficar tranquilo — disse, chegando perto do meliante. — Chefe, se o senhor autorizar, o Arthur e eu ficaremos bem felizes em levar esse bosta — Deu um tapa na

cabeça do cara — para a penitenciária.

Não falei nem uma palavra. Só fiquei encarando o cara que quase matou aquela menina enquanto ele me encarava de volta, como uma competição.

— Desculpe, meninos, mas já prometi isso ao Gilberto e ao Roger. Eles chegaram primeiro. — Senti sua mão em meus ombros. — Vocês deveriam descansar. Já estão há 60 horas de serviço, daqui a pouco o Fábio do RH ao invés de defender vagabundos — Chutou a perna do cara, que continuava me encarando —, vai querer processar a delegacia por fazer nossos policiais trabalharem demais.

— Por que você bateu nela? — perguntei, ignorando meu chefe e meu colega. Como ele não respondeu, bati na mesa e gritei palavra por palavra — Por que. Você. Bateu. Nela?

— Não adianta, Arthur. Ele não disse uma palavra...

— Porque ela me pertence — ele respondeu.

Meu chefe o encarava boquiaberto.

— Ela é minha esposa, me deve respeito.

Soltei uma gargalhada com tanto ódio que fez André se encolher.

— Te pertence? Não me faça rir. — Cheguei perto dele, encostando nossas testas, fazendo-o chegar alguns centímetros para trás. — Ela não é mais sua mulher. Você nunca mais vai vê-la. Você sequer vai falar o nome dela novamente. Entendeu?

— Arthur! — André me puxou para trás, ficando entre mim e o cara que me olhava ainda sorrindo. — Não vale a pena, cara.

— Não vale a pena? — perguntei incrédulo. — Você viu o que esse merda fez com a Sabrina.

— Não fala a porra do nome dela — Rafael gritou, levantando da cadeira. — Não chega perto dela, ouviu? — Se atirou em cima de nós. Mas antes que pudesse nos alcançar, o delegado o segurou e o sentou novamente. — Você não tem o direito de falar o nome dela. — Ele suava e o sorriso foi substituído por raiva.

— Por quê? Tá com medo de que sua esposa vá se interessar pelo meu amigo policial aqui? — André o estava provocando.

Já o havia visto fazer isso para fazer um criminoso confessar. Mas esse não era o caso. Pegamos ele em flagrante, nada o faria sair da cadeia.

— Mesmo que não se interesse por mais ninguém, ela nunca mais vai ver você de novo. Tá me ouvindo? Você nunca mais vai conseguir chegar perto dela de novo. Quando você sair da cadeia, se sair, vai estar velho demais pra conseguir encontrá-la. — Ele se virou e ficou de frente para mim. — Quanto tempo acha que ele vai ficar na cadeia? 50, 60 anos?

André ria.

O cara agora olhava para o nada com expressão de dor. Antes de conseguir responder, o filho da puta tirou a arma do coldre do meu colega, que estava distraído, e apontou para a cabeça dele antes que o delegado, que estava de longe nos observando, pudesse fazer algo.

— Eu a amo. — Começou a chorar, ainda segurando a arma contra a cabeça do André. — Sempre a amei. Sabe quanto tempo estamos juntos? — perguntou, tremendo. — Oito anos. Você acha mesmo que ela vai conseguir se livrar de mim assim, sem mais nem menos? — Ele puxou o gatilho, mas não disparou a arma.

— Ei, calma, cara — falei, tentando acalmá-lo. — Você vai ficar na cadeia por 30 anos ou menos se tiver bom comportamento. — Levantei as mãos para ver que não ia tentar nada. — Aposto que ela ainda vai estar te esperando.

— Não, eu sei que ela não vai. — Sua risada fez meu estômago revirar. — Provavelmente vou ficar na cadeia tempo o bastante para ela me esquecer. Não é?

A cada clique que a arma dava, meu coração saltava. André se mantinha calmo.

— Provavelmente depois disso aqui você nunca mais vai sair. — Ouvi meu colega dizer antes de escutar o tiro e ele cair no chão.

Tanto eu quanto o delegado ficamos parados olhando para André, que caía sem vida no chão, enquanto o desgraçado que atirou apontava a arma para mim.

— Diga a ela que a amo — disse, antes de apontar para a própria cabeça e disparar novamente.

Nada depois daquilo fazia sentido. Tudo parecia em câmera lenta. Outros policiais entraram na sala e começaram a socorrer André, caído no chão. Ouvi o delegado gritando comigo, tirando-me de lá e me levando para outro cômodo. Mas a imagem não saía da minha cabeça.

Vi os paramédicos entrando e uma maca com um corpo dentro de um saco preto ser levada. Mais pessoas entrando e saindo. Pessoas falando comigo. Outra maca apareceu na porta e vi meu amigo ser levado para dentro de uma ambulância. Só depois disso comecei a raciocinar novamente.

Ouvi sussurros na sala ao lado e escutei quando alguém falou que o tiro passou de raspão e que ele ficaria bem.

Nesse momento caí no chão chorando. Não me importava se estava parecendo uma criança e se todos estavam vendo minha histeria, só queria chorar e tirar aquela angústia do peito.

Não lembro como, mas consegui sair da delegacia e chegar em casa.

Deitei no sofá horas depois e adormeci.



Abri os olhos e a primeira pessoa que enxerguei foi minha vizinha segurando minha mão. Ela parecia estar dormindo com a cabeça encostada na cadeira.

Tentei puxar minha mão da sua quando vi os esparadrapos e agulhas no meu braço. Puxei com força, tomando conhecimento de onde eu estava. Não conseguia respirar. Minha garganta estava trancada com alguma coisa. Tentei puxar e não consegui. O pânico me atingiu em cheio. Comecei a me debater e tirar as agulhas do meu braço, fazendo jorrar certa quantidade de sangue para cima.

— Enfermeira! — Ouvi Dona Claudete chamar, levantando da cadeira. — Ela acordou — gritou quando ninguém apareceu.

Continuei me debatendo sem conseguir respirar. Tudo doía. Meu abdômen, meu pescoço. Quando consegui colocar minha mão no pescoço e senti algo em volta dele, as lembranças começaram a clarear minha memória. Não pude evitar começar a chorar e me debater mais ainda.

— Mia Imã — tentei falar, desesperada, com o tubo ainda na minha garganta. — ão eixe ee mia imã. — Segurei a mão da minha vizinha o mais forte que pude.

Ouvi sons de passos apressados pelo corredor antes de uma médica seguida por alguns enfermeiros entrar tirando o tubo da minha boca.

Engasguei e senti o gosto metálico do sangue, engolindo várias vezes a saliva. Continuei me debatendo.

— Sabrina — a médica falava comigo. — Preciso que você se acalme. Por favor. — Ela passava a mão em meu rosto e cabelo, enquanto verificava a aparelhagem que estava ligada ao meu peito. — Shh, se acalme. Preciso que fique calma.

— Minha irmã — consegui dizer, e fiquei horrorizada com a voz estrangulada que saiu da minha boca. A dor que causava toda vez que falava ou respirava era insuportável.

Consegui ficar parada enquanto uma enfermeira fazia os procedimentos que a médica ordenava.

Vi quando ela levantou o lençol e meu abdômen tapado estava com um curativo enorme.

— Vou explicar tudo para você num instante — falou sorrindo. — É tão bom ver seus olhos abertos, menina.

Olhei para o lado e Dona Claudete ainda segurava minha mão com lágrimas nos olhos.

— Minha — tentei falar novamente, colocando uma mão na garganta com a dor que senti.

— Você não pode falar ainda, senão vai acabar arrebitando os pontos — a médica falou suavemente. — Preciso que todos saiam. Inclusive a senhora, Dona Claudete. Depois que eu conversar com a Sabrina, mando chamar a senhora de novo. Coma alguma coisa no refeitório. — Segurou a mão da idosa. — Gabi, acompanhe Dona Claudete até o refeitório e diga a eles que ela pode pegar qualquer coisa em meu nome, por favor.

— Não há necessidade, minha filha — a voz dela saiu embriagada. Sua aparência estava cansada.

— Por favor, faça isso por nós. — Fez um beicinho e não pude deixar de sorrir.

As duas me olharam com os olhos cheios de lágrimas.

— Tudo bem — Dona Claudete falou, segurando o braço da enfermeira chamada Gabi. Secou as lágrimas que escorriam pelo rosto e saiu fechando a porta.

A doutora rodeou a cama em que eu estava, olhou os aparelhos, pegou uma prancheta que estava sobre a mesa e fez algumas anotações. Voltou até a cama, olhou meu pulso e colocou um adesivo no local onde arranquei a agulha. Olhou de cara feia para mim antes de voltar até a prancheta e escrever novamente. Fez mais alguns exames no meu corpo. Perna, braço, abdômen. Quando chegou no pescoço, agitei-me e ela parou. O local ainda estava bem dolorido.

Algumas lágrimas rolaram pelo meu rosto e ela as secou antes de sentar na cadeira ao meu lado.

— Eu preciso que você me prometa que não fará nada para se machucar e irá escutar tudo o que eu disser atentamente e sem me interromper. Ok?

Fiz um ok com a mão, já que não podia falar.

Ela deu um meio sorriso antes de voltar a ficar séria.

Seus dedos batiam com força no braço da cadeira enquanto escolhia as palavras certas para me dizer.

— Sabrina — começou —, não sei o que você lembra da noite em que veio para o hospital e não quero entrar em detalhes para não te deixar nervosa.

Tarde demais. Já estava nervosa. Mas não demonstrei para que ela continuasse.

— Você foi bastante machucada. Fraturou uma costela, resultando na perfuração do seu baço e fígado. — Ela fez uma pausa. — Sua clavícula também foi fraturada e, devido a força... — Ela pigarreou e olhou para o chão. — Com a força que ele fez pra te enforçar, forçou suas cordas vocais. Estão bastante inchadas e vai levar um tempo até você conseguir falar sem sentir dor.

As lágrimas já caíam em minhas bochechas, fazendo minha garganta arder.

— Nós também tivemos que fazer uma cirurgia de emergência para tentar salvar seu bebê, mas não consegui...

Não consegui mais ouvi-la. A dor em meu peito estava me causando ânsia. Grávida. Eu estava grávida daquele monstro e mesmo assim me espancou até quase me matar.

Eu sempre quis ter um filho. Sempre quis algo para chamar de meu, para cuidar e amar. Mas não queria ter com ele. Tentei deixá-lo várias vezes durante esses oito anos em que estávamos juntos, porém sempre jurou que se eu o deixasse, ele iria na mesma hora procurar minha irmã e faria com ela ainda pior do que fazia comigo. Eu não podia deixar aquele monstro chegar perto dela. Não podia. Não queria um filho com ele. Nunca quis. E me senti péssima por pensar assim, mas ainda bem que essa criança não iria nascer.

— Sabrina? — A doutora me tocou, me fazendo dar um pulo. — Você não sabia, não é?

Balancei a cabeça em negativa, chorando muito.

— Sinto muito, querida. — Ela chorava também. — Mas não consegui salvar seu bebê. A hemorragia era grande demais. Não consegui conter a tempo.

Balancei a cabeça, segurando sua mão. Não era culpa dela.

— Você ficará boa logo, eu prometo. E logo poderá voltar pra casa.

Arregalei os olhos, assustada com a ideia de voltar para a casa dele. Se ele saísse da cadeia, iria atrás de mim e terminaria o que havia começado.

— Ele não vai atrás de você — ela falou, percebendo meu pânico. — Tem mais uma coisa que preciso te contar. Mas, se você estiver cansada demais, posso voltar aqui depois e conversamos mais.

Balancei a cabeça em negativa. Eu precisava ouvir. Precisava saber toda a verdade.

— O seu esposo morreu. — Ela pausou, esperando por alguma reação minha, antes de acrescentar: — Ele atirou em um policial e depois atirou contra a própria cabeça.

Não estava aliviada, mas também não fiquei chateada com a notícia da

sua morte. Na verdade, não senti nada. Não me desesperei. Não chorei. Não fiquei feliz. Não senti nada. Somente um vazio. Nada de remorso. Nenhuma emoção. Nada.

— O policial está bem? — perguntei com muita dor, vendo a preocupação em seu rosto.

—irá ficar.

Eu assenti.

— Vou deixar você descansar agora. Volto daqui a algumas horas para verificar como estão seus pontos — falou, passando as mãos em meus cabelos. — Tudo vai ficar bem a partir de agora.

Ela deixou o quarto e adormeci pouco tempo depois. Um alívio se instalou no meu peito. *Tudo ficará bem*, repeti mentalmente. Tudo ficará bem.

6
Arthur
(Lembranças)



Eu sabia que estava sonhado, mas vê-la novamente trouxe calor ao meu peito e a dor de saber que nunca mais poderia tê-la.

Ver seu rosto e ouvir sua risada, mesmo que em sonho, me faziam sentir bem. Então deixei a lembrança me consumir naquele momento.

Lembro-me direitinho do dia em que a conheci. Seus pais estavam fazendo um churrasco para comemorar que seu filho mais velho havia conseguido passar na academia da polícia. Como minha mãe trabalhava para eles desde sempre, nós fomos convidados.

E lá estava ela, descendo as escadas com as amigas. Sua gargalhada fez minhas entranhas darem rodopios. Não conseguia desviar o olhar do seu sorriso, que mesmo não sendo para mim, me fazia feliz.

— Cuidado para não escorregar na sua baba. — Meu pai me cutucou de leve.

— O quê? — perguntei, rindo, ainda olhando para ela, que agora me olhava curiosa.

— Pare de ficar comendo a menina com os olhos, rapaz. A família dela vai te expulsar daqui e vão acabar demitindo sua mãe. — Seu tom era sério, mas seu olhar divertido dizia que estava brincando.

Mesmo sabendo que meu pai estava brincando, obedeci e parei de encará-la. Mas era impossível não procurar por ela toda vez que ouvia aquele som. Sua risada.

Quando seu irmão apareceu com a farda de policial, todos aplaudiram, menos ela. Parecia chateada, com raiva até. Porém, mesmo assim, não deixou de abraçá-lo.

O churrasco já estava acabando quando a vi sentando na escada, afastada de todos, e tomei coragem de ir falar com ela.

— Oi. — Ela sorriu para mim.

Foi nesse momento que soube que estava perdido.

— Oi — respondi, sentando ao seu lado.

— Você vem sempre aqui? — ela perguntou, ainda sorrindo.

Não pude evitar de retribuir o sorriso. Ela era leve, não havia malícia

em seus olhos. Só a pureza do seu sorriso.

— Foi a pior cantada que já recebi — respondi.

— E quem disse que foi uma cantada? — falou, parecendo ofendida.

— Nossa, me desculpe. É que achei... — Parei de falar no momento em que sua gargalhada tomou conta.

— Você tinha que ver sua cara. Me desculpe, não pude evitar. — Ela estendeu sua mão e a segurei, mesmo não sabendo o porquê. — Sou a Jaqueline, mas pode me chamar de Jaque.

— E quem disse que eu queria saber seu nome? — Imittei sua cara de ofendida de antes. Ela caiu na gargalhada mais uma vez. — Sou o Arthur.

Conversamos por horas, não ligando para ninguém ali. Nem para quem já havia ido embora e nem para quem havia ficado.

De vez em quando sentia o olhar das pessoas sobre nós. Até porque era difícil ignorar as risadas da Jaque.

O churrasco havia terminado. Suas amigas haviam se despedido. Seus tios avisaram que estavam indo dormir. E nós ficamos lá.

Descobri que ela tinha 16 anos, o que não era nenhum problema, porque eu havia feito 17 fazia pouco tempo. Ela queria estudar veterinária e resgatar os bichinhos nas ruas. E eu não via nenhum problema em ter uma casa grande com vários cães e gatos correndo por aí.

Quis tocar em suas costas quando me falou sobre suas preocupações em relação ao irmão, que iria para as ruas enfrentar o perigo. Quis abraçá-la quando vi uma lágrima solitária rolar por seu lindo rosto.

— Arthur. — Ouvi minha mãe ao longe.

Mas estava tão encantando que nem me virei para ver quem estava chamando.

— Arthur, acho que sua mãe está chamando. — Ela ficou em pé, espreguiçando-se. — Me dá seu celular.

— Ah, claro, é 98815... — ela gargalhou quando fiquei de pé. — O que foi?

— O seu aparelho, não o número. — Quando entreguei, ela anotou alguma coisa nele, me deu um beijo no rosto e entregou o celular. — Obrigada por ter vindo. Me manda mensagem quando quiser conversar.

Vi que estava entrando em casa ainda com o aparelho em mãos. Mandei mensagem para o número que ela anotou.

"Pode ser agora?"

Ouvi-a gargalhar com seu celular em mãos antes de fechar a porta.

Eu estava apaixonado.

Começamos a namorar pouco tempo depois. Não conseguia ficar longe

dela. E quando não estávamos perto, trocávamos mensagens. Sempre deixava claro que ela era tudo para mim e que era a mulher da minha vida.

Dois anos se passaram e continuávamos firmes em nossa relação. Ela havia terminado o ensino médio e começado a faculdade de veterinária. Comecei a fazer Direito um ano antes com uma bolsa de estudos. Queria ser alguém na vida para dar a ela tudo o que quisesse.

Eu a amava cada dia mais. No dia que tivemos nossa primeira relação, ela recebeu uma ligação dos pais avisando que o irmão havia sido baleado e morto em uma troca de tiros com bandidos.

Foi o pior dia da vida dela. Sentia-me um inútil por não poder fazer nada para fazê-la sorrir novamente.

Foram meses até ela se recuperar.

Eu havia comprado uma aliança para pedi-la em casamento. Já havia falado com seus pais, que choraram de felicidade. Eu estava feliz e ao mesmo tempo apreensivo por achar que era cedo demais.

Ela aceitou na mesma hora, chorando e sorrindo. Eu sabia que ela me amava e estava feliz ao seu lado. Nada no mundo poderia me deixar mais feliz que saber que íamos formar uma família.

Mais um ano se passou e ela começou a apresentar comportamento estranho. Sempre que eu perguntava sobre o assunto, ela ficava nervosa e ameaçava ir embora se não a deixasse em paz. Assim eu fazia. Quando via que estava estranha, deixava-a quieta.

Quando ela terminou o primeiro estágio da faculdade, resolvemos que era hora de morarmos juntos. Alugamos um apartamento perto da faculdade, para economizar e conseguir comprar nossa casa própria.

Mais um ano se passou desde a morte do seu irmão, e nossa relação estava cada vez pior. Ela começou a perder peso, não queria mais comer. Começou a fumar muito. Ficava irritada com qualquer coisa. Chegava bêbada em casa com as amigas.

E foi em uma dessas vezes que encontrei um embrulho no bolso da jaqueta dela. Crack.

Meu mundo foi ao inferno. Ela estava se drogando e eu não percebi. Obriguei-a a participar de terapias, mas nada estava ajudando. Cada vez mais magra. Nossos eletrodomésticos e alguns móveis começaram a sumir de dentro de casa, e sua presença ficava cada vez mais inconstante.

Tomei a decisão de trancar nossa faculdade e ficar em casa cuidando dela.

Um mês depois recebi uma ligação dos seus pais. Ela havia sido encontrada morta em um beco com um tiro na cabeça. Disseram que foi porque

ela devia muito dinheiro para o tráfico.

Fiquei sem chão. Não consegui fazê-la feliz. Não consegui salvá-la. Eu era um merda.

Eu a amei, e isso não foi o suficiente para cicatrizar suas feridas.

Pouco tempo depois entrei para a polícia. Queria fazer justiça com as próprias mãos, mas o que consegui foi afastar minha família e meus amigos. E morrer por dentro.

A dor te tê-la perdido jamais vai sair de mim. É o que sou. Faz parte do meu ser. Me faz lembrar de que fui muito bosta e que não sou bom o suficiente para ninguém.

Acordei com lágrimas e o peso das lembranças.



Hoje completou uma semana desde a morte do Rafael. Uma semana sabendo que nunca mais o veria, que nunca mais ele tocaria em mim. Porém, mesmo sabendo disso, meu corpo reagia instintivamente quando pessoas chegavam muito próximo ou me tocavam sem minha autorização.

Ainda não conseguia falar. A Doutora Larissa avisou que poderia demorar para conseguir pronunciar uma frase inteira sem engasgar. Embora eu tentasse todos os dias, apenas conseguia dizer algumas palavras antes da dor aguda aparecer, pois isso machucava ainda mais minhas cordas vocais.

Fiquei sabendo também que o policial em quem o Rafael havia atirado já estava no quarto para visitas desde ontem. Mas não tive coragem de visitá-lo, apesar de ele ainda estar em coma.

O horário de visitas acontecia somente por uma hora no setor em que estávamos, e eu poderia simplesmente andar pelo corredor e ir vê-lo. Porém, e se ele acordasse e visse a mulher do cara que quase tirou sua vida perto dele? Provavelmente iria surtar. Eu iria surtar.

Todos os dias a Dona Claudete vinha me visitar. Trazia uma flor do seu jardim e conversava comigo a hora inteira. Falou que foi até minha casa e limpou, para que quando eu chegasse estivesse tudo no devido lugar. O gosto amargo sempre aparecia em minha boca quando ela falava que a casa dele era minha.

Eu não queria voltar para casa. Por mim poderiam tocar fogo e eu morar na rua, o que seria melhor. Mas há dois dias apareceu um advogado que me fez entender que o merda do Rafael me devia isso. E que, como eu era sua esposa no papel e ele havia herdado a casa, poderia vendê-la e morar onde eu quisesse.

Olhando no espelho, vendo minhas cicatrizes e machucados, que agora estavam voltando à cor normal, sabia que ele me devia isso.

— Onde ela está? — Ouvi Dona Claudete perguntar a uma das enfermeiras.

— Aqui — respondi com a voz estrangulada.

— Sua aparência está melhor — falou, parando na porta. — Já está podendo andar sem arrebentar os pontos?

— Sim. Doutora Larissa. — Fiz uma pausa, sentindo o acúmulo de saliva

na garganta. — Pontos secos — por fim completei.

Ela esperou até que terminasse de falar e entrou no banheiro, tocando em meu ombro. Respirei fundo. Ela pode. Ela pode.

— Vamos dar uma volta então? — Me olhava pelo espelho à nossa frente, não percebendo meu desconforto.

Assenti com a cabeça, não tentando falar mais. Uma engasgada e me colocavam na cama novamente para não morrer sufocada. E não aguentava mais ficar naquela cama.

— Conversei com a doutora hoje. — Ela parou com uma cadeira de rodas em minha frente. — Ela disse que só mais alguns dias e você poderá voltar para casa.

Ela está animada, pensei, sentando na cadeira com relutância. Eu também ficaria se tivesse que visitar uma estranha todos os dias no hospital. Ela não me devia nada. Sabia que tinha sido a ela quem havia feito a denúncia que tinha salvado minha vida e seria eternamente grata por isso, mas ela não tinha o dever de me visitar. Porém, eu não era louca de reclamar. Aprendi essa semana que com Dona Claudete nem as enfermeiras conseguiam argumentar. E podia ser loucura da minha cabeça, mas até a doutora fazia o checkup somente depois que Dona Claudete fosse embora.

Passamos pelas enfermeiras, que olhavam sorrindo para mim e desconfiadas para minha vizinha, que me carregava vagarosamente pelo corredor do hospital. Ela falava sobre sua horta, que havia plantado feijões ou algo parecido e que já estavam brotando. Eu balançava a cabeça, fingindo ouvir atentamente o que ela falava.

— Arthur. — Ouvi-a gritar, fazendo-me dar um pulo da cadeira.

Nas últimas semanas ela falava constantemente sobre alguém chamado Arthur. Mas, como os outros assuntos, só balançava a cabeça concordando.

Um homem alto vinha em nossa direção sorrindo. Perto demais. Perto demais. Um pânico começou a brotar em meu peito. Ele acenou para nós e continuou andando.

— Querida, esse é o policial que te salvou. — Dona Claudete segurou meu braço, e mais que rapidamente puxei, afastando-me. — Tudo bem, Sabrina?

O homem continuou andando e olhando para mim. Diretamente para mim. Em meus olhos. E uma dor latejante e constante em meu corpo me fez soltar um grito desesperado.

Ele parou de andar e só me encarava. Seu semblante era de preocupação.

Por favor, não chegue perto. Por favor, não chegue perto. Repetia mentalmente enquanto uma enfermeira me examinava ali mesmo, no corredor.

Eu olhava fixamente pra ele, sem conseguir movimentar nenhum

músculo. Ouvi sussurros das enfermeiras pedindo que Dona Claudete as deixassem me levar novamente para o quarto até a doutora chegar. Mas meu olhar continuava nele.

Como se lesse meus pensamentos, ele acenou com a cabeça, ainda cabisbaixo, e entrou no quarto do policial que o Rafael havia tentado matar.

A dor passou, mas a angústia ainda estava em mim. O pânico foi diminuindo assim que voltamos para o quarto. Deitei na cama e fiquei olhando para o teto até meu coração parar de saltar acelerado. Dona Claudete sentou na cadeira ao lado da cama.

Ela esperou até as enfermeiras saírem do quarto para começar a falar.

— Minha querida, nós vamos dar um jeito nisso. — Segurou minha mão e com relutância não a puxei. — Prometo que não vou deixar mais ninguém fazer mal a você.

Olhei para ela com os olhos cheios de lágrimas, agradecendo mentalmente e sorrindo com desdém. Pensando: *Olhe pra você, como vai conseguir me proteger?*

Ela riu como se soubesse o que eu havia pensado.

— Eu sei, eu sei. O que uma velha caquética vai fazer pra te proteger, não é mesmo?

Dei risada, provando a ela que era exatamente isso que eu estava pensando.

— Não sei bem como vou fazer isso — afirmou, sussurrando. — Mas prometo nunca mais te deixar sozinha. Vou estar sempre ao seu lado e te apoiar em tudo. Como uma mãe deve fazer. — Ela chorava baixinho e percebi que minhas bochechas estavam molhadas. — Prometo, Sabrina, que nunca mais você vai passar por tudo aquilo de novo. E vamos dar um jeito em tudo. Prometo.

— Obrigada — murmurei.

A essa altura chorávamos muito. E nem me importei quando ela levantou e me abraçou. Foi meu primeiro abraço há muito tempo, e o conforto que ela me passou não tinha explicação.

— Desculpe interromper, meninas. — Ficamos tão emotivas que não vimos a doutora chegando. — Mas acabou o horário de visitas e eu preciso examinar nossa amiguinha aqui.

Agradei mais uma vez à Dona Claudete antes de ela me soltar.

— Então, Sabrina — ela começou assim que a outra foi embora —, recebi uma mensagem avisando que você gritou no corredor do hospital quando viu um gato, foi isso mesmo?

— Não. Um gato? — perguntei, confusa. — Não vi nenhum gato pelos corredores.

Ela riu e começou a me examinar.

— Foi assim que as enfermeiras descreveram o carinho que ficou te encarando no corredor.

Não respondi. Esperei-a tirar a bandagem do meu abdômen e olhar os pontos. *Eu deveria falar sobre o pânico que sinto quando as pessoas chegam perto de mim? Provavelmente. Mas não hoje.*

— Só senti dor. Tentei falar mais cedo com Dona Claudete — continuei falando. — Pode ter machucado algum...

— Você falou com ela como está falando comigo agora?

Eu sorri. Minha voz estava estranha ainda, mas não engasguei nenhuma vez durante o tempo em que conversamos.

— Foi mais rápido do que imaginei. — Ela apertou minha mão. — Você vai se curar rápido, menina. Sei disso.

Sua voz estava cheia de emoção, mas ela não iria chorar. Disse que havia levado a maior bronca por ter demonstrado sentimento no dia em que acordei.

— Obrigada.

Vi-a saindo do quarto e fechar a porta.

Eu estava feliz. *Minha voz voltou. Não senti pânico quando Dona Claudete me abraçou. Eu vou me curar. Vou conseguir dar a volta por cima e esquecer tudo o que o Rafael fez comigo. Posso até tentar procurar minha irmã.*

Mas tinha uma coisa que eu deveria fazer para me livrar desse mal-estar: tomar coragem e ver o homem que Rafael quase matou. *Eu sei que não é culpa minha.* De qualquer forma, sentia que devia isso a ele.

Eu esperaria até as enfermeiras trocarem de turno e iria vê-lo.



Estava sentado olhando a mesma cena faziam cerca de quatro horas. Paulo, encurvado sobre André, segurava a mão do filho e levava ao rosto. Todas as vezes ele fungava e ameaçava chorar.

— Acorda, filho — resmungou. — Você precisa acordar. Sua irmã precisa de você.

Aquela cena me trouxe lembranças desconfortáveis. Mas, ao invés de um hospital, o cenário era um velório.

O homem estava sofrendo e não queria deixar o filho no hospital sozinho, então me dispus a passar todas as noites ali.

Depois do incidente me deram férias forçadas de três meses para esfriar a cabeça. Eu disse que não precisava, mas as duas vezes em que fui ao consultório do psicólogo, ele afirmou que ver meu amigo ser baleado e não sentir nada era pior do que demonstrar sofrimento.

Eu sofria por vê-lo naquele estado. Sofria pela família dele. Mas o ódio que sentia pelo cara que o havia deixado assim era muito maior que qualquer sentimento que eu poderia demonstrar.

— Filho, por favor. — O choro de seu Paulo ficou maior.

— Seu Paulo, acho que está na hora de o senhor ir descansar — falei, colocando as mãos em seus ombros trêmulos. — Vá descansar, eu fico cuidando dele. Quando ele acordar, prometo que ligo para o senhor.

— Tudo bem, meu filho — disse, levantando e me abraçando. — Obrigado mais uma vez por ficar ao lado do André.

Acenei com a cabeça quando ele saiu, ainda emocionado. Era o mínimo que podia fazer. Ele precisava cuidar da filha pequena, já que a esposa não estava mais entre eles. Mas, quem eu estava tentando enganar? Fazia isso porque era para eu estar no lugar do filho dele naquela cama. Era para eu ter levado aquele tiro. Não tinha nenhum outro lugar que eu precisava estar, se não ali, ao lado do cara que levou um tiro por mim.

— Filho da puta — resmunguei, sentando ao lado da cama.

— Ele era mesmo.

Virei o corpo e olhei para a porta, onde uma mulher estava escorada. O corredor estava mal iluminado e não consegui ver seu rosto.

— Não seu amigo, claro — ela continuou, com a voz engasgada. — O cara que fez isso com a gente. Ele era um filho da puta.

— Sabrina?! — falei seu nome alto demais, fazendo-a dar um passo para trás. — É, ele era um filho da puta.

Ela deu um suspiro e percebi que estava relutante ao entrar no quarto.

— Como ele está?

— Vai ficar bem, ele é forte. Assim como você.

Ela me encarou e pude ver seu rosto.

Os machucados já estavam cicatrizando e o tom de sua pele voltando à cor natural. Estava descalça e segurava um suporte com a medicação. Ela me encarava assustada. Eu queria abraçá-la, confortá-la, e nem sabia o porquê. Mas, pela reação que teve quando nos encontramos no corredor mais cedo, sabia que não seria confortável para ela. E nem para mim.

— Eu só queria...

— Eu não quis...

Falamos juntos e ela sorriu tímida. Retribuí sem nem mesmo notar.

— Você pode ficar aqui? — perguntou, inquieta. — O horário de visitas acabou faz tempo.

— Ele precisa de acompanhante durante a noite até poder respirar sozinho — respondi. — E você? Pode ficar andando por aí sozinha?

Ela não respondeu. Continuou me encarando, apavorada.

— Estou brincando.

Ela soltou o ar pela boca e eu me senti a pior pessoa do mundo. Provavelmente tinha ido até ali para ver o estrago que seu marido havia feito com outra pessoa. Meu estômago revirou com o pensamento.

— Como você está?

— Ainda não sei. Pareço estar melhorando por fora, mas por dentro estou no inferno — respondeu, arregalando os olhos.

Surpreendi-me com sua resposta tão sincera. Pelo seu jeito contrariado, ela também havia se surpreendido.

Não falei nada. Ela apenas olhou novamente para André com todos aqueles tubos e faixas em sua cabeça e se dirigiu à porta para sair.

Eu deixei. Não conseguia pensar em nada para confortá-la. O cara havia fodido com ela e com meu amigo. A única coisa que eu conseguia pensar era em como eu não consegui fazê-lo sofrer por ter causado tanto mal a eles.

— Não foi sua culpa. — Corri para a porta. — Nada disso é culpa sua. Sabe disso, não é?

Ela virou assustada e olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas. A raiva que senti pelo filho da puta que fez isso com eles voltou com força. Ela

realmente estava se culpando. Eu queria gritar e dizer que a culpa era do seu marido morto, mas isso só a deixaria com mais medo.

Então, quando ela acenou com a cabeça e sorriu de modo triste, apenas retribuí o gesto com um meio sorriso.

Ela voltou a andar pelo corredor e enfim pude soltar o ar dos pulmões, sem perceber que havia prendido.



Sabrina

Mais de uma vez fiz aquele caminho mentalmente. Era para ele ter ido embora junto com Dona Claudete assim que terminou o horário de visitas. Não imaginava que estaria ali. Não teria ido se soubesse, muito menos teria falado com ele. Foi um erro. Um erro enorme.

Aquilo me machucava por dentro.

Vi seu sofrimento e fiquei parada na porta vendo-o olhar para o amigo em coma. A única coisa que consegui pensar foi que o Rafael era um filho da puta infeliz.

E foi o que ele disse. De alguma forma, eu queria que ele soubesse que mais pessoas pensavam assim também, então iniciei uma conversa estranha. Fiquei surpresa e brava comigo mesma por ter revelado o que sentia. O que eu estava pensando? Não estava. Foi fácil revelar isso a ele, mas me doía ficar tão próxima, então resolvi voltar para meu quarto.

— Não foi sua culpa — ele falou, me assustando. — Nada disso é culpa sua. Sabe disso, não é?

Demorei um tempo até ligar os pontos. E doeu muito sua percepção. Eu não me culpava. Culpava?

Não consegui responder. Acenei para ele antes de voltar para o corredor mal iluminado e depois para meu quarto.

Foi doloroso? Mais do que posso admitir. Quando vi o cara deitado na cama quase sem vida, cheio de tubos, só consegui pensar no quanto o Rafael era desgraçado por isso. No quanto o inferno deve estar adorando sua alma. E no quanto eu era fodida por pensar que a culpa de tudo isso era minha.

Talvez a ideia de passar por um psicólogo parecia muito uma boa oferta.

Meu corpo estava dolorido e precisava dormir para absorver tudo o que

tinha passado hoje. Porém, minha mente não parava de voltar para a conversa estranha que havia tido agora há pouco. Em como me senti aliviada com suas palavras e na surpresa que tive ao me abrir com aquele estranho.

Rezei baixinho, pedindo para tirar essa angústia e esse pânico que me consumiam. Implorei para que o policial baleado se recuperasse logo e conseguíssemos seguir com nossas vidas sem que mais nenhum mal nos atingisse.

Adormeci chorando.



As manhãs no hospital eram as mesmas. Alguém trazia meu café com torrada ou bolacha salgada, verificava alguma coisa na prancheta e saía sem falar nada. Dez minutos depois, faziam a troca de turno, a qual era o ápice do meu dia, pois todas as enfermeiras falavam ao mesmo tempo sobre maridos, filhos, gatinhos que pegaram na boate mais próxima, calcinhas e maquiagem. Gostava de ouvi-las, principalmente porque não tinha muita escolha. Elas usavam meu quarto para fofocar, já que provavelmente no corredor levariam bronca por todo aquele barulho. Eu não falava muito, e ouvir suas baboseiras, de certa forma, era reconfortante.

Eu tinha certeza que já estava liberada para voltar para casa, e até queria. A própria doutora já havia dito que era só eu pedir e ela me dava alta, mas aquele peso em meu peito de saber que teria que morar naquela casa me fazia mudar de ideia toda vez que pensava em pedir. E saber que mais à frente no corredor alguém que o Rafael também machucou ainda estava em coma me fazia querer ficar só para me sentir menos culpada.

Todos os dias eu esperava até que o Arthur fosse embora e o pai do André viesse ficar com ele. Aguardava até 10h15, quando ele descia para buscar o café, para ir ao quarto do André para vê-lo.

Doía?

Muito.

Mas era necessário para minha alma não se esquecer do verme que meu marido era.

Eu ia ao seu quarto e lhe passava certo conforto. Contava quem o visitava, falava como tinha sido meu dia e, principalmente, tentava passar forças para ele acordar. Queria que soubesse que não estava sozinho e que aquele monstro não poderia mais nos causar mal.

— Hoje foram três torradas — falei, chegando perto da sua cama. — Consegui até que passassem manteiga em uma delas. Claro, com o aviso de que a doutora não soubesse.

Sentei na cadeira ao lado da cama. *Tenho quinze minutos*, pensei.

— Sua pele está muito bonita hoje — falei, passando a mão em seu rosto, que já apresentava barba. — Seu amigo, Arthur, fica todos os dias aqui com

você. E ontem veio uma moça muito bonita te visitar — disse, com o rosto corado. — Não que eu fique escutando atrás da porta, mas acho que o nome dela é Maitê. Ela pediu um minuto a sós para seu pai, e quando ele saiu, segurou sua mão e chorou muito. — Limpei uma lágrima solitária que rolou por minha bochecha. — Você deve ser uma pessoa muito especial, André, pois recebe visitas constantes. Você tem que ficar bem e provar pra todo mundo que gosta de você que é o herói de que todos falam. — Fiquei de pé para ir embora e acariciei suas mãos geladas. — Espero que acorde logo, ou seu amigo vai acabar virando um zumbi.

Dei uma última olhada para ele e saí. Assim que passei pela porta do meu quarto, o pai do André estava entrando no corredor.

— Estou ficando boa nisso. — Sorri, satisfeita.

— Boa no quê, dona Sabrina? — A doutora me encarava, sentada na beira da minha cama.

— Ah... Em. Ah. — Tentei achar uma boa desculpa, mas era a terceira vez na semana que ela me via fora do quarto, passeando pelo corredor.

— Eu vi você no quarto do meu outro paciente. — Ela saiu da minha cama pulando. — Pode ficar tranquila, não é nenhum crime. Mas aconselho você a ir ao nosso psicólogo ao invés de conversar com alguém que não pode te dar conselhos.

— Não preciso de conselhos — falei, deitando. — Preciso que aquele garoto fique bem logo. Só assim conseguirei ter um pouco de paz.

— Não, minha querida — falou, examinando os pontos em minha barriga, já cicatrizados. Fiquei desconfortável com o toque. — Você precisa ser ouvida. Precisa de alguém que te aconselhe e mostre o que fazer daqui por diante.

Ela foi até a porta, verificou se alguma pessoa estava pelo corredor, acenou para alguém e voltou para o quarto.

— Se não quer um psicólogo, eu entendo. Eles são realmente pessoinhas sem coração. Mas você precisa conversar com alguém que vá te responder.

— Achei que os psicólogos eram sem coração, mas vejo que os clínicos gerais também são.

É claro que ele não irá me responder, está em coma porque meu marido atirou nele. Aquele pensamento acelerou meu coração.

Ela me olhou como se não tivesse entendido o que eu disse antes de voltar para as anotações na prancheta.

— Eu falo sério, Sabrina — disse, sem levantar os olhos. — Nossa alma precisa ser escutada, mas como saberá que está sendo ouvida se não tiver uma resposta? — Ela segurou minha mão. — Não estou dizendo que não possa fugir

para o quarto do menino toda vez que o pai sair propositalmente para tomar café só para deixar você falar com seu filho. — Encarei-a assustada. Ela riu. — Só estou dizendo que você precisa de alguém que vá te aconselhar. — Ela foi em direção à porta para sair. — Uma das enfermeiras talvez. Elas parecem te amar tanto que não saem do seu quarto.

Não, nunca conseguiria me abrir com uma delas. Não sobre isso.

— Ele realmente vai tomar café de propósito? — perguntei antes de ela sair.

— Você acha realmente que o relógio biológico dele pediu por café todos os dias nos últimos seis dias exatamente às 10h15? — Ela revirou os olhos e saiu.

— Doutora. — Ela colocou a cabeça dentro do quarto como se soubesse que iria chamá-la. — Obrigada.

A doutora deu um sorriso e voltou para o corredor.

Eu realmente não havia pensado nisso. Sempre ficava espiando pela porta, mas nunca tinha imaginado que ele havia percebido. Muito menos que soubesse que eu me espreitava pelo corredor, entrava no quarto do seu filho e ficava conversando com o André enquanto tomava café.

Um pingo de suor se formou em minha testa, enquanto outro pensamento me deixava ofegante.

Será que ele sabia que eu era a esposa do cara que fez isso ao seu filho?

— Não. Por favor, não — murmurei, remexendo-me pela cama.

Uma onda de pânico me assolou e fui obrigada a levantar e tomar um banho gelado para me acalmar.

Eu realmente preciso conversar com alguém. Mas, quem? Dona Claudete não, pois já havia sobrecarregado sua dose de amor e carinho; nunca a deixaria passar por mais isso comigo. Não tinha dinheiro para falar com um psicólogo e nem tinha amigos, já que o merda do meu falecido marido me fez abandonar todos. Talvez devesse procurar o padre João, mas, sabendo que ele sentia muito carinho pelo Rafael, provavelmente me culparia ou mandaria rezar infinitas vezes.

— Realmente você fodeu com minha vida — falei alto, enquanto voltava para o quarto.

— Falou comigo? — Ouvi uma voz conhecida.

Me virei devagar para a porta do quarto e encontrei Arthur parado, encarando-me. Aquele formigamento desconfortável que sentia quando pessoas estranhas chegavam perto ou me tocavam havia aparecido, me causando ânsia.

— Não — falei, dando um passo para trás. — Falando sozinha.

— Ok. — Ele pareceu confuso. — É que... Eu estava passando e... ouvi

você falando como se fosse comigo — concluiu, nervoso.

— Não. — Balancei a cabeça.

— Tá bom.

Ele voltou a andar pelo corredor e percebi que estava abatido, mais do que o normal. Eu juro que queria muito ir ao encontro dele e perguntar se estava bem, mas meu autocontrole e os espasmos não deixaram.

— Se precisar de alguma coisa ou quiser só conversar — Ele voltou, parando na porta do quarto —, sabe onde me encontrar.

Acenei devagar, assimilando o que ele havia falado. Arthur baixou a cabeça e voltou a andar.

Aquelas palavras realmente me deixaram sem chão. Por que eu conversaria com ele? Eu nem o conhecia. Arthur estava entre os policiais que me salvaram, mas isso era o suficiente para eu confiar minha mentalidade fodida a ele? Achava que não.

Estranhamente minha mente vagou para o rosto de André e pensei em quanto ele tinha sorte por ter tantas pessoas ao lado dele. *Aposto que quando ele acordar, terá várias pessoas com quem conversar.* E doeu quando pensei em Arthur. Ele vinha visitar o amigo todos os dias. Talvez ficasse duas ou três horas fora do hospital, mas estava ali o tempo todo. Nunca havia visto ninguém se dirigir a ele ou perguntar se precisava de algo. *Talvez, só talvez, quem precisa de alguém para conversar não seja eu, seja ele.*



Não sei exatamente o porquê, mas sentia que ela precisava saber que podia contar comigo. Eu havia feito uma promessa, claro que mentalmente, quando a conheci. E iria honrar isso.

Os últimos dias foram horríveis, e não podia deixar meu amigo na mão. Mas eu precisava que ela soubesse que não estava sozinha nessa.

Todos os dias eu passava pelo quarto dela. Às vezes ela estava distraída e eu simplesmente ficava observando. Outras estava com alguém, geralmente enfermeiras que falavam sem parar enquanto ela fingia docemente escutar tudo

Mas todas as vezes eu fraquejava e não conseguia chegar perto ou apenas dizer um "Oi".

Parecia que depois daquela nossa conversa estranha, onde ela tinha se aberto um pouco comigo, eu a havia afastado. Sempre que ela me via, nem que somente passando, parecia sentir dor, repulsa, mágoa.

Seu Paulo havia me dito na semana passada que um tio do André queria ficar com ele durante o tempo em que estava no hospital, e aquilo me machucou. Eu queria ficar ao lado dele, queria ficar ao lado dela. Mesmo que ela não soubesse, eu estava aqui pelos dois. E falei isso para o pai do meu amigo, que até ponderou minhas palavras no começo. Não foi fácil para ele saber que a esposa do cretino que atirou em André estava no mesmo hospital que seu filho. Só depois de muito conversarmos que ele acabou aceitando.

Semanas se passaram, e todo os dias quando eu chegava ao hospital, ele me falava que a Sabrina passava no quarto do André e conversava com ele. Dizia que era uma garota doce e que ele e mais algumas enfermeiras esperavam-na entrar e ficavam escutando e chorando atrás da porta.

Ela era pontual. Ficava quinze minutos falando e saía de fininho, como se ninguém percebesse.

Pensei naquele dia da nossa primeira conversa. Ela parecia incomodada por me ver ali. Talvez achou que o André estava sozinho e foi ali para vê-lo.

Quando o André acordar, achará essa história hilária. Como o conhecia bem, sabia que até viraria amigo dela. Jamais guardaria rancor ou mágoa, muito menos a culparia por ter levado o tiro.

O horário de visitas iria começar e, como sempre, fui buscar Dona

Claudete em casa para ela ficar com a Sabrina.

Era minha rotina diária. Acordava no hospital, esperava até às 8h por seu Paulo, voltava para casa, tomava um banho e comia alguma coisa. Retornava para o hospital, esperava perto do horário de visitas, buscava Dona Claudete e conversava com alguns amigos e familiares que vinham visitar o André. Levava Dona Claudete embora depois da visita e comia alguma coisa. Voltava para o hospital, esperava o Seu Paulo ir embora e descansava na cadeira ao lado da cama do meu amigo. Estava esgotado, mas jamais iria reclamar. Jamais.

Parei o carro na frente da casa da idosa, esperando pacientemente ela fechar a porta e vir em minha direção. Ela sorria e trazia um pote com algum doce, que eu nunca negava. Aprendi a nunca dizer não para ela. Apesar da idade e de ser fofa, ela sabia muito como argumentar sobre qualquer assunto.

— Boa tarde, meu filho. — Ela entrou no carro, colocando o cinto. — Como você está hoje?

— Bem, Dona Claudete. E a senhora?

Esperei-a se ajeitar no banco antes de dar a partida.

— Minha artrite hoje está me dando trabalho. — Ela esfregava as pernas com a mão livre. — Hoje trouxe pudim de leite. Seu favorito.

Dona Claudete colocou o pote no banco de trás, antes de virar e dar tapinhas no meu ombro. Eu sorri com o gesto. Ela é adorável.

— Meu favorito. — Lancei a ela um olhar de agradecimento, que a fez suspirar.

Ela realmente era uma senhora excepcional. Sempre alegre e bondosa. Pronta para ajudar quem precisasse.

Depois que André foi para o hospital, fui obrigado a tirar três meses de licença. E como sentia que era a minha obrigação, estava sempre no hospital. Dois dias depois do incidente, vi Dona Claudete esperando o ônibus após o horário de visitas e aquilo cortou meu coração.

Ela havia prontamente ido todos os dias em que a Sabrina estava no hospital. E todos os dias pegava o ônibus para ir e vir.

Ofereci uma carona, e desde então me comprometi a levá-la e trazê-la, tanto para o hospital como para qualquer lugar.

Dona Claudete recusou no começo, mas falei a ela que uma mulher bonita não deveria andar desacompanhada por aí. E ela me desarmou com seu charme, trazendo doces todos os dias.

— Eu vi a Sabrina hoje pela manhã — falei sem pensar.

A idosa agora prestava muita atenção em minhas palavras.

— Ah é? — perguntou, fitando-me. — Ela estava bem?

— Acho que sim. — Ela havia se tornado um anjo protetor da menina e

ponderava tudo a seu redor, como uma mãe super protetora. — Só passei e dei um oi.

— Você deveria falar mais com ela. — Ela observava o trânsito a nossa frente. Fiquei surpreso. — Olha pra frente, menino.

Olhei para a frente ainda de queixo caído.

— A Sabrina vai precisar de amigos aqui fora. Vai ser um mundo totalmente novo. Ela não está habituada a nada disso. — Ela olhava para mim e pude perceber emoção em seus olhos. — Ela vai precisar ter mais do que uma idosa como alguém para quem vá recorrer. Eu sei que não posso fazer muita coisa, e ela vai precisar de muita ajuda até conseguir andar com os próprios pés, Arthur. E sei que essa pessoa é você.

— Eu?

— Sim, você. Eu posso errar em julgar as pessoas que mal conheço, mas vejo como você é bom. Não posso errar duas vezes.

Ela estava se referindo ao seu vizinho. Na noite em que salvamos a Sabrina, Dona Claudete havia dito que errou em julgar o Rafael. E agora estava dizendo que não estava errada sobre mim.

Eu queria dizer a ela que estava errada, que eu não poderia ser esse amigo para a Sabrina, porque eu não conseguia salvar as pessoas delas mesmas. Não consegui salvar minha noiva. Eu só conseguia afastar as pessoas que precisavam de mim. Mas ela não entenderia, então acabei concordando com a cabeça.

Deixei-a na porta do hospital e procurei uma vaga no estacionamento. Achei uma com sombra; nunca conseguia, estava com sorte. Comi com gosto o delicioso pudim de leite que a Dona Claudete havia feito para mim. Ela tinha razão, era o meu favorito.

Esperei até acabar o horário de visitas e parei na entrada do hospital. Ela voltava cabisbaixa, e fiquei inquieto. Será que havia acontecido alguma coisa com a Sabrina? Com o André?

Esperei-a entrar no carro, fechar a porta e colocar o cinto de segurança para perguntar se estava tudo bem.

De princípio, ela não respondeu e continuou de cabeça baixa.

— Eu não entendo o que aconteceu. — Ela ergueu os olhos e pude ver as lágrimas. Aquilo partiu meu coração. — Ela estava muito bem ontem, e hoje...

Não conseguia prestar atenção. Meu coração estava a mil, ouvia somente um zumbido. Pisquei algumas vezes antes de sair do carro e deixar Dona Claudete lá dentro. Ignorei o segurança me alertando que não podia deixar o carro ali. Ignorei a senhora me chamando ao longe. Entrei correndo pelos corredores abarrotados do hospital. *Ela não. Por favor, ela não.* Minha vista

estava embaçada. Meu coração saltava acelerado.

Quando cheguei ao corredor em que ficava seu quarto, diminuí os passos. Quanto mais perto eu chegava da porta, mais o ar ficava preso em meus pulmões. Parei na entrada e a vi.

— Sabrina, eu... — Parei de falar quando o segurança me alcançou, puxando meu braço para trás.

Ela apenas me olhou confusa e sorriu para a situação. Não pude deixar de sorrir de volta.

— Está tudo bem? — perguntou timidamente. Parecia estar se divertindo. Consegui soltar o ar que estava preso.

— Está sim. — O segurança torceu meu braço, puxando-me quarto a fora. — Nos vemos depois — falei assim que outro segurança se juntou a nós e conseguiu me tirar de lá.

Ouvi sua gargalhada e me senti vivo novamente, como não me sentia há muito tempo. Como um estalo de dedos. Numa hora preso, na outra livre.

Os seguranças me soltaram depois que a diretora do hospital esclareceu os termos: que eu não podia estacionar na entrada do hospital, já que era a entrada de emergência, e nem invadir o quarto de um dos pacientes.

Dona Claudete se juntou a mim, enquanto eu levava uma bronca. Mas não consegui parar de pensar naquela gargalhada.

— Dona Claudete, por que a senhora saiu triste do hospital? — perguntei, ignorando a diretora e os seguranças.

Ela pareceu confusa no começo, mas depois falou:

— A Sabrina. Ela não quis conversar comigo hoje — disse, cabisbaixa. — Fizemos tanto progresso esta semana e hoje ela não me deu nenhuma atenção. Estava perdida em pensamentos.

— Então estamos entendidos, Arthur? — A diretora olhava feio de mim para Dona Claudete.

— Estamos sim — falei. — Me desculpem o transtorno.

Fomos liberados, e sem falar mais nada durante o caminho, deixei Dona Claudete em casa. Voltei ao hospital, estacionando bem longe da entrada principal para garantir.

Acelerei o passo. Queria vê-la, ouvir o som da sua risada novamente. Fazia tempo que não me sentia tão bem, tão vivo. Ouvi-la rindo foi como se algo despertasse dentro de mim.

Cheguei ao quarto dela e me apoiei na entrada da porta, observando-a. Ela estava dormindo. Cheguei mais próximo e então me deparei com uma situação que nem Deus poderia imaginar: a enxerguei. Não que eu não a tenha visto, mas, pelo amor de Deus, eu a vi em toda sua plenitude. E ela era linda.

Dormindo ali, parecia aquelas princesas, fadas, anjos de contos literários. Tão bela, tão tranquila. E me doeu ficar imaginando o quanto era frágil. Queria segurá-la no colo e protegê-la para não deixar que nada a fizesse mal, nada a encostasse.

Observei-a mais alguns instantes e saí dali com um sentimento difícil de explicar para mim mesmo. O que eu estava fazendo?



Fazia pelo menos uma hora desde que a última enfermeira havia vindo checar meus pontos. Suas visitas, antes constantes, agora eram a cada três horas. O que me dava exatamente duas para fazer o que quisesse. *Daria para assaltar um banco nesse tempo*, pensei sorrindo.

Desci da cama o mais silenciosamente possível, peguei um casaco que Dona Claudete havia trazido hoje no horário de visitas e me amaldiçoei por não ter dado atenção a ela. Ela pacientemente me visitava todos os dias e estávamos até tendo uma boa conversa, mas hoje não conseguia ligar meus pensamentos, então me mantive quieta, de cabeça baixa, e respondia somente o necessário. Calcei meus chinelos e larguei na entrada da porta, sabendo que a borracha faria muito barulho. Andei na ponta dos pés e parei a alguns passos da porta do quarto do André. Fiquei escutando, e nenhum ruído. Possivelmente, como nas outras noites, Arthur já estava dormindo. Entrei no quarto, chegando próximo à cama, olhando fixamente para o rosto de André. Calmo, tranquilo. Se não fossem aqueles tubos horríveis em sua boca e nariz e aquelas agulhas todas em seu braço, acreditaria que estava dormindo.

— Oi.

Arthur me olhava atentamente da cadeira. A luz estava fraca e quase não o reconheci. Ele tinha um brilho diferente no olhar.

— Oi — respondi, virando o rosto em direção ao seu amigo acamado. Não o tinha visto depois que ele entrou correndo pelo hospital, sendo perseguido por seguranças. — Você está bem? Conseguiu escapar?

— Não. — Ele sorriu. — Quero dizer, estou bem. Mas não consegui escapar dos seguranças.

— Mesmo? — perguntei, ainda não olhando para ele. O formigamento em meu corpo já se fazia presente. Controlei-me para não sair correndo com o pânico crescente. — Por que você estava fugindo?

— Depois que Dona Claudete te visitou, ela saiu muito triste e achei que alguma coisa havia acontecido com você.

Não vou mentir que sua resposta não me surpreendeu e que não fiquei feliz por ter se preocupado comigo, mas aquilo era desconfortável demais.

— Vou me desculpar com ela amanhã. Eu estava tão absorta em

pensamentos que não consegui dar a devida atenção a ela — falei, ainda não olhando para ele.

— Você disse que...

— Eu acho que...

Falamos ao mesmo tempo e rimos. *Sua risada é boa*, pensei.

— Acho melhor eu ir — falei, começando a andar.

— Não. — Ele levantou e deu um passo em minha direção. — Fique.

Ergui os olhos e a dor me atingiu em cheio. Como eu poderia conversar com alguém se não conseguia ficar no mesmo ambiente que a pessoa? Olhei em seus olhos e implorei mentalmente para Arthur se afastar. Ele entendeu o recado e voltou a sentar.

— Acho que nós dois precisamos de amigos, Sabrina. Precisamos desabafar com alguém, senão ficaremos loucos.

Suas palavras amenizaram minha dor. *Eu poderia fazer isso? Conversar com ele? Ter amigos?*

Fui andando devagar até o corredor, dando uma última olhada para Arthur. Ele baixou a cabeça desanimado e me senti péssima por deixá-lo assim. Eu era uma covarde e admitia isso. Não tinha coragem para enfrentar meus medos. Ele estava me dando aquilo de que nós precisávamos, uma conversa, só isso, e eu estava negando isso a nós dois.

Peguei uma cadeira no corredor, que, aliás, era muito pesada, e voltei para o quarto de André. Contornei sua cama e sentei o mais longe que consegui do Arthur.

— Eu preciso que você se mantenha longe para isso dar certo. — Ele ergueu os olhos e me fitou do outro lado da cama do seu amigo. — Não me sinto confortável com pessoas muito próximas ou me olhando o tempo todo. — Baixei o olhar. — Cortesia do meu ex-marido morto.

Ele não respondeu. Apenas continuou me olhando como se eu não estivesse realmente ali.

— Eu falei alguma coisa sobre mim. Agora é sua vez — falei, começando a ficar irritada.

Ele balançou a cabeça e olhou para seu amigo. Segui seu olhar antes de ele falar:

— Era para eu estar nessa cama e não ele.

Agora foi minha vez de ficar chocada e sem palavras.

— É por isso que você fica aqui todos os dias? — perguntei após alguns instantes de silêncio. — Por que se sente culpado pelo André ter levado o tiro e não você?

— Em parte sim — respondeu assim que terminei a pergunta. — Mas

queria proteger você também.

— Você não me deve nada — falei ríspida.

— Fiz uma promessa, mesmo sem você saber — disse, encarando-me. — E vou cumprir.

Ficamos em silêncio. Fiquei avaliando o que ele havia confessado e não conseguia pensar em nada para dizer que o fizesse parar de pensar dessa forma. E talvez eu não quisesse que ele parasse de pensar assim.

— Eu tenho uma irmã — falei, erguendo os olhos e encontrando-o me avaliando.

— No relatório que recebemos sobre você não tinha nada sobre uma irmã. — Ele parecia incomodado. — Você conseguiu entrar em contato para avisar que está aqui? Se quiser, faço isso.

— Não. — Comecei a ficar nervosa. — Não conseguiria contato nem se eu quisesse.

Ele se mexeu e prestou mais atenção em mim.

— Quando eu tinha dez anos, minha mãe foi encontrada morta em uma das boates em que trabalhava. — Ele não disse nada, então eu continuei: — Cuidava da minha irmã, Nina, desde que ela havia nascido. Ela era um sonho de criança. Não dava trabalho algum. — Sequei uma lágrima que escorreu pelo meu rosto. — Fomos resgatadas 40 dias depois da última visita da minha mãe. Provavelmente morreríamos de fome se a assistente social não nos encontrasse.

— O que aconteceu depois? — perguntou, chocado.

— Fomos mandadas para o orfanato da igreja aqui da cidade. As chances de sermos adotadas eram muito difíceis pela idade. — Agora eu chorava muito. — Mas, como eu disse, a Nina era muito especial. Logo ela conseguiu uma família. Ela tinha apenas cinco anos e era adorável. Não tinha como não se apaixonar por ela. — Fiquei de pé para conseguir respirar melhor antes de continuar. — Mas eles não conseguiriam adotar nós duas. Apesar de serem bem de vida, eles não conseguiriam bancar duas crianças. Por mais que me machucasse ter de deixá-la ir, como eu poderia negar a felicidade a ela?

— Eu sinto muito — falou, levantando. Porém, continuou onde estava, respeitando meu espaço.

— Dois meses haviam se passado e toda semana o casal ia vê-la. — Funguei, recompondo-me. — Eles me pediram ajuda para convencer minha linda irmãzinha a ir com eles, já que ela não queria ir a lugar nenhum sem mim. — Sentei novamente. — E foi o que fiz. Todos os dias, até o dia em que ela foi embora com eles. Prometi que ligaria, mas com o passar do tempo nossas ligações foram diminuindo. Uma vez na semana, depois uma vez a cada quinze dias, até não ligar mais. — Ele me encarava, sentindo pena. — Ela estava feliz.

Sempre que eu ligava, ouvia sua risada, suas histórias, e aquilo me machucava, mesmo sabendo que ela estava feliz. — Minha garganta estava fechando. — Eu prometi que iria procurá-la depois que ela fosse adulta.

Eu precisava de um abraço, mas não iria pedir isso a ele. Não me traria conforto, somente dor. Eu precisava passar por isso sozinha. Levantei, pegando a cadeira novamente, indo embora.

— Pode deixar que eu levo — ele falou, ainda sentado.

Balancei a cabeça em meio às lágrimas. Deixei a cadeira no meio do quarto e voltei correndo para o meu. Dormi sonhando com minha linda irmã, com a promessa de que um dia voltaria a vê-la.



— Ela não veio conversar com ele hoje — Seu Paulo falou assim que entrei no quarto.

— Talvez ela não estava se sentindo bem — falei, colocando meu casaco nas costas da cadeira.

— Talvez. As enfermeiras disseram que ela não falou nenhuma palavra quando foram em seu quarto fofocar pela manhã.

Ele acariciou o rosto do André e pegou o casaco.

— Vocês ficam vigiando a Sabrina agora? — perguntei, rindo.

— Talvez vigiar vocês dois se tornou um tipo de passatempo divertido por aqui.

Seu Paulo saiu pela porta sem se despedir.

O comentário dele me fez soltar uma gargalhada involuntária. O que ele quis dizer com “vigiando vocês dois”? Não queria descobrir.

Esperei algumas horas depois que ele saiu para espiar pelo corredor. As luzes estavam mais fracas, então não vi se havia alguém me observando. Peguei a cadeira mais próxima da porta e entrei no quarto tentando não fazer barulho. Posicionei-a no mesmo lugar em que Sabrina havia posto ontem e fiquei observando. Não sabia se ela voltaria. Falei com Dona Claudete no horário de visitas e ela afirmou que estava tudo bem com a Sabrina, disse que a menina até sorriu. E por dentro eu estava soltando fogos de artifício pensando que isso poderia ser porque ela havia desabafado comigo ontem.

Sem criar muita expectativa, mas já ansioso, sentei na cadeira ao lado do meu amigo e esperei sem esperar.

Ouvi uma batida na porta e levantei rapidamente, achando que a veria.

— Desculpa, te assustei? — A doutora me encarava sorrindo.

— Não, tudo bem — falei, sentando novamente.

— Está esperando por alguém? — Ela apontou para a cadeira vazia do outro lado do quarto.

— Talvez.

Ela apenas concordou, mas seu rosto estava contorcido, talvez esperando outra resposta. A doutora examinou meu amigo, que continuava em coma fazia doze dias. Virei o rosto para o lado quando ela começou a desfazer a bandagem

da cabeça do André.

— Você pode me ajudar, Arthur?

Virei-me e vi que ela me encarava.

— Não é melhor chamar uma enfermeira? — perguntei, levantando.

— Não! Bobagem tirá-las dos seus afazeres só para segurar uma gaze, não acha?

— Ok.

Fiz o que ela pediu, tomando todo cuidado do mundo para não olhar para o ferimento.

— Tudo bem, já está cicatrizando — ela sussurrou. — Você é um rapaz muito forte, André. Logo vai acordar e continuar dando em cima das minhas colegas. — Ela se abaixou e falou no ouvido dele, como se fosse contar um segredo. — Sabia que o Arthur sorriu hoje? — Ela me encarou, esperando alguma reação. — E ontem ele fugiu de dois seguranças nossos. Ainda não sei o motivo, mas as enfermeiras até fizeram bolão. Algumas apostaram que foi por causa da sua vizinha de quarto.

— Por que está fazendo isso? — falei ríspido, fazendo-a dar um pulinho. — Acha mesmo que ele precisa saber disso? Que ele se importa com as fofocas das enfermeiras?

— Não — ela disse, sem demonstrar mágoa por minhas palavras. — Mas tenho certeza de que ele fica muito feliz em saber que você está sorrindo, pra variar.

Soltei uma risada amarga.

— Aposto que não.

— Posso fazer uma pergunta?

Ela começou a fazer outra bandagem e olhei sem querer para a cicatriz na cabeça dele. A imagem fez meu estômago revirar.

Era para eu estar no seu lugar, irmão.

— Você se culpa pelo que aconteceu com o André?

Demorou alguns segundos para racionalizar o que ela havia perguntado, e me senti mal por não conseguir responder. Era minha culpa. *Era para eu ter levado aquele tiro. Eu desafiei aquele verme. Eu o fiz ficar com raiva, pegar a arma e atirar. Eu fiz isso.* Queria admitir tudo isso, mas não conseguia falar em voz alta. Apenas continuei quieto.

— Desculpe. — Ela terminou de fazer o curativo e abaixou para falar no ouvido do André de novo. — Você tem que ficar bom logo para que seu amigo cabeça dura ali entenda de uma vez por todas que nada disso aqui é culpa dele.

Ela saiu, e não falei nada. Continuei estático e com um gosto amargo na boca.

— E você, para de andar escondida por aí assustando as pessoas. — A ouvi sussurrar pelo corredor antes de outra figura aparecer na porta.

Observei-a cruzar silenciosamente até o outro lado do quarto, sentar na cadeira e subir as pernas até os joelhos estarem grudados ao peito. Fiquei olhando surpreso, sem acreditar que ela realmente estava ali.

— Oi — ela falou timidamente.

— Oi — respondi, ainda a encarando.

— Vi a doutora saindo do quarto. Ele está bem? — Olhou para meu amigo.

— Está sim. Ela veio me dizer que estavam apostando sobre mim.

Ela me encarou confusa por alguns segundos, antes de acrescentar:

— Eu quero pedir desculpas por ontem. — Agora eu a encarava confuso.

— Era para conversarmos e somente eu falei.

— Tudo bem.

— Mas quero retribuir. Prometo ouvir atentamente o que você tem a dizer. — Sua voz doce entrou pelo meu ouvido e aqueceu meu peito.

— Não tenho muito o que falar na verdade.

Ela me olhou desanimada. Levantou da cadeira, suspirou olhando para André e andou até a porta.

— Aonde você vai? — perguntei em pânico.

— Bom, se você não tem nada a dizer, eu vou voltar pro meu quarto e tentar dormir.

Ela me olhou, esperando que eu falasse algo. Como não falei, voltou a andar.

— Eu tinha uma noiva — falei alto, fazendo-a parar de caminhar. — O nome dela era Jaqueline.

— Era? — perguntou, voltando para o quarto. Concordei com a cabeça. — Sinto muito.

— Não, tudo bem. — Esperei-a sentar antes de continuar a falar. — Ela era a luz na escuridão antes do seu fim chegar. — Parei, ponderando as palavras. — Nos conhecemos muito jovens e me apaixonei por ela à primeira vista. — Sorri com a lembrança. — Levou apenas uma semana para convencê-la de que também estava apaixonada por mim.

Sabrina me olhava atentamente, prestando atenção em cada palavra que saía da minha boca. Achei que ficaria desconfortável falando para ela sobre meu passado, mas quanto mais eu falava, mais peso saía dos meus ombros.

— Seu irmão era policial igual a mim. Na verdade, foi por causa dele que tive a infeliz ideia de me tornar um.

— Você não gosta de ser policial? — ela perguntou, pegando-me de

surpresa.

— Aprendi a gostar — respondi, olhando para meu amigo na cama. — O irmão dela morreu assim que nosso namoro ficou sério. — Ela colocou a mão na boca, espantada. — Ela amava muito o irmão e não consegui fazê-la sair da depressão mesmo depois do nosso noivado. Ela morreu um ano e meio depois, pois devia muito dinheiro para um traficante local.

— Ela se culpava pela morte do irmão? — perguntou, ainda em choque.

— Não — respondi. — Só não aguentava viver sem ele.

— Entendo. — Baixou a cabeça antes de perguntar. — E a família dela? Ela tinha mais irmãos, pai, mãe?

— Depois que ela faleceu, eu continuei frequentando a casa deles, até o dia em que passei para a academia de polícia. Fui visitá-los de farda, e não consegui mais ir lá depois que vi a decepção em seus rostos. — Parei, lembrando de seus olhares cheios de lágrimas. — Eles me tratavam como filho e eu os decepcionei, me tornando aquilo que tirou a vida do seu verdadeiro filho.

— E seus pais? — ela continuava interessada na história.

— Depois que a Jaque faleceu, acabei me afastando de todo mundo. Me mudei de cidade e deixei tudo pra trás. Minha mãe me liga toda semana, mas meu pai parece que esqueceu de mim. Uma vez o ouvi falando para minha mãe que não tinha filho, porque nunca havia criado um covarde.

— Não acho que você seja um covarde. — Ergui os olhos e vi que ela olhava para o André. Aquilo me atingiu em cheio. — Só não conseguiu lidar com a perda de alguém que você ama.

— Eu não colocaria assim. — Respirei fundo antes de continuar. — Eu fui embora não porque tudo naquela cidade me lembrava dela, mas porque me senti um lixo por ficar aliviado com sua morte.

Agora ela me olhava impactada. Nunca havia admitido isso em voz alta. Machucou igual a ferro quente.

— Eu me senti o pior dos homens por ter pensado nisso. Foram apenas uns segundos, mas o suficiente pra me fazer enxergar o merda que eu era. — Deixei rolarem algumas lágrimas pelo meu rosto, não ligando se ela estava vendo. — Fiquei aliviado porque não teria mais que me preocupar noite após noite por não saber onde ela estava, o que estava fazendo, se estava se drogando. Aqueles segundos que me senti assim me fizeram sair de lá covardemente e ir embora.

— Sei o que você quer dizer.

Encarei-a, limpando as lágrimas do meu rosto.

— Quando acordei neste hospital, fiquei sabendo que estava grávida e que devido aos ferimentos não haviam conseguido salvar meu bebê. Me

amaldiçoei todos os dias por isso, mas me senti aliviada por saber que não teria um filho dele. Eu sei que a criança não tem culpa do pai filho da puta que teria, mas me senti da mesma forma, apenas alguns segundos aliviada por não ter essa criança.

— Eu não sabia — disse, sem jeito.

— Não, tudo bem. Aprendi da pior maneira possível que não podemos simplesmente superar tudo. Precisamos sofrer com aquilo que passamos para dar valor à vida.

Ponderei suas palavras, olhando para meu amigo, meu único amigo, o cara que ficou do meu lado mesmo sabendo todos os infernos que já passei. Ele levou um tiro por mim.

— Foi assim que vocês se conhecerem? — Sabrina agora estava em pé, encarando André.

— Nos conhecemos na academia. Ficamos amigos no mesmo dia em que fizemos a ficha de inscrição. Ele estava apavorado com tudo, mas tinha sua motivação: queria acabar com o mal no mundo. Eu queria acabar com o mal que tirou minha razão de viver.

— Ele parece ser uma pessoa incrível.

Acompanhei sua linha de raciocínio.

— Ele é mesmo.

— Na primeira noite em que conversamos, você disse que nada do que aconteceu era minha culpa. — Olhei para seu rosto impassível. — Você se culpa pelo que aconteceu?

Encarei-a com uma angústia se formando em meu peito. Como dizer as palavras que eu queria sem assustá-la?

— Sim, me culpo.

— Por quê?

— Na noite em que você veio ao hospital, voltamos para a delegacia para entregar o relatório. — Ponderei minhas palavras. — Seu marido estava lá. Eu poderia simplesmente fazer meu trabalho e entregar o bendito relatório, mas me deixei levar pelo ódio sobre o que ele havia feito a você. Quis tirar satisfação e ele revidou. André se meteu no meio da briga, tentando fazer o Rafael falar mais para aumentar sua sentença.

Ela chorava e pude notar que minhas bochechas estavam molhadas.

— Se eu não tivesse provocado, o André não teria ficado entre nós dois. Aquele tiro era para ser em mim, não nele. Aquele filho da puta ainda teve a audácia de mandar um recado pra você. Como se eu fosse falar qualquer coisa que saísse daquela boca imunda. Eu só queria fazê-lo pagar por tudo o que ele havia feito em você e saí de lá com um amigo em coma. Então, sim, eu me

culpo. Tenho certeza que a culpa é minha.

— Então você está dizendo que se eu não o tivesse provocado, ele não teria me machucado?

Ela levantou e caminhou em minha direção. Nós dois chorávamos muito.

— Não. Deus. Não. Ele era doente. — Passei as mãos no cabelo, frustrado.

— Então, como você sabe que ele não teria feito a mesma coisa se você não o tivesse provocado?

— Era para eu ter levado aquele tiro. — Levantei, chorando muito. Não conseguia respirar. — Eu não devia tê-lo provocado.

Sem perceber, ela chegou perto de mim e me abraçou. Envolvi meus braços ao redor dela.

— Eu conhecia aquele monstro há oito anos, e posso afirmar a você que ele era covarde o suficiente para fazer o que fez com qualquer outra pessoa. — Eu chorava muito no conforto do seu abraço. — Poderia ter sido com qualquer um que tocasse no meu nome. Qualquer um, Arthur. Vocês tiveram a infeliz sorte de aparecer no momento que ele achou oportuno. Olha pra mim, Arthur. — Não conseguia olhar para ela. — Olha pra mim, por favor — ela suplicou. Eu olhei. — Não é culpa sua. Não é culpa minha. Muito menos do André. Ele faria igual se fosse com qualquer outra pessoa. Não somos covardes. — Olhei em seus olhos e comecei a acreditar em suas palavras. — Covarde foi ele, que ao invés de pagar por seus erros, preferiu descontar seu ódio em outras pessoas. Entendeu?

Eu concordei e voltei a abraçá-la. Eu precisava muito daquele conforto. Não sei dizer quanto tempo fiquei chorando em seus braços, mas quando eu a larguei e ficamos nos encarando, percebi que não somente eu havia enfrentado e superado meus demônios, como ela havia enfrentado os dela e se aproximado de mim. Se me perguntassem o motivo de eu ter encostado minha boca na dela, só responderia que achava que era o certo a se fazer naquele momento. Porém, me arrependi segundos depois de soltá-la e ela sair correndo, olhando-me apavorada.

Queria ir atrás dela e pedir desculpas. Ela havia me dado a luz novamente e eu a entreguei para a escuridão. Eu havia me liberto do inferno e acabei destruindo a amizade que ela tinha me dado sem pedir nada em troca.

Sabrina me falou que não conseguia ficar perto das pessoas, que isso fazia mal a ela. E quando confiou em mim a ponto de me abraçar, eu a beijei e estraguei tudo. Eu não iria atrás dela agora, pois sabia que acabaria a afastando de mim. E depois de provar da sua luz, nunca mais voltaria para a escuridão de não saber como era ficar sem ela.



— Sabrina, o que aconteceu? — A Doutora Larissa entrou no quarto logo depois de mim, fechando a porta em seguida. — Sabrina, olha pra mim, por favor.

— Não — gritei.

Passei por ela e peguei meus pertences no armário.

— Sabrina, pelo amor de Deus, conversa comigo. Você está sentindo alguma coisa?

Ela segurou minha mão e puxei de volta.

— Não me toca — gritei, empurrando-a.

— Desculpe. — Ela deu um passo pra trás e me fitou. — Eu não toco em você, mas preciso saber o que está acontecendo. Por que você estava correndo pelo corredor?

Eu não respondi e continuei a pegar minhas coisas no armário.

— O Arthur machucou você? Fez alguma coisa que não gostou?

Eu a encarei chorando. Não respondi, mas a menção ao nome do Arthur me fez sentir mal. Achei que estávamos nos tornando amigos, fomos confidentes, porém eu estava errada. Ele é igual ao Rafael, só queria se aproveitar de mim. Eu não deixaria isso acontecer.

— Agora chega — esbravejou, e caminhou até a porta. — Vou chamar a segurança.

— Não — falei, recompondo-me. — Eu quero minha alta. — Sequei meu rosto e peguei minha mala em cima do armário. — Já estou melhor. Não faz sentido algum eu continuar aqui.

— Sabrina. — Ela caminhou até o meu lado, mas não me tocou. — Eu preciso saber o que está acontecendo, por favor.

— Não, você não precisa. — Continuei colocando minhas coisas dentro da mala. — Você só precisa saber que eu quero alta.

Ela caminhou frustrada pelo quarto, sem falar nada, enquanto eu continuava arrumando meus pertences. Pegou a prancheta do meu prontuário e anotou algumas coisas, ainda sem olhar para mim.

— Desculpe. — Cheguei perto dela. — Não devia ter falado com você assim, mas eu quero ir pra casa. Não aguento mais ficar aqui. — Sentei na cama.

— Está na cara que vocês só estão me mantendo aqui porque acham que não vou conseguir me virar lá fora. Mas eu preciso. Preciso ir.

— Eu sei. — Ela sentou ao meu lado, ainda sem me olhar. — Só achei que quando chegasse a hora de ir, você estaria totalmente curada.

— E eu estou.

— Não, Sabrina, você não está. — Ela ergueu meu queixo com a caneta, me fazendo olhar para ela. — Eu não sei o que aconteceu enquanto você estava no quarto com o Arthur. — Ela levantou um dedo, silenciando o que eu ia falar. — E eu sei que não é da minha conta. — Aquilo me machucou e a fez sofrer. — Você pode estar curada das suas cicatrizes externas, mas por dentro está tão ferrada quanto no dia em que chegou aqui.

Ela largou um papel em cima da cama antes de caminhar até a porta.

— Ele me beijou.

Ela parou de andar e voltou ao meu encontro.

— E você não gostou? Ele forçou esse beijo?

— Não. — Fiquei lembrando dos minutos atrás. — Nós conversamos. Ideia sua.

— Minha? — Ela sorriu. — Nunca falei pra ele beijar você.

— Mas me forçou a falar com alguém. Eu o abracei. Nós precisávamos de conforto — acrescentei antes de ela falar algo. — E ele me beijou.

— Entendo. E agora você quer ir embora porque ele beijou você.

— Não. — Levantei irritada. — Quero ir embora porque não preciso mais de cuidados médicos.

— Tá legal. Desculpe. — Ela me olhou por um instante e começou a arrumar minha mala. — Eu dou alta pra você, mas tem que me prometer que vai procurar um terapeuta.

Concordei, hesitando.

— Eu não sei o que aconteceu. Estávamos nos abrindo, e do nada ele me beijou. Eu devia saber que ele só queria tirar proveito de mim — falei, chorando novamente.

— Já passou pela sua cabeça que ele pode ter gostado de você e por isso a beijou?

Encarei-a, incrédula.

— Como você?

Fui ao banheiro e terminei de pegar o que me pertencia.

— Sabrina, me escuta, por favor.

Parei no meio do quarto, irritada com o que ela tinha acabado de falar.

— Como ele pode gostar de mim? — perguntei gritando. — Ele nem me conhece. Da última vez que me deixei envolver por alguém que eu mal conhecia,

fiquei num relacionamento abusivo desde os dezoito anos. Por oito anos sendo espancada, humilhada e estuprada quase todos os dias. — Vi que ela chorava, mas precisava falar. — Você cuidou dos meus ferimentos, doutora. Ferimentos que quase me mataram. Você teve que fazer uma cesariana de emergência para tirar de mim meu filho morto. — Ajoelhei-me no chão, sem forças para me manter em pé. — Então, não vem me dizer que ele me beijou porque PODE SER que goste de mim.

— Eu não...

Ela chorava muito e se ajoelhou na minha frente. Quando percebi, já estava aninhada em seus braços, chorando igual criança.

— Me desculpe. Me desculpe, por favor.

— Eu nunca mais vou passar por aquilo de novo. — Abracei-a mais forte. — Nunca mais.

— Eu sei, eu sei. Shh. Eu sei, querida. Me desculpe.

A chuva caía fraca quando a doutora me deixou em casa naquela noite. Choramos nos braços uma da outra até não sobrar mais lágrimas para cair. Ela me ajudou a arrumar o restante das minhas coisas em silêncio, preparou a documentação necessária para minha alta e saímos logo em seguida.

Não me atrevi a ir ao quarto do André para me despedir. Me sentia mal por deixá-lo lá naquele estado, mas não conseguiria continuar sob o mesmo teto que o Arthur, não depois do que ele tinha feito.

Chegamos em casa bem rápido. O hospital ficava perto, e a doutora me prometeu que viria me visitar quando o expediente dela terminasse. Concordei, ainda não conseguindo falar. Ela havia se tornado uma amiga, e eu quase tinha estragado tudo esta noite.

Destranquei a porta e o vazio do lugar me deu calafrio. Apesar de saber que meu marido não estaria ali, o medo ainda me fazia tremer. Passei por cada cômodo caminhando lentamente, como se o menor barulho pudesse acordar os mortos. Eu poderia simplesmente bater na casa da Dona Claudete e pedir para dormir lá, como ela havia sugerido tantas vezes, mas havia feito uma promessa de que dali por diante seguiria minha vida sem depender de ninguém.

Parei no meu quarto e percebi que a cama havia sido trocada, assim como travesseiros e roupa de cama. Deixei algumas lágrimas rolares, agradecendo mentalmente por não precisar dormir no mesmo lugar em que quase morri. Tirei o colchão da cama e coloquei no chão da varanda. Estava um pouco frio por conta da chuva que caía lá fora, mas era tudo fechado com vidro e o aquecedor logo deixaria o lugar quentinho. Deitei com a cabeça no travesseiro e percebi o quão cansada eu estava. Adormeci mais rápido do que pensei, com a promessa

de que amanhã seria um novo dia.



— Como assim, ela foi embora?

Coloquei meu casaco, e já estava saindo quando senti as mãos no meu braço.

— O que você acha que está fazendo? — Encarei a doutora, que me olhava feio. — Você acha que ela foi embora por quê? Ela me contou que você a beijou.

Passei o braço livre pela cabeça, frustrado demais para pensar. Eu a beijei sim, mas não era motivo para ela fugir. Tentei falar com ela logo depois que correu de mim, mas a doutora fechou a porta e as duas pareciam discutir, então achei melhor não me meter.

— O que você disse a ela? Eu vi que estavam brigando.

Soltei meu braço de sua mão e continuei a andar.

— Falávamos sobre você ter se aproveitado dela.

— O quê? — Virei-me bruscamente, indo para cima dela. — Você falou pra ela que eu estava me aproveitando?

— Não — ela gritou.

A doutora caminhou até a porta e fechou para ninguém nos ouvir.

— Ela falou isso pra mim, com todas as letras. Que ela te abraçou porque vocês dois precisavam de conforto, mas você se aproveitou e a beijou.

Suas palavras foram como um soco no estômago. Eu não estava me aproveitando. Nem pensei direito quando fiz aquilo, só achei certo, como se fosse a única coisa que precisava ser feita.

— Inferno.

Eu queria socar a parede. Eu fui um idiota, um canalha. É claro que ela iria pensar assim. *Porra!* A menina havia acabado de se livrar de um cara que abusava dela e o primeiro que demonstra alguma amizade na primeira oportunidade a beija.

— Merda.

Sentei na cadeira que a Sabrina havia deixado no quarto. Nem percebi quando a doutora se aproximou e se ajoelhou para ficar na altura dos meus olhos.

— Eu acredito que você não queria se aproveitar. — Encarei-a. — Ela é

linda, inteligente, e mesmo tendo a mente fodida, tem um coração enorme e puro. — Eu ri melancólico, lembrando da sua risada. — É difícil se manter longe dela. Mas... Tenta se afastar por enquanto, até ela colocar a mente no lugar. — Ela ficou de pé. — Vocês dois passaram por muita coisa. E, não, ela não me contou sobre o que vocês conversaram — acrescentou antes que eu falasse algo. — Todo mundo percebe que você é tão fodido quanto ela. Você não é meu paciente, então posso falar com você do jeito que quiser. — Revirei os olhos. Não estava nem aí para a forma como ela falava comigo. — Mas ela está magoada, com medo, com raiva e decepcionada.

Porra, eu a decepcionei. Ela se abriu comigo e eu a decepcionei. Pior, ela estava com medo de mim. Nunca iria me perdoar por isso.

— Como eu posso fazê-la confiar em mim de novo? — perguntei antes de a doutora sair.

— Não tem como saber — ela respondeu, cabisbaixa. — Mas ela precisa descobrir que o mundo não é mais o mesmo. O marido a deixava trancada dentro de casa. Ele batia, maltratava e ela era submetida a terrores que não quero nem imaginar. — Vi lágrimas descenderem por sua bochecha. — Ela jurou que jamais vai deixar isso acontecer novamente, que não vai passar por tudo aquilo de novo. E juro que não foi seu beijo que a fez enxergar isso.

A doutora tocou em meus ombros, fazendo-me olhar para ela.

— Ela precisa de amigos agora, precisa de apoio. Um relacionamento amoroso poderia cicatrizar as feridas dela tanto quanto afastá-la pra sempre. Entendeu? — Concordei. — Eu estava torcendo para vocês ficarem juntos, Arthur. — Encarei-a, confuso. — Ela é um doce de menina e precisa de alguém como você na vida dela para protegê-la.

— Mas como vou fazer isso sem me aproximar? Como vou protegê-la?

— Não sei. Mas tenho certeza que você vai descobrir. — Ela chegou perto do André e acariciou seu cabelo. — Eu vejo como você cuida do seu amigo, como cuida de todos ao seu redor. Por que, enquanto não dá esse tempo a ela, não tira um tempo pra você também?

Ela saiu pela porta, mas voltou e me encarou.

— Às vezes precisamos esquecer do mundo para nos reencontrarmos — disse isso e saiu.

Sentei-me ao lado da cama do André e fiquei encarando seu rosto. Não me sentia mais culpado por ele estar em coma. Sabrina havia aberto meus olhos. Ela também me fez entender que eu não era um covarde por ter abandonado minha família quando minha noiva faleceu; eu precisava sair de lá para poder respirar. E agora era por causa da Sabrina que eu estava me sentindo perdido, e era por ela que precisava colocar a cabeça no lugar. *Talvez a doutora*

tenha razão, e me afastar dela agora seja uma solução para não a perder no futuro.

Mas, como faria com que ela entendesse que aquele beijo não tinha sido para me aproveitar, e sim porque eu sentia algo? Se me afastasse agora, seria essa a impressão que iria passar, que eu tinha me aproveitado, a beijado e não queria mais nada além disso.

Corri para o corredor do hospital. Era de madrugada e as únicas enfermeiras que estavam de plantão estavam passando nos quartos e acompanhando os internados. Olhei para os dois lados antes de ir para trás do balcão pegar um papel de receituário e roubar uma caneta. Voltei correndo para o quarto antes que me vissem.

Escrevi um bilhete para ela saber que eu não havia desistido dela, só estava dando espaço para que entendesse o que havia acontecido, e que assim que nós estivéssemos melhor das ideias, voltaria a procurá-la, nem que fosse somente para sermos amigos. Dobrei o papel, coloquei na minha jaqueta e peguei meu celular.

Chamou por três vezes antes de alguém atender.

— Querido, aconteceu alguma coisa? — A voz preocupada da minha mãe me fez sentir um crápula por estar ligando tão tarde. — Filho, fala alguma coisa.

— Oi mãe, desculpa. — Senti lágrimas escorrendo pela minha bochecha. — É que... Eu estava pensando...

— Quem é, Isabel? — Ouvi a voz do meu pai ao fundo.

— É nosso filho.

— Eu não tenho filho. — Escutei-o praguejar baixinho.

— Arthur, está tudo bem?

— Está sim, mamãe. Eu vou passar o final de semana aí, pode ser?

Tentei passar segurança na minha voz, mas ouvi-os falando mexeu tanto comigo que parecia que eu estava chorando há muito tempo.

— Ele quer passar o final de semana aqui conosco — ela sussurrou para meu pai.

Ele não ter respondido de imediato me fez ter um pinga de esperança.

— Se for um problema pra vocês, eu fico em um hotel — gaguejei — Só preciso ver vocês, por favor.

— Oh, meu filho. É claro que você pode vir. — Sua voz embriagada dizia que ela estava segurando as lágrimas. — Somos seus pais e te amamos. Sentimos tanto sua falta.

— Chego aí no sábado. Ok?

— Ok. Agora nos deixe dormir que amanhã tenho um compromisso

cedinho.

— Está bem, mãe. Te amo.

Fazia tempo que eu não falava que a amava, muito tempo mesmo. Aquelas palavras abriram porta para que ela começasse a chorar e um alívio se instalou em meu peito.

— Também te amo, meu filho. Sempre. — Ela quase não conseguiu formular as palavras de tanto chorar.

Encerrei a ligação chorando tanto que não consegui enxergar o contato do Seu Paulo para pedir que deixasse alguém no meu lugar no final de semana.

— Agora só falta você acordar, meu amigo — sussurrei, segurando a mão do André. — Aposto que vai se surpreender com tudo o que aconteceu enquanto você estava dormindo.

15
Sabrina
(Lembranças)



— Você deve ser a Sabrina.

Ele me encarava com os olhos mais incríveis que já havia visto. Segurava um pacote com medicações em uma mão e a outra estava estendida para me cumprimentar.

— Sou sim. — *Estendi minha mão e toquei a sua. — Como você sabe meu nome?*

— O Padre João me disse que a menina mais bonita daqui se chamava Sabrina e que estava cuidando de outras meninas no fundo da igreja.

Ele sorria e não pude deixar de sorrir de volta.

— Acho que o Padre João está errado — disse, ficando séria. — A menina mais bonita é a Laurinha aqui. — Peguei a menina no colo, que nos observava com um sorrisinho no rosto.

— Ela é linda, não é, Rafael?

Laurinha acariciou meus cabelos e olhou de mim para ele como se soubesse um segredo. Ela começou a tossir e segurou sua barriga.

— Ela está com febre. Eu trouxe os remédios que o Padre pediu — disse, pegando Laurinha do meu colo e deitando-a no colchonete.

As irmãs haviam deixado as meninas com intoxicação sob meus cuidados nos fundos da igreja, para não transmitir nenhuma doença para as meninas saudáveis do orfanato. Consegui alguns colchonetes e distribuí de forma que eu pudesse transitar entre eles e medicar as cinco meninas. Eu disse para as irmãs que não era necessário, mas elas disseram que seria muito pior se as outras dezessete também ficassem doentes. Então cá estávamos, nos fundos da igreja, dormindo em colchonetes, comendo sopa que a irmã Noemi trazia à noite e dependendo de vizinhos para trazer medicação para as garotas.

— Você pode ajudar a Sabrina a cuidar da gente? — Ouvi uma das meninas reclamar para o garoto que a medicava.

— Não seja boba, Lia. O moço deve ter mais o que fazer do que ficar limpando vômitos e dando sopa na boca de vocês.

— Na verdade — ele falou, chegando perto —, eu tenho experiência com vômitos e sopas na boca.

— É mesmo? — perguntei, ofegante com sua aproximação. — Experiência estranha para se revelar. — Ele estava tão próximo que podia sentir seu cheiro.

— Minha mãe tem câncer.

Levei a mão à boca.

— Desculpa, eu... — Idiota. — Desculpa.

— Não, tudo bem — ele disse, sentando encostado na parede.

— Como você conhece as meninas? — perguntei, mudando de assunto. Ele me encarou e senti minhas pernas bambas. — Nunca vi você no orfanato.

— Conheço a Lia, a Laurinha e a Cibele — ele disse, apontando de uma para a outra. — Faço trabalho voluntário na assistência social no meu tempo livre.

Ele sinalizou para me sentar ao seu lado e fiz mais que prontamente. Queria ficar perto.

— Ajudei a resgatar as meninas e trazê-las para cá. O Padre João é um grande amigo da família, e sempre que posso, ajudo na igreja com projetos sociais.

— Nossa, isso é incrível.

Olhei pra ele, que me encarava. Era difícil desviar os olhos. Era tão intenso, tão fácil, tão bonito.

— E você? Como veio parar aqui?

— Minha irmã e eu perdemos nossa mãe. Fomos encontradas e nos trouxeram para cá — resumi a história. Ainda não me sentia confortável em contar toda a verdade.

— E sua irmã está doente também? — perguntou, olhando para as meninas que já dormiam.

— Não, ela foi adotada. Não tive a mesma sorte.

— E vocês mantêm contato? Quero dizer, por que não foi com ela? — perguntou, avaliando-me.

— Os pais dela não podiam alimentar nós duas, então cá estou — respondi, não querendo mais falar sobre o assunto.

— Sinto muito.

— Não, tudo bem. Já faz muito tempo.

— Você me acompanha até lá fora? — perguntou, levantando e estendendo a mão.

Eu a segurei e fomos de mãos dadas até a porta da igreja. Aquilo era bom. A sensação de ter alguém era muito boa. Eu olhava para ele de canto, e percebi que ele sorria me olhando.

— Quer saber? — ele falou quando estava na porta. — O Padre João

tinha razão. — Concluiu antes de ir embora.

Fiquei sorrindo igual a uma idiota enquanto voltava para os fundos da igreja.

— Vocês estão apaixonados — Laurinha falou, tirando-me dos pensamentos.

— Deixa de ser boba, menina, e vá dormir. Os remédios só fazem efeito se estiver dormindo — falei, puxando seu cobertor até tampar o pescoço.

— Você vai ter que ir embora logo. Seu aniversário de dezoito anos está chegando. — Ela virou para mim quando sentei ao lado do colchonete. — Ia ser muito lindo se vocês se casassem. Você teria uma casa para morar depois que saísse do orfanato.

— Sua febre está baixando — disse, colocando a mão em sua testa. — Não sei por que você ainda está delirando assim, lindinha.

Ela deu uma risadinha e virou para o outro lado. Logo sua respiração estava mais pesada e percebi que já estava dormindo. Caminhei entre os colchonetes e verifiquei a temperatura das cinco. Após, deitei no meu colchonete e dormi.

— Sabrina, acorda. Sabrina...

Senti meus braços sendo puxados antes de abrir os olhos.

— Sabrina!

Um som estrangulado de alguém se afogando me despertou imediatamente e levantei num pulo.

— Há quanto tempo ela está assim? — perguntei, levantando a cabeça da Lia, que se afogava com o próprio vômito.

— Não sei. — As meninas choravam muito. — Nós acordamos e ela já estava se debatendo.

— Tudo bem. Meninas, se acalmem — disse, pegando Lia no colo e colocando-a de lado em cima da mesa. — Laurinha, corra até o Padre João e peça para ele ligar para a ambulância. Dani, Vá até o banheiro e pegue o máximo de toalhas e um balde com água. Cibele, vai junto com a Dani e a ajude a trazer as coisas pra mim. Cadê a Roberta?

Todas se entreolharam e correram para fazer o que eu havia pedido sem me responder. Depois procuraria por ela.

Lia continuava se debatendo, mas não estava mais afogada. Já tinha visto outras pessoas tendo convulsão e a única coisa a se fazer era colocá-la de lado e cuidar para que nada bloqueasse as vias aéreas.

— A ambulância já está a caminho. — Ouvi a voz do Rafael atrás de mim. — Como ela está?

— Como você...

— A Roberta foi me chamar assim que as meninas te acordaram — ele respondeu, verificando o pulso da Lia, que tinha parado de se debater.

— O Padre João disse que a ambulância já está a caminho. — Laurinha entrou correndo, olhando para Rafael.

— Toma aqui — Colocou sua jaqueta ao meu redor. — Logo os paramédicos estarão aqui, e você não está vestida apropriada para eles.

— Nós também estamos de pijama. — Ouvi uma das meninas falar, dando risada.

— Mas vocês são crianças. — Ouvi-o responder e senti meu rosto ferver.

— A ambulância chegou. — Ouvi o Padre João falar da porta. — Rafael, traga a menina. Sabrina, você precisa ficar pra cuidar das outras.

— De jeito nenhum. A Lia é minha responsabilidade, eu vou com ela — respondi, indo atrás deles.

— Eu volto assim que tiver notícias. Eu prometo que vou cuidar dela. Mas as meninas estão apavoradas e tenho certeza de que precisam de você.

Rafael deu um beijo em minha bochecha antes de entrar na ambulância e partir.

Não dormi mais aquela noite. Não sei quanto tempo passou até o Padre João aparecer na porta, porém as quatro meninas que ficaram já dormiam há muito tempo.

— Rafael pediu para avisar que a Lia está bem. — Senti um alívio e me deixei chorar. — Ela teve uma convulsão por conta do medicamento, mas passa bem. Ele vai ficar com ela no hospital. Assim que ela tiver alta, vai trazer para o orfanato novamente.

— Ok. Obrigada, padre.

Em poucos dias as meninas estavam curadas e não houve mais nenhum incidente. Faltavam poucos dias para meu aniversário de dezoito anos e já estava quase aceitando a oferta para virar noviça. Eu tinha jeito com as crianças, poderia conseguir trabalhar em algum orfanato, ou seja lá o que as freiras fazem.

Rafael não havia aparecido mais depois daquela noite em que a Lia quase tinha morrido. Ele havia deixado o casaco comigo, e eu só não dormia o cheirando todas as noites porque pareceria uma adolescente patética. Ele tinha sido tão gentil e amável com as meninas que eu duvidava que todas elas não tinham uma paixonzinha por ele.

E não vou negar que eu também me via suspirando pelos cantos quando lembrava dele. Ele era bonito, gentil e estava vindo em minha direção agora.

Quê? Pisquei algumas vezes. Ele realmente estava vindo em minha direção. Arrumei minha roupa mesmo sem saber o porquê e o esperei chegar

perto. Percebi que retribuía o sorriso que ele me dava, mesmo sem querer.

— Sabrina, que bom rever você — ele falou assim que chegou perto, muito perto por sinal.

— Bom ver você também. Que olhos lindos você tem.

— Obrigada — respondeu sem jeito.

Senti minhas bochechas ardendo. Não acredito que falei isso em voz alta.

— O que traz você aqui no orfanato? — perguntei, mudando de assunto.

— Trouxe uns documentos para a Irmã Noemi e aproveitei para ver como a Lia está.

— Oh.

Não sei por que, mas fiquei chateada achando que ele tinha ido ali para me ver.

— A quem eu estou tentando enganar?

Ergui meus olhos e encontrei os dele me observando. Corei na mesma hora. Ele pegou em meu braço e me puxou para uma sala, olhou para os dois lados e fechou a porta. Nós estávamos sozinhos e aquela percepção fez florescer alguma coisa dentro de mim. Não sabia o que era, mas era bom.

— Eu não acho que podemos ficar aqui — falei gaguejando. Ele pareceu chateado. — É a sala de aula. Logo as meninas vão chegar — acrescentei.

Ele sorriu. Meu coração saltava acelerado.

— Eu não sei o que estou fazendo — ele falou, chegando bem perto de mim. — Desde o dia em que te vi, não consegui mais parar de pensar em você. Tudo me lembra você. As pessoas estão dizendo que estou parecendo um bobo apaixonado.

Eu estava tremendo. Não sabia o que ele queria dizer com tudo aquilo.

— E acho que estou mesmo. E estou prestes a beijar você. — Engoli em seco. — Mas, se você não quiser, por favor, me diga agora para que eu crie forças para parar.

Ele esperou por uma resposta, e a única coisa que consegui fazer com meu raciocínio que virou geleia foi dar um passo em sua direção. Ele sorriu e me beijou. Foi doce e suave. E bom, muito bom.

— Casa comigo? — perguntou quando nos afastamos. — Eu sei que é loucura, que mal nos conhecemos, mas estou completamente apaixonado por você. E pela forma como está me olhando, você também gosta de mim. — Fiquei encarando-o, assustada e confusa. — Eu vou te fazer a mulher mais feliz do mundo, eu prometo. Vamos ter muito tempo para nos conhecermos; a vida inteira.

Ele se ajoelhou bem na hora que a porta se abriu e os olhos curiosos das outras órfãs espiavam o que estava acontecendo.

— Sabrina, você aceita se casar comigo? — ele repetiu o pedido.

Ouvi os sussurros, suspiros e risinhos apaixonados das meninas. Mas nenhum deles era da minha irmã. Eu queria muito que ela estivesse aqui, seria meu porto seguro.

— Aceito — disse entre lágrimas.

Ele levantou e me deu um abraço apertado.

Marcamos a cerimônia para um dia depois do meu aniversário de dezoito anos. Só não esperávamos que a mãe do Rafael viria a falecer uma semana antes; ela estava muito doente e debilitada por causa do câncer. Meu noivo ficou em choque e achei que acabaria se matando, mas se reergueu, e no dia do nosso casamento ele estava lá firme e forte.

Acreditei que seu temperamento explosivo era muito por causa das mudanças. Uma esposa para cuidar, sua mãe, que era seu suporte, havia falecido, e um mês depois de nos casarmos ele tinha sido demitido.

— Não tem problema, Rafael — disse, acariciando suas costas. — Vamos dar um jeito. Eu posso arranjar um trabalho para ajudar com as contas e...

— Não — gritou, afastando minhas mãos. — Mulher minha não vai trabalhar. Não vou deixar outros homens olharem e desejarem você.

— Eu tenho certeza que isso não vai acontecer — eu disse, rindo. — E que mal tem os outros desejarem o que você tem? Eu sou sua esposa, só você me tem.

— Você é vagabunda? Escutou o que acabou de falar?

Ele puxou minha mão, fazendo-me cambalear para perto dele.

— Você está me machucando — disse, tentando me soltar.

— Você acha que eu quero que minha mulher seja objeto de desejo de outros homens? — Ele soltou minha mão e deu as costas para mim. — Talvez ter me casado com você foi um erro. Você é só mais uma vagabunda de rua mesmo.

— Por que você está falando isso?

Eu não conseguia acreditar nas palavras que ele estava pronunciando.

— Eu achei que você era diferente. Mas não, você é pior. Se casou comigo para ter um teto sobre sua cabeça depois que fosse obrigada a sair daquele orfanato, não é? — ele gritou. Fiquei sem ação. — Ninguém te quis. Sua família... As irmãs iam te colocar na rua, então você se jogou como uma puta no meu colo pra conseguir o que queria.

— Rafael, do que você está falando? Foi você quem foi atrás de mim.

— Cala a boca, cala a boca, cala a boca — ele gritava cada vez mais alto.

— Quer saber? Eu não sou obrigada a ficar escutando isso. — Virei-me para ir para o quarto. — Amanhã, quando você estiver com a cabeça fria, a

gente conversa.

— Volta aqui. — Senti meu cabelo sendo puxado e tive quer forçar meus pés no chão para não cair. — Eu não terminei ainda.

— Me solta, Rafael. Me solta. — Tentei me soltar das suas mãos. — Eu vou gritar.

— Grita. — Ele chegou perto do meu rosto. — Grita o mais alto que puder. Mas, depois que eu matar você, vou procurar sua irmãzinha nem que seja no inferno e vou acabar com ela também.

— O que você está falando? E todas aquelas juras de amor que você me fez?

— Eu estava sob seu encanto.

Ele me deu um tapa no rosto tão forte que me senti tonta.

— Sua bruxa.

Outro tapa, depois outro e outro, até eu não conseguir mais ficar em pé.

Acordei suando e com a chuva forte batendo no vidro. Um relâmpago brilhou no céu no momento em que percebi onde estava. O pânico tomou conta de mim, as lágrimas caíam igual cascata no meu rosto. Abri a porta e corri o mais rápido que pude para a rua. Fiquei rodando no gramado sem saber o que fazer. A angústia me matando a cada segundo que eu continuava ali. Olhei para a casa vizinha e corri em direção sem saber se ela estaria lá. Bati na porta da Dona Claudete como se o mundo dependesse que ela abrisse para ser salvo.

Assim que ela abriu, corri desesperada para o banheiro mais próximo e me tranquei lá dentro. O pânico continuava ali. Ouvia Dona Claudete chamado por mim, mas não conseguia falar, andar, respirar e nem pensar. Talvez o mundo fosse melhor sem mim ali. E aquele pensamento era o que mais fazia sentindo naquele momento. Não havia motivos para viver.



— Ah querido, que bom que você chegou.

Entrei correndo para dentro da casa, indo direto para a porta do banheiro e quase levando a doce senhora junto comigo.

— Sabrina, sou eu, Arthur — sussurrei de encontro à porta, dando batidas leves para não a assustar. — Por favor, abra a porta. Vamos conversar.

— Estou há quase duas horas tentando convencê-la de abrir a porta e nada, só a ouço chorar. — Olhei para Dona Claudete, que franzia o cenho, segurando para não cair no choro. — Mas faz mais de trinta minutos que não ouço nada, por isso te liguei. Estou preocupada. E se ela fez alguma besteira? — O desespero em sua voz era evidente.

— A senhora devia ter me ligado assim que ela veio para cá. — Bati na porta com mais força dessa vez. — Sabrina. Deus. Se você abrir a porta, prometo ir embora. Por favor.

Nada. Nenhum ruído. Apenas aquele silêncio esmagador. Assim que Dona Claudete me ligou, saí correndo do hospital, deixando uma Doutora Larissa muito zangada por correr pelos corredores, empurrando tudo em minha frente.

Eu sabia que ela não estava bem. Devia ter vindo atrás dela assim que a doutora falou que ela havia ganhado alta e veio embora para ficar o mais longe possível de mim. Onde eu estava com a maldita cabeça? Por que a beijei? Agora ali estava ela, sua mente estragada acabando de vez com suas chances de ser feliz. E eu era o motivo. Merda. Sabe-se Deus o que ela havia feito. *Não posso perdê-la também. Por favor.*

— Sabrina, abra a porta. — Nada. — Por favor, abra a porta. — Silêncio.

— Querida, por favor, abra a porta. Deixe-nos ajudar. — Dona Claudete chorava baixinho. Suas mãos idosas tremiam de nervoso. — Oh, Deus. — Vi suas pernas bambearem e ela pôs as mãos na parede para segurar-se.

— A senhora está bem? — Ela assentiu. — A senhora pode se deitar. Eu a chamo quando conseguir convencer a Sabrina de abrir a porta.

— Oh não, querido. Quero estar aqui quando a menina abrir a porta.

Ouvi um barulho muito sutil, como se alguém houvesse encostado na porta.

— Eu cuido disso. A senhora está muito nervosa. Me deixe a sós com ela.

Ela me olhou com o cenho franzido, irritada, mas não discutiu. Virou as costas e deixou a porta do quarto encostada. Possivelmente para conseguir escutar se eu conseguisse algum progresso.

Esperei alguns segundos e me agachei, sentando com as costas encostadas à porta. Pude ouvir um suspiro.

— Eu não vou sair daqui até você abrir a porta. — Ouvi mais um suspiro, porém esse pareceu irritado. — Sabrina, eu preciso me desculpar por ontem. — Olhei para a porta do quarto entreaberta, pensando que era melhor não entrar em detalhes. — Eu fui um completo idiota. Você confiou em mim e eu estraguei tudo.

Silêncio.

Não sei quanto tempo fiquei sentado com as costas na porta. Minhas pernas já estavam doendo e minha cabeça latejando. E, merda, nenhum sinal da Sabrina. Porra, eu queria poder voltar no tempo e não ter dado aquele beijo. Mas, caramba, senti-la em meus braços e sentir o gosto dela me fez acreditar que a vida poderia ter algum sentido novamente. Foi como se algum interruptor há muito desligado fosse forçado a ligar e ascender algo dentro de mim. Se isso não era certo, por Deus, o que era então?

— Eu liguei para minha mãe hoje — sussurrei. — Vou visitá-los este final de semana. — Senti a porta se mexer sutilmente, como se ela estivesse sentando contra a porta também. — Ouvi meu pai na linha e chorei feito criança. — Sorri com a lembrança. Escutei-a segurar uma risadinha. — Ele disse que não tinha filho, mas quando pedi para ir vê-los, não negou. Isso deve significar alguma coisa, não é? — Nenhuma resposta. — Por sua causa, verei minha família novamente.

Senti a porta tremer e um soluço. Ela estava chorando. Isso era bom. Ela estava bem.

— Por sua causa, não sinto mais o peso da culpa em meus ombros — continuei falando. — Eu me culpava todos esses anos, me culpava por muita coisa. Até se o lixeiro não passasse no dia que era certo, eu me culpava. — Sequei algumas lágrimas que ousaram cair, mas não estava triste. — Sabrina, você me fez enxergar que nem tudo é minha culpa. Que as coisas acontecem porque eram para acontecer, e as que não eram para acontecer não tem como ser evitadas. — Bati com a cabeça na porta e a escutei chorar mais alto. — E eu prometo que quero fazer você enxergar isso também. Por favor, me dê uma chance de mostrar pra você que merece mais. Que é digna de mais.

— Não. — A ouvi sussurrar em meio às lágrimas.

Um alívio percorreu meu corpo. *Ela está bem.*

— Por favor, me deixe te mostrar como o mundo pode ser bom também. Me deixe ser seu amigo. Posso te ajudar, da mesma forma que você me ajudou a ver que eu posso ter uma segunda chance de ser feliz.

— Você não pode. Ninguém pode. Eu estou quebrada. Nada no mundo pode me consertar — ela gritou.

Dona Claudete apareceu na porta do quarto, mas com o olhar pedi para nos deixar a sós. Ela voltou para o quarto hesitante, fechando a porta dessa vez.

— Como você sabe? Como pode ter certeza de que não pode ser feliz? — perguntei junto à porta.

— Porque eu fiz escolhas na vida, Arthur. Escolhas que me fizeram sofrer, que me fizeram ser esse monstro que sou. Eu não tenho cura — gritou essa última parte. Esperei-a continuar a desabafar. — Eu fugi de você porque eu não consigo dar o que você quer, o que você precisa. E não é por medo. É porque eu tenho certeza que sou destrutiva pra qualquer pessoa.

— Sabrina, você não...

— Me deixe terminar — gritou, e socou a porta. — Porra. Minha mãe, meu pai, minha irmã. — Pausou. A dor na voz dela era evidente. — Minha irmã. Todos me abandonaram. O Rafael era um bom rapaz, sabia?

— Não, ele não era — gritei, levantando. — Ele era um merda.

— Não antes de me conhecer.

Ela abriu a porta, encarou-me e fez sinal para eu entrar no banheiro. Seu rosto estava todo vermelho de tanto chorar. Eu queria abraçá-la, mas sabia que isso a faria correr de mim de novo. Entrei e sentei encostado na parede do lado oposto a ela. Ela esperou até eu me acomodar, fechou a porta do banheiro e voltou a sentar encostada na porta.

— Sabrina, eu... — comecei a falar.

Ela levantou a mão, silenciando-me.

— Me deixe terminar, por favor.

Fiquei quieto, atento a ela. Mesmo com os olhos inchados, ainda era muito bonita. Encolhida na porta, parecia uma criança. Minha menina.

— Nós nos falamos três vezes. Eu e o Rafael. Havíamos nos encontrado apenas três vezes. E na terceira vez ele me pediu em casamento. — Ela secou algumas lágrimas, perdida em pensamentos. — Eu tinha dezessete anos na época. As minhas meninas, as que eu cuidava no orfanato, eram todas muito apaixonadas por ele. Sempre ficavam falando o quanto ele era bom, generoso, bonito. E eu fui caindo na lábia dele. Quando ele me pediu em casamento faltava menos de um mês para eu ser expulsa do orfanato. — Ela voltou a chorar muito com suas lembranças. — Eu aceitei. Ele era um príncipe, sempre disposto a

ajudar a todos. Ajudava em tudo o que o orfanato precisava.

— Ele estava tentando conquistar você, Sabrina — falei com raiva. Ela não podia estar se culpando pelo que aquele merda tinha feito. — É evidente que ele queria impressionar você para poder tê-la.

— Não. — Ela me olhou com dor. — Ele realmente era bom. Conheci sua mãe antes de ela falecer. Ele entrou num estado de estupor. Depois do nosso casamento, começou a ficar super protetor, com medo de me perder. Mas me respeitava. Nunca deixou faltar nada pra mim.

Eu não posso acreditar que ela está defendendo aquele cara.

— Até ele perder o emprego. — Ela encarou o teto e demorou a voltar a falar. — Depois disso, tudo o que eu fazia ou falava era motivo de briga. E de certa forma eu sabia que era questão de tempo até ele começar a me agredir. Um dia eu sugeri que poderia trabalhar para ajudar com as contas. — O desespero tomou conta da sua voz. — Ele ameaçou encontrar minha irmã caso eu o deixasse ou contasse o que estava acontecendo. E eu não podia permitir. Nunca permitiria que alguém fizesse mal a ela. Nunca.

Continuei em silêncio.

— Eu passei a seguir as regras dele. Não sair de casa. Não conversar com nenhum outro homem. Usar somente as roupas que ele deixava. Em poucos meses ele conseguiu outro emprego e as ameaças e seus tapas ficaram menos constantes. Parecíamos um casal novamente. — Ela me encarava com medo nos olhos. — Parecíamos. Uma noite ele chegou em casa e, sem eu falar nada, começou a me espancar. Nada que ele tinha feito nos dois anos de casado foi parecido com aquilo. Me bateu tanto que eu não consegui andar. Perdi a consciência e acordei com ele me estuprando.

Engoli em seco. A raiva estava me consumindo.

— Depois desse ataque, eu percebi que não importava se eu falasse com outros homens ou se fosse até os fundos de casa, já que a porta da frente estava sempre fechada e ele era o único com a chave. — Ela riu com amargura. — Não importava nada disso. Estava fadada a morrer nos braços dele e a sofrer por uma escolha que fiz. E eu queria fugir, Arthur. Eu queria mais que qualquer outra coisa no mundo. Mas nunca conseguiria colocar meu bem-estar na frente do da minha irmãzinha. Jamais conseguiria viver pensando que ele poderia ir atrás dela e machucá-la porque eu não fui forte o suficiente para aguentar. — Ela voltou a chorar muito. — Eu não me culpo pelo que ele fez comigo. Eu me culpo por ter escolhido isso. Mas não me arrependo, porque sei que a minha Nina estava segura daquele monstro. Eu só queria que você entendesse isso.

— Eu entendo, Sabrina. Entendo.

— Não, Arthur. — Ela ficou de pé, secando as lágrimas. — Você não

entende. Eu vejo como você me olha, esperando que eu retribua seus sentimentos. Eu preciso que você entenda que eu nunca poderei retribuir, que eu nunca conseguirei fazer outra pessoa feliz. Por favor.

— Eu não... — Não consegui concluir a frase.

Sabrina tinha razão. Eu esperava que ela me retribuísse, seja lá o que sentia por ela.

— Eu só não consigo — ela disse por fim, encarando-me. — Você é uma pessoa muito boa, Arthur. Eu consigo enxergar isso em você. Consigo ver o quão especial você é. E sua família sabe disso. Seus pais, seus sogros, eles vão perdoar você por ter saído das vidas deles. Porque não cabia a eles essa escolha, cabia a você. — Ela chegou perto de mim, colocando a mão em meu peito, que doía muito por suas palavras. — A Jaqueline ficaria orgulhosa de ver a pessoa que se tornou.

— Obrigado — falei, encarando-a com os olhos marejados. — Sua irmã também ficará orgulhosa de você por ter enfrentado tanto e ainda estar de pé.

— Não. — Ela se afastou, baixando o rosto. Meu peito sentiu falta do seu toque. — Não irei fazer isso com ela. Minhas dores. Eu nunca conseguirei ir atrás dela e colocar esse peso em suas costas.

— Então me deixe te ajudar a carregar esse fardo. — Me aproximei, tomando cuidado para não a tocar. — Me deixe ajudar a superar esses seus temores.

Ela me encarava com tanta dor acumulada que seu sofrimento me dava angústia.

— Me deixe ajudá-la, como me ajudou. Me deixe fazer você acreditar na vida de novo, como fez comigo. Por favor.

— Não. Porque não é isso o que você quer. — Ela se afastou, encarando-me. — O que você quer eu não posso te dar.

— Então me dê somente sua amizade. Nada mais — supliquei. — Não peço nada mais que isso. Vou receber de você aquilo que conseguir me dar. — Andei de um lado para o outro no pequeno banheiro, com seus olhos em mim. — Me deixa te ajudar a carregar esse peso até ficar mais leve e conseguir encontrar sua irmã.

Vi quando ela vacilou e seus ombros caíram em rendição.

— Eu prometo nunca mais te beijar.

Ela ficou alerta de novo.

— Prometo que nunca vou pedir nada em troca, além da sua amizade e seus conselhos. Me ajude a superar meus medos e eu te ajudo a exorcizar seus demônios internos.

— Mas como isso... Não vai... — Ela se perdeu em seus pensamentos.

— Quando se sentir mais leve e pronta para o mundo — falei, trazendo seu olhar para mim novamente —, quando achar que está pronta, te ajudo a encontrar sua irmã.

Ela me olhou com tanta emoção que tive que me segurar para não abraçá-la.

— Uso meus contatos na polícia e te ajudo a encontrá-la. Depois eu saio da sua vida e nunca mais volto a te procurar. Não vou pedir nada em troca.

— Por que você faria isso? — ela perguntou, ainda me encarando. — Você não me deve nada.

— Você passou a maior parte da sua vida achando que tudo tem seu preço. Mas vou te contar um segredo, Sabrina, nada no mundo é mais valioso que uma alma livre. Você me deu isso. Você me devolveu uma luz que eu havia perdido há muito tempo — falei sorrindo. — E isso não tem preço. Vou ficar devendo a você eternamente por isso.

— Tá bom — ela disse sorrindo, limpando algumas lágrimas com a mão. — Eu aceito sua amizade.

Andei em sua direção. Queria abraçar e rodá-la no ar; queria beijá-la também. Mas não faria nada disso. Estendi a mão para selar um acordo. Ela estendeu a sua e apertou a minha, ainda me encarando. Só Deus sabe o quanto eu queria poder tirar todo aquele sofrimento dos seus olhos, toda a dor que ela passou e todo mal que já a assombrou.

Queria fazê-la enxergar a vida novamente. E se para isso tivesse que sacrificar meu coração novamente, então eu faria. Daria a ela minha amizade, e depois que estivesse com sua alma novamente, iria me afastar, por mais que isso me machucasse.

— Então, amiga, faça as malas, pois iremos para o sul visitar meus pais.



— Você canta muito, muito mal. Não devia ter aceitado viajar com você — falei, encarando-o enquanto ele sacudia a cabeça e "cantava" igual ao rapper.

Depois que acordei em casa e vi que estava sozinha, entrei em desespero. A única coisa que consegui fazer foi correr para a casa da minha bondosa vizinha e me esconder dentro do seu banheiro. Eu sei que a deixei preocupada, não pensei direito. Só queria dar fim a minha vida. Pensei que estaria fazendo um bem para a humanidade. Mas, na verdade, só estava sendo covarde. Então, quando ouvi a voz do Arthur implorando para abrir a porta, segurei com mais força a gilete em minha mão.

Depois que ele começou a falar sobre o quanto eu o havia ajudado e como ele queria me ajudar, a lembrança da Nina me veio à mente e a única coisa que consegui pensar era em fazer o Arthur se afastar para não fazê-lo sofrer. Porém, o inesperado aconteceu, e não sei bem o porquê, mas acreditei nele. Foi como se algo dentro de mim me dissesse que valia a pena. E cá estou, ouvindo-o fazer o solo de rap mais bizarro que já ouvi.

— Ah, para. Você não reclamou das últimas duas horas que cantei. Por que reclamar agora? — perguntou, sorrindo.

— Porque nas últimas duas horas você não estava fazendo os outros carros quase baterem em nós como clemência para impedi-lo de cantar.

Dobrei minhas pernas até meus joelhos chegarem perto do meu queixo e apoiei meus braços por cima, colocando as mãos nos ouvidos.

— Eu juro que se você fizer mais alguma imitação do Eminem, eu me jogo pra fora deste carro.

Ele gargalhou, e não pude evitar gargalhar junto. Estava sempre concentrado na estrada, mas às vezes me olhava de canto de olho e aquilo me deixava desconfortável. Porém, de alguma forma ele conseguiu que confiasse nele. Sabia que faria o possível para me deixar à vontade e iria respeitar meus limites.

— Falta quanto tempo até chegar na sua cidade?

— Acredito que trinta minutos ou menos, desde a última vez que me perguntou, há trinta minutos — respondeu, voltando a atenção para o trânsito.

— Desculpe — falei, baixando as pernas. — Fico ansiosa com viagens

longas. A última que fiz foi quando nos trouxeram para o orfanato.

— Vocês moravam muito longe daqui? — perguntou, fitando-me novamente.

— Olhe pra frente, Arthur.

Ele baixou o volume do rádio, sem tirar os olhos da estrada.

— Na verdade, se eu não me engano, a cidade que morávamos fica a uns 50km à frente, nesta rodovia. Nossa casa fica bem próxima à entrada da BR.

— Sério mesmo? — perguntou. — Se você se sentir confortável, podemos passar para ver o lugar.

— Não faz diferença — respondi, pegando um pacote de biscoito. — Não tem nada pra mim lá. A única coisa que era importante naquele lugar era minha irmã. Sem ela lá, é só um lugar.

— Tem certeza que não quer dar nem uma passada? — Diminui a velocidade do carro até parar no posto de gasolina. — Nem pra ver como está sua antiga casa?

— Não. Obrigada — respondi, saindo do carro. — Vou ao banheiro. Quer que pegue alguma coisa pra você comer? Um café talvez?

— Um café seria muito bom.

Assenti e fechei a porta. Não fazia sentido algum eu ir até aquela casa. Ela estava em ruínas há dezesseis anos, imagine agora.

Entrei no banheiro feminino, esperando alguma cabine desocupar. Uma menina com não mais de cinco anos parou do meu lado e puxou minha blusa. Meus olhos arregalaram quando olhei para seu rosto.

— Tia, eu posso usar o banheiro antes de você? — ela me perguntou enquanto eu a encarava assustada. — Estou muito apertada, quase fazendo pipi na calça. E minha mamãe vai brigar comigo se eu fizer. — Sua aparência lembrava muito a minha irmã. — Por favor, tia. — Ela esfregava uma perna na outra. — Eu disse pra ela nos dois últimos banheiros que não queria usar. E agora estou muito, muito apertada.

— Pode usar sim — respondi quando o banheiro vagou. — Como é seu nome? — perguntei quando ela entrou e fechou a porta.

— Charlotte.

— Um nome lindo para uma garotinha linda — sussurrei.

— Minha mamãe diz a mesma coisa — ela falou, saindo do banheiro. — Você pode me ajudar a lavar as mãozinhas?

— Claro.

Peguei-a no colo enquanto ela abria a torneira e passava o sabonete.

— E qual é o nome da sua mamãe?

— Antônia. — A decepção era evidente em meu olhar. — Eu sei, não é

um nome tão bonito, mas ela é bem linda.

— Tenho certeza que é. — Coloquei-a no chão e peguei papel toalha para secar suas mãos. É claro que a mãe dela não é minha irmã. — Onde está sua mamãe? — Mas precisava ter certeza.

— Está me esperando do lado de fora. Ela vai me dar um irmãozinho. Ela diz que não consegue mais ficar andando por aí com aquele barrigão. E, sabe, tia... — Ela fez sinal para me abaixar. Abaixei-me, não tirando os olhos dela. Era muito parecida com a Nina. — Ela está tão grande que está quase explodindo. — Ela riu no meu ouvido, como se tivesse contato um segredo sujo.

— Charlotte, você é a criança mais fofa que eu já conheci. Posso acompanhar você até sua mamãe?

Mesmo sabendo que não era minha irmã, precisava ter certeza.

— Mas você ainda nem fez pipi — falou, segurando na minha mão.

— Não estou com tanta vontade.

— Mamãe diz que não podemos ficar segurando. — Caminhamos, saindo do banheiro. — Ela falou que se segurarmos o pipi na barriga, enche de bichinhos. Uma vez eu segurei tanto que doeu lá em baixo — sussurrou, olhando para os lados, conferindo se mais alguém ouviu.

— Sua mamãe deve ser muito inteligente — disse, sorrindo para sua confissão.

— Aquela é minha mamãe. — Apontou para uma moça grávida. Ela estava de costas, escorada na porta. — Aquela com meu irmãozinho na barriga.

— Ela é muito bonita. — Mas não é a Nina. — Foi um prazer enorme deixar você usar o banheiro antes de mim, senhorita Charlotte.

— Obrigada.

Abaixei para ficar na altura dos seus olhos.

— Você salvou minha vida — falou, dando um ar teatral na última frase. Sem dúvida alguma uma grande atriz.

Olhei para seu lindo rostinho. Seu nariz e a cor dos olhos lembravam muito minha irmã. Mas desde que ela tinha ido embora com sua nova família, vivia procurando nas outras crianças traços que me faziam lembrar dela.

— Charlotte, você é muito nova ainda pra entender. Mas quero que você guarde minhas palavras — falei, segurando as lágrimas.

— Se for sobre garotos, pode deixar, nada menos que uma caixa de chocolates, nada de flores. — Eu sorri. — Ouvi minha tia dizer que homem quando leva flores é porque aprontou.

— Isso mesmo, querida. — Sorri com sua inocência. — Quero dizer que você merece e tem o direito de ser feliz. Não deixe ninguém dizer o contrário. E lembre-se: se não te faz sorrir é porque não é bom.

— Charlotte! Vamos, filha. Papai já está esperando. — Uma moça muito grávida chegou perto de nós. — Oi, sou a Antônia. Desculpe pela Charlotte, mesmo não sabendo o que ela fez.

— Oi, sou Sabrina. — Estendi a mão e apertei a dela. — Ela não fez nada. Só estávamos tendo um papo de garotas. — Pisquei para a menininha, que sorriu.

— Ah, então ok — respondeu a mãe, sem jeito. — Mas realmente precisamos ir. Meu marido está nos esperando. Estamos organizando um churrasco na casa nova e, meu Deus, minha casa está uma zona. — Ela deu a mesma ênfase teatral que a Charlotte.

— Ok — disse, olhando de uma para a outra. Eram muito parecidas. — Tchau, princesinha. Cuide bem do seu irmãozinho.

— Tchau, tia Sabrina.

Antes que eu pudesse levantar, a menina pulou no meu pescoço e me abraçou. Não pude mais segurar as lágrimas. Envolvei-a em meus braços, igual fazia com minha irmã. Sentir seus bracinhos em volta do meu pescoço me trazia lembranças boas. Lembranças que eu queria de volta.

— Nosso lugar seguro — falei, apertando ainda mais os braços.

Ela não respondeu. Fitei-a e vi que a mãe esperava paciente enquanto eu abraçava sua filhinha. Ela piscou para mim e percebi que entendia, pelo menos parecia entender o que estava acontecendo.

— Lembre-se, Charlotte — disse, colocando a menina de volta ao chão —, nada menos que a felicidade.

— Está bem, tia.

Segurou na mão da sua mãe e caminharam até o carro. Ela não olhou para trás. Vi o carro sair do estacionamento, e só então me permiti chorar pra valer.

Eu queria minha irmã de volta. Queria sentir seu abraço. Queria ter aquele sentimento de estar completa novamente. Cruzei meus braços e chorei muito com o peso das lembranças. Eu sentia muita falta da minha irmã, mas só agora percebi o quanto.

— Ei, nós vamos encontrá-la. — Senti as mãos do Arthur em meus ombros e virei para encará-lo. — Prometo que vamos encontrá-la.

Abracei-o. Precisava do seu conforto, precisava sentir que alguém se importava. Ele demorou para colocar os braços ao meu redor, e foi aí que percebi que o havia surpreendido. Também fiquei surpresa por ter feito isso; até poucas semanas atrás não conseguia ficar perto das pessoas. Eu já havia tocado nele mais vezes que em qualquer outra. Estava mais do que na cara que eu confiava nele. Ele me fazia bem. Eu só não podia dar a ele o que precisava. *Fizemos um*

acordo e somos amigos. Amigos se abraçam. Só isso. Permite-me chorar em seus braços mais um pouco.

— Seu café — falei, soltando-o com relutância. — Esqueci de pegar.

— Eu sei. — Ele colocou as mãos no bolso, parecendo desconfortável. — Eu vim atrás de você para ver o porquê da demora. Ela parecia com a Nina? A menininha?

— Sim. — Meus olhos encheram de lágrimas novamente. — Muito.

— Nós vamos encontrá-la — repetiu, secando uma lágrima que rolou pelo meu rosto. — Vamos? Não podemos chegar muito tarde na casa dos meus pais, ou eles podem fazer a gente dormir na rua. — Ele riu da minha cara assustada. — Eu não estou brincando, é sério mesmo — falou, guiando-me para fora do estacionamento. — Uma vez meu primo Daniel e eu fomos a uma festa, chegamos tarde e eles não deixaram a gente entrar.

Chegamos no carro e ele abriu a porta para mim. Esperou que eu me acomodasse e fechou a porta, deu a volta e sentou no banco.

— Tivemos que pular a janela da garagem e nos acomodar no carro do meu pai. — Deu a partida no carro e seguimos o trajeto indicado pelo Waze. — Eu sei que meu pai deixou a janela e o carro abertos porque sabia que se chegasse tarde minha mãe não deixaria entrar. Você tinha que ver a cara da minha mãe quando nos viu babando no carro. Foi hilário.

Ele ria, o que me fez rir também. Um alívio se instalou no meu peito.

— Espera aí — falei, com o pânico tomando conta. — Você falou para seus pais que está levando uma amiga, certo?

— Relaxa — falou, colocando a mão no meu ombro sem desviar a atenção da estrada.

Eu não me importei por ele estar me tocando. Era bom. Era leve.

— Você vai ser minha chave para entrar pela porta da frente.



— Você está bem?

Senti a mão dela na minha antes de olhar em seus olhos, que me fitavam com certa preocupação.

Estávamos parados em frente à casa onde cresci há muito tempo. Sabrina me olhava às vezes, aflita, sem dizer uma palavra, até aquele momento. Estava começando a me arrepender de ter vindo para cá. Onde eu estava com a cabeça? Realmente acreditava que poderia voltar depois de todos esses anos e ser recebido de braços abertos pela minha família?

— Estou — menti.

Ela assentiu com a cabeça e focou na casa do outro lado da rua.

— É uma casa muito bonita. — Ela largou minha mão, mudando de assunto.

Quase a puxei de volta. Precisava do seu conforto, mas não iria pedir a ela.

— Desculpe, Sabrina — falei, ligando o carro. — Eu não consigo fazer isso.

Ela colocou a mão sobre a minha antes que eu pudesse engatar a marcha do carro.

— Está tudo bem, Arthur. Não precisa se desculpar. Eu posso ficar no hotel que passamos. Aquele no início da rua.

Desliguei o carro, tentando compreender o que ela tinha acabado de falar.

— Você precisa conversar com seus pais a sós. Eu entendo. Eu que não devia ter deixado você me convencer a fazer esta viagem com você. Eu devia ter tido tato...

— Sabrina, para.

— Tá tudo bem. Só abre o porta-malas pra eu pegar...

— Sabrina — falei mais alto, fazendo-a dar um pulinho no banco. — Você acha que estou assim porque não quero aparecer com você na casa dos meus pais?

Ela me olhou, dando de ombros.

— Não. Oh Deus, não. Você acha que eu te convenceria de viajar por quase nove horas se eu não tivesse certeza que a queria aqui comigo?

— Então, por que estamos há quase uma hora parados na frente da casa dos seus pais? — ela perguntou, parecendo chateada, cansada, exausta.

— Eu simplesmente não sei qual vai ser a reação deles quando eu aparecer — disse por fim.

Ela me fitou incrédula, mas continuou quieta. A verdade é que eu estava apavorado de estar ali. Na noite em que liguei para minha mãe e ouvi sua voz chorosa, tinha certeza que ela sentia minha falta, e em todo meu coração, sentia a dela também. Mas agora, estando aqui, parecia tudo tão errado. A insegurança no meu peito era maior que a certeza de que daria tudo certo.

— Arthur — Sabrina sussurrou, fazendo-me olhar para ela. — Não importa qual vai ser a reação imediata deles. — Ela soltou seu cinto de segurança e chegou mais perto de mim, olhando diretamente nos meus olhos. — Eu não sei o motivo que levou você a pensar que eles guardam mágoas por ter ido embora. — Segurou minhas mãos trêmulas. — Faça eles entenderem o contrário. Diga a eles a verdade. Grite o quanto você sentiu a falta deles e espere que façam o mesmo. — Meus olhos encheram de lágrimas. — Vai doer, não vou mentir. Você vai escutar verdades, e não vai ser fácil. Mas você precisa disso. Eles precisam disso. — Ela sorriu e voltou a sentar ereta no banco. — E eu preciso muito usar o banheiro.

Eu ri, secando as lágrimas que deixei rolar por minha bochecha. Ela tinha razão, como sempre. Iria ser duro enfrentar meu pai. Ele me via como um covarde por ter ido embora, mas me amava, e isso poderia me ajudar. Eu fui covarde, e precisei conhecer a Sabrina para me fazer entender que isso não era um problema. Só esperava que não machucasse ainda mais minha mãe nisso tudo. Ela é muito forte e ficou do meu lado todo esse tempo. Eu não suportaria vê-la sofrer novamente.

— Então vamos.

Abri a porta do carro e esperei a Sabrina chegar ao meu lado para ativar o alarme. Não que ali precisasse. A cidade tinha poucos habitantes e todos se conheciam.

Caminhamos em silêncio até a porta da frente. A luz da sala estava acesa, e pelo horário minha mãe estava assistindo suas novelas. Sabrina segurou minha mão quando hesitei em apertar a campainha. Prendi o ar nos pulmões e apertei o botão, esperando pacientemente enquanto ouvia um murmúrio e a porta se abrir. Mais que rapidamente, Sabrina soltou minha mão e deu dois passos para trás, ficando escondida atrás de mim.

Soltei o ar dos pulmões quando senti os braços da minha amada mãe ao redor do meu pescoço.

— Oh, meu querido. Deus. Como eu senti sua falta.

Ela chorava muito e não aguentei a emoção, deixando todo o sentimento retraído cair em forma de cachoeira através das lágrimas.

— Mãezinha.

Apertei mais forte meus braços em torno do seu corpo miúdo, matando toda a saudade que sentia.

— Vem, entra, meu filho. Já está tarde. Daqui a pouco seu pai chega e poderemos conversar.

Ela saiu dos meus braços e me puxou pela mão.

— Mãe, é... Espera...

Sabrina, que estava atrás de mim, muito emocionada, limpou as lágrimas na manga do casaco e chegou mais perto.

— Mãe, essa é a Sabrina, minha amiga.

Olhei para o rosto inchado de tanto chorar da minha mãe e percebi o momento em que ela percebeu a menina ao meu lado. Primeiro a percepção, depois a varredura, por último o sorriso de que havia captado alguma mensagem oculta.

— Prazer em conhecer a senhora.

Sabrina estendeu a mão timidamente, e minha mãe mais que rapidamente soltou a minha, passou por mim e a abraçou.

— Oh minha querida, pode me chamar de Isabel.

Sabrina, apesar de sorrir, estava desconfortável pelo abraço.

— Mãe. — Puxei seu braço, enroscando os meus por cima dos seus ombros. — Vocês ainda têm o quarto de hóspedes?

— Infelizmente não. — Ela ainda olhava sorrindo para Sabrina. — Mas ela pode ficar no seu quarto, sem problemas.

— Não será necessário — Sabrina quase gritou. — Vou ficar no hotel aqui perto.

— Não mesmo. — Soltei os braços em volta da minha mãe e parei de frente à Sabrina, que me olhava séria. — Você pode ficar no meu quarto. Eu fico na sala. O sofá ainda é confortável, mãe?

— É o mesmo. — Ela olhava de mim para Sabrina. — Por que não pegam suas coisas e entramos? Depois vocês discutem sobre onde cada um vai dormir.

— Você pode entrar e usar o banheiro. — Apontei para Sabrina, que parecia chateada. — Eu pego sua mala e encontro vocês daqui a pouco.

— Vamos, querida. — Minha mãe segurou nas mãos da Sabrina, antes de ela protestar mais uma vez. — O banheiro fica à esquerda, subindo as escadas.

Esperei elas entrarem e fecharem a porta para ir até o carro pegar nossas coisas. Eu precisava alertar minha mãe sobre tocar ou abraçar a Sabrina, para

não a deixar desconfortável. Era uma droga ela passar por isso, e me senti um merda por não ter pensado nisso antes de trazê-la para cá comigo. Eu só não queria deixá-la sozinha naquela casa onde sofreu os piores momentos de sua vida. E precisava dela ao meu lado. Por incrível que pareça, ela me fazia sentir bem. Seu apoio, apesar de silencioso, era o mais reconfortante. E eu sabia que sem ela aqui comigo não conseguiria enfrentar meus demônios.

Peguei sua pequena mala e minha mochila e caminhei de volta para casa. Ouvi um ruído alto na rua e esperei para ver quem atravessava o jardim com tanta pressa. Meu pai vinha cambaleando, sem olhar para a frente; esbarrou na casinha do correio, murmurando coisas inaudíveis. Larguei as bolsas de qualquer jeito na varanda e caminhei tranquilo até ele. Estava bêbado o suficiente para não enxergar um palmo na frente dos olhos. Ele praguejou quando deixou cair a garrafa de bebida entre o portão e as flores da minha mãe, mas não abaixou para pegar.

— Meu filho, o que você...? — Mamãe começou a falar, parando ao ver o marido tropeçando nos próprios pés. — Seu infeliz — praguejou, vindo em nossa direção. — Eu avisei que nosso filho viria para casa, esperava que não bebesse hoje. Droga.

Ela enroscou o braço do meu pai em volta do seu pescoço, quase caindo com ele por cima dela.

— Me deixe ajudar.

Fui ao encontro deles, pegando no outro braço do meu pai. Ele era mais leve do que eu imaginava e foi fácil carregá-lo até a entrada.

— Eu não tenho filho — gritou, entrando dentro de casa e despencando no sofá. — Meu filho morreu há muito tempo.

— Oh Geraldo, não fala isso. — Minha mãe chorou baixinho.

— Não, mãe. Tudo bem. — Limpei uma lágrima que escorreu por sua bochecha. — Amanhã eu converso com ele. Está tarde e precisamos descansar.

— Tudo bem, meu filho. Você pode ficar no meu quarto e a Sabrina no seu. — Sua voz era um sussurro. Aparentava estar cansada. Me perguntava quantas vezes meu pai tinha feito isso com ela. — Vou ficar com seu pai aqui no sofá.

— Não há necessidade, Dona Isabel. — Sabrina apareceu na escada. — O quarto do Arthur é grande, tem uma cama e um sofá. Consigo dormir no sofá sem problemas.

É claro que não iria deixá-la dormir naquele sofá minúsculo. Mas não ia discutir isso agora.

— Então, podem ir descansar.

Minha mãe me abraçou e já estava indo em direção à Sabrina para

abraçá-la. A menina olhava com certa tensão.

— Eu estava com tanta saudade, mãe. — Puxei-a novamente, e com o canto do olho vi que a Sabrina soltou um suspiro aliviada. — Já levo sua mala pro quarto. Você pode ir.

Ela me agradeceu melancólica com o olhar, enquanto minha mãe me abraçava fungando.

— Mãe, preciso falar uma coisa com a senhora antes de subir — sussurrei no ouvido dela, vendo a Sabrina subir as escadas.

— Arthur, a moça está grávida? — Percebi preocupação em sua voz, mas não em seus olhos. Ela estava radiante com a ideia.

— Não. Sabrina é minha amiga mesmo — falei, puxando-a até a cozinha. — Somos somente amigos.

— Não que você não queira algo mais. — Sentou em uma cadeira de frente para mim. — Mas, enfim, o que aconteceu?

— Ela tem um passado que prefiro não comentar. Quando se sentir confortável, ela se abrirá, ou não, é escolha dela. — Toquei seu rosto, percebendo algumas rugas que não estavam ali antes de eu partir. Ou estavam? — O que a senhora precisa saber é que ela já sofreu muito e que não gosta de ser tocada.

— O quê?

Ela parecia pensar, e vi quando tomou conhecimento do que talvez pudesse ter acontecido com a menina quando seus olhos encheram de lágrimas novamente e aparentavam sofrer.

— Pobrezinha.

— Tudo bem, mãe. Eu estou a ajudando. Assim como ela está me ajudando. — Ajoelhei-me para ficar na altura dos olhos dela. — Foi por causa dela que procurei vocês. — Agora meus olhos se encheram de lágrimas. — Foi por causa dela que vim atrás do perdão de vocês.

— Não, meu filho. Não tem que pedir perdão pra ninguém. — Me abraçou. — Você não aguentou o sofrimento de perdê-la. E eu prefiro que você parta a ver você se perder. A perder você, igual perdemos a Jaque.

— Tudo bem. Mãe, não chore. Shh, tá tudo bem. — Tentei acalmá-la. Seus braços tremiam ao redor do meu pescoço.

— Seu pai é um tolo, meu filho. — Ela me encarava, já mais tranquila. — Amanhã, quando conversarem, ele perceberá o quão idiota foi. E ficará tudo bem, eu prometo. Não vou deixar você se afastar novamente. Não vou.

— Em falar no papai...

Levantei, indo até a porta e olhando meu pai roncando no sofá.

— Eu sei o que parece. — Ela acompanhou meu olhar. — Mas ele só

enche a cara quando está muito nervoso. Pensávamos que você chegaria só sábado. E ontem, quando você me ligou... — Ela pausou, colocando suas mãos em minhas costas. — Veio tudo à tona. Hoje foi a noite do pôquer. Eles devem ter dado bebida pra ele. Ele jamais faria isso sabendo que você estava aqui.

— Quinta virou a noite do pôquer? — perguntei, tentando mudar de assunto.

Falaria com meu pai amanhã, quando estivesse sóbrio. E iríamos resolver tudo.

— Nem sabia que ele jogava.

— Pois é, dá pra acreditar? — Bateu em minhas costas de leve. — Vamos, está tarde. Leve a mala da menina pro quarto. Sua garota está esperando.

— Mãe — a repreendi. — Somos só amigos. Já falei.

— Eu entendi. — Levantou o braço em rendição. — Mas... — Passou por mim, subindo as escadas. — Nada melhor que alguém especial para curar todas as feridas.

— Eu prometi proteger e ajudar no que for preciso — respondi, pegando as bolsas da varanda e fechando a porta.

— Não me leve a mal, filho, mas não estava falando de você.

Ela me deu um sorriso carinhoso e seguiu para o quarto. Não pude deixar de sorrir.

Eu estava em casa e faria de tudo para consertar o passado. Olhei para meu pai largado no sofá e, por incrível que pareça, não me senti culpado por ele. Sabrina havia me feito perceber que todos fazemos escolhas na vida e não devemos sentir culpa por elas, só enfrentar quando as coisas saem do controle e receber a dor quando for a hora certa. E era exatamente isso que eu faria amanhã.

Subi as escadas correndo, parando em frente à porta do meu antigo quarto com a certeza de que uma Sabrina muito inquieta estaria me esperando com todos os argumentos possíveis para deixá-la dormir no sofá. Abri a porta do quarto bem devagar, pois não queria assustá-la.

Já estava esperando ouvir suas reclamações, mas o que vi foi de cortar o coração. Ela estava encolhida na cama, dormindo pesadamente. Seu cabelo estava esparramado no travesseiro branco, formando lindas ondas. Peguei uma coberta no guarda-roupa e a tapei. Ela murmurou baixinho, sem abrir os olhos. Eu me perdi em sua beleza e fiquei olhando-a suspirar e resmungar.

E naquele momento, vendo seu corpo pequeno encolhido na minha cama, eu soube o quão ferrado eu estava. Meu coração deu um salto com a percepção inabalável de que eu estava mesmo me apaixonando por ela. Encarei-a por mais alguns minutos, antes de deitar no sofá minúsculo e adormecer, sentindo um

peso acumulado em meus ombros se desfazendo.



— Não acho que seja uma boa.

— É claro que é, vamos lá. A não ser que você esteja com medinho.

— Não estou com medo. Só não sei nadar — retruquei, olhando a altura em que estávamos. A cachoeira tinha pelo menos uns cinco metros até o rio. — Vai você, te encontro lá embaixo. Se eu contornar pelas pedras, acho que tem como descer.

— Não tem. Só pulando mesmo. — Ficou de pé ao meu lado, observando a altura. — Mas se você souber fechar o nariz por uns segundos, é só segurar nas minhas costas e pulamos juntos. Lá embaixo eu te ajudo a chegar na parte mais rasa.

— Não mesmo.

Não fazia ideia de por que tinha aceitado fazer este passeio com o Arthur. Quando acordei, encontrei-o triste na sala. Ele disse que o pai havia saído mais cedo e, segundo Dona Isabel, não estava a fim de conversar com o filho. Então, quando sua mãe sugeriu que ele me mostrasse o tal cantão, aceitei só para animá-lo um pouco.

— Você pode pular e eu fico olhando daqui de cima. Que tal?

— Não acredito que você caminhou até aqui comigo....

— Também não acredito — retruquei.

Ele gargalhou.

— Ah, qual é, Sabrina? — Tirou a camisa e jogou na pedra mais próxima. — Você vai ser a única pessoa que passou por aqui e não pulou no cantão.

— E onde está a estatística comprovando?

Ajoelhei-me mais perto para enxergar as pedras lá embaixo.

— Me dê provas.

— Eu mostro pra você quando chegarmos lá embaixo. — Ele sorriu, chegando mais perto. — Vamos fazer uma aposta?

— Que aposta? — perguntei, curiosa.

— Se você pular comigo e não gostar, te levo pra jantar no restaurante mais caro da cidade. — Ele ficou sério de repente. — Os pratos lá são muito caros. De verdade mesmo.

— E se eu gostar?

Ele sorriu, chegando mais perto.

— Quando chegar lá embaixo, eu digo o que quero.

— Arthur! — repreendi-o.

— Não é nada disso, sua boba. — Sacudiu as mãos exasperado. — Estava pensando em algo bem vergonhoso e humilhante.

— Isso não é justo. Das duas formas eu perco. — Mas não pude deixar de sorrir.

— Claro que não. Já pensou no valor que vou ter que desembolsar caso você não goste?

— E no valor do meu funeral caso eu morra? — perguntei sorrindo, me arrependendo logo em seguida. Ele baixou os olhos e virou de costas para mim. — Me desculpe, eu não queria... — Ele deixou escapar alguns soluços e seu ombro tremia. — Arthur, me desculpe, eu... — Cheguei mais perto e passei minha mão em suas costas. — Você está...? Arthur, olha pra mim. — O fiz virar, e ele segurava muito para não gargalhar. — Seu idio... Você está rindo de mim?

— Eu nunca vi alguém tão medrosa assim. — E deixou a gargalhada sair por sua boca. Era tão contagiante que fui obrigada a sorrir com ele. — Ah, desculpe, Sabrina. Desculpe mesmo. — Secou algumas lágrimas que rolaram enquanto ele ria de mim. — Mas você tem que admitir que está com medo.

— Não estou. — Cruzei os braços, fingindo, em vão, estar brava. — Vamos logo.

— Sério mesmo? — perguntou surpreso.

— Sério. Mas, se eu morrer afogada, vou fugir do inferno para puxar seus pés todas as noites.

Passei meus braços em torno do pescoço dele e o esperei pegar minhas pernas e passar em volta do seu tronco.

— Isso não será possível, Sabrina — disse, chegando mais perto da beirada.

— E por que não?

Fechei os olhos, rezando baixinho.

— Porque anjo volta para o Céu depois de concluir seu trabalho na terra.

E pulou.

Soltei um grito quando percebi que nossos corpos se soltaram e o meu caía em queda livre rumo ao desconhecido. A sensação era tensa. Dobrei os joelhos e tapei o nariz bem a tempo do meu corpo se chocar contra a água. Abri os olhos à procura do Arthur, enquanto continuava indo para o fundo. Comecei a ficar desesperada, eu realmente não sabia nadar. Debatí-me para tentar voltar à superfície, já estava ficando sem ar. Meus pensamentos estavam a mil. *Será que*

ele se chocou com alguma pedra na hora que caiu? Fechei meus olhos, desesperada.

Senti um alívio quando senti braços em torno do meu corpo e começamos a subir. *Obrigada, Senhor.* Abri meus olhos e vi que ele me encarava preocupado.

— Você está bem?

Ele ainda segurava meu corpo com seus braços. A mão dele estava na minha cintura e percebi que não estava desconfortável.

— Sabrina?

— Oi?

Fiquei sem palavras, atônita, olhando para seu rosto. Ele era realmente muito bonito. Encarava-me preocupado, com as sobrancelhas franzidas, criando uma ruga entre elas.

— Você tem uma ruga bem aqui. — Apontei com o dedo o meio de sua testa.

— Você bateu a cabeça?

Sacudi a cabeça, voltando à realidade, percebendo que havia pensado alto a última frase.

— Estou bem.

Soltei-me dos braços dele, engolindo muita água e voltando ao fundo do rio, percebendo que ainda não estávamos na parte rasa. Ele me puxou para cima novamente, enquanto eu tossia e expelia água dos pulmões.

— Ainda não estamos na parte rasa — disse, tentando ficar sério.

— Ah, jura? — esbravejei.

Voltei a segurar em torno do seu pescoço para ele poder nadar.

Fiquei admirando a paisagem em volta, enquanto ele nadava até a margem. Era realmente muito impressionante. Consegui encostar os pés no chão e me adiantei em soltar seu pescoço. Ele segurou na minha cintura para que eu pudesse ficar de pé em cima de uma pedra. Olhei para a cachoeira atrás de nós e um arrepio percorreu minha coluna. Era de uma beleza extraordinária.

— É linda.

— É muito.

Olhei para ele, que me encarava.

— Estou falando da paisagem. — Apontei para o local.

— Eu também. — Virou na direção para onde eu apontava.

— Vai me doer admitir isso. — Bati no ombro dele com o meu. — Mas valeu a pena.

— Eu sabia. Estatísticas mostram que ninguém se arrepende de pular no cantão.

Soltei uma gargalhada engasgada.

— Apesar de estar formidável descabelada por causa da água, você perdeu a aposta. E eu vou cobrar no jantar.

— Ah, qual é?

Tentei alcançá-lo, mas ele foi mais rápido, pulando na água e nadando para a parte mais funda.

— Você deveria ser um cavalheiro e deixar passar essa, porque eu admiti estar errada.

— Só se você me alcançar — gritou, emergindo de um mergulho.

— Eu não sei nadar.

Cheguei o mais fundo que os pés alcançavam sem que minha cabeça ficasse no fundo.

— Então, nada de cavalheirismo.

Ele jogou os braços para cima, voltando a mergulhar.

Uma ideia passou pela minha cabeça. Antes de voltar à superfície, segurei o fôlego e mergulhei, fingindo estar me afogando. Joguei os braços para cima enquanto pulava, no meu ato teatral digno de Oscar.

— Sabrina. — Ouvi-o gritar e seus braços batendo na água enquanto nadava.

Sorri vitoriosa.

Esperei-o contornar meu corpo e me puxar para cima para forçar a cabeça dele para baixo da água novamente.

— Hahaha, peguei você. — Ri muito quando ele emergiu sorrindo, tentando parecer ofendido. — Desculpe.

— Então estamos pegando pesado? — Segurou em minhas costas. — Sabrina, faz um favor pra mim?

— Depende — disse, ainda sorrindo.

— Tranca a respiração.

E, sem aviso, me jogou para cima, fazendo-me mergulhar mais fundo.

— Peguei você — retrucou assim que me puxou para cima novamente.

Sorria com euforia. Há muito tempo que não me sentia tão bem. Olhei para meu amigo que me carregava novamente para a parte rasa e vi o quanto ele estava verdadeiramente feliz. Vê-lo sorrindo para mim daquela forma me fez acreditar que talvez houvesse alguma chance de voltarmos a ser inteiros.

— Oh, merda. — O ouvi sussurrar enquanto escorregava e caía no chão, comigo por cima.

— Machucou? — perguntei, não me movendo.

— Não — respondeu sério.

Senti suas mãos em minha cintura, puxando-me mais para cima, em

direção ao seu rosto. Fechei os olhos.

— Arthur, eu...

Abri os olhos e o fitei. O semblante dele era de desespero e luxúria. Passei minha mão livre por seu rosto, sentindo a aspereza da sua barba por fazer. O leve toque nele o fez fechar os olhos e abrir como se sentisse dor.

— É melhor nós voltarmos, já está ficando tarde — falei, mas não me movimenter.

— É melhor — sussurrou, não mexendo nenhum músculo.

Ficamos nos encarando por algum tempo. Não sei dizer o porquê de não conseguir me mexer. Ele estava próximo, muito próximo, mais próximo que qualquer pessoa já tinha chegado sem me deixar aflita. Parecia que a qualquer movimento nosso poderíamos nos machucar. O calor que emanava do corpo dele era tão bom, tão certo.

— Precisamos voltar — ele disse, tirando as mãos de mim e se mexendo.

— Eu sei. Mas espera só mais um pouco. — Olhei nos olhos dele, implorando para que não tirasse aquele conforto de mim. — Por favor.

Ele assentiu, e baixei minha cabeça, apoiando em seu peito. Fiquei escutando a batida do seu coração. Estava acelerado. Fechei meus olhos e ele relaxou os músculos embaixo de mim. Senti-o passar as mãos em meus cabelos e roçar em meu rosto.

— É tão bom — disse, envergonhada. — Você me faz bem, Arthur. Quero dizer, você é confortável.

— Sabrina, eu...

— Não fala nada, por favor. Me deixe sentir como é ser amada pela primeira vez na vida. — Deixei uma lágrima solitária rolar até chegar em seu peito. — Me deixe tentar entender o que é ser adorada.

— Eu posso te dar isso todos os dias — ele falou, sentando, fazendo-me sentar sobre ele, ainda com o rosto em seu peito. — Me deixa te mostrar de verdade o que é ser adorada. Eu darei isso a você. Farei você feliz.

— Eu não consigo.

Tentei me afastar com lágrimas nos olhos, mas ele me segurou, abraçando-me junto a ele.

— Tudo bem. Só não estou pronto pra te largar ainda — disse, beijando o topo da minha cabeça. — Depois que nos soltarmos, não vou mais insistir, não vou mais tocar no assunto. Vamos ser apenas amigos de novo. — Apertou-me ainda mais, e pude sentir uma dor em meu peito. — Só me deixe ter você uma última vez antes de irmos. Por favor.

Ergui meu rosto, ficando bem próximo do seu. Minha visão estava embaçada, mas vi o quanto ele estava sofrendo também.

— Me beija — pedi, constrangida. Ele me encarou atônito. — Uma última vez. Depois não tocamos mais no assunto.

Ele chegou perto e fechei os olhos, estremecendo sobre ele. Esperei seus lábios tocarem os meus, mas, ao invés disso, ele ficou de pé, levantando-me junto com ele.

— Não — sussurrou. — Não quero provar uma coisa sabendo que nunca mais poderei ter novamente — disse mais confiante.

Os olhos dele demonstravam dor, e me senti uma idiota por ter feito aquele pedido.

— Desculpe — disse, afastando-me e passando por ele, subindo nas pedras. — Não devia ter pedido.

— Ei — me chamou.

Virei na direção dele com a cabeça baixa. Envergonhada demais para encará-lo.

— Não pense que eu não quero. — Chegou perto de mim e segurou meu queixo com os dedos, fazendo-me olhar para ele. — É tudo o que mais quero. Só não assim. Eu gosto de você. Merda. Eu acho que amo você. Mas não vou te beijar como uma despedida.

— Você não me ama. Mal me conhece — sussurrei, em choque.

— Você não sabe disso. — Ainda segurava meu queixo. — Não podemos dizer ao coração quem ele deve amar. — Soltou-me, olhando para os lados. — É por aqui. — Apontou uma direção e caminhei atrás dele, tomando certa distância. — Mas vou respeitar sua decisão. Não vou forçá-la a me amar. — Parou abruptamente e virou à esquerda, indicando um caminho. — Mas nem por isso vou deixar de te amar.

— Então está me dizendo que você me ama, mas vai desistir de mim? — perguntei, ficando ao lado dele conforme a trilha ficava mais densa.

— Não. — Virou à direita. — Não disse isso. Só disse que respeito você. E como seu amigo, não vou forçá-la a nada.

— Mas eu pedi para você me beijar. — Vi-o sorrir. — Você não estava me forçando.

— Foi o famoso clichê dos filmes de romance que fez você acreditar que queria me beijar. — Ele sorria ainda mais.

— Que clichê é esse?

— Qualquer filme de romance com aquela “melação”. Eles se esbarram, se encaram e se beijam. — Encarei-o confusa. — Qualquer filme de romance tem essa cena.

— Eu não assisto filmes — sussurrei, constrangida. — Rafael não me deixava ver televisão, dizia que enchia a cabeça das pessoas de merda.

— O quê? — Ele parou abruptamente, fazendo-me bater em suas costas, quase caindo no chão. — Você nunca assistiu a nenhum filme?

— Não. Eu nunca assisti a nenhum filme — esbravejei.

— Tá, tá, tá, eu já entendi. — Recomeçou a andar. — Já sei qual vai ser o meu desejo da nossa aposta.

— Mas eu alcancei você...

— Você roubou, é diferente. — Sorriu descontraído. — Vamos ao cinema amanhã e assistir a todos os filmes em cartaz. E quando voltarmos pra casa, vamos passar o dia assistindo a clássicos, como Homem de Ferro, Vingadores, Transformers...

Ele continuou falando os nomes dos filmes o trajeto inteiro até o carro. Não falamos mais nenhuma palavra sobre o meu pedido para que me beijasse. Senti-me aliviada por saber que ele não ia me tratar diferente depois daquilo. Conversamos mais sobre o que eu ainda não tinha feito, e por mais que não gostasse de revelar como era minha vida com o Rafael, não me sentia mais desconfortável ou angustiada. Arthur fechou uma ferida em meu peito e me fez sentir viva novamente. Ainda tinha hematomas para curar, mas ao lado dele sabia que não demoraria muito para cicatrizar.



Eu ainda não estava acreditando que ela tinha me pedido para beijá-la. Era o que eu mais queria, e fiz um esforço enorme para não satisfazer o pedido dela. Eu queria mostrar a ela que não a queria só por aquele momento, queria que soubesse que a queria para sempre. Se isso me fizesse sofrer um pouco, tudo bem, eu aceitaria de bom grado a dor de não ter agora do que perdê-la para sempre. Ela estava começando a confiar em mim, e não poderia voltar a estragar tudo por conta de um beijo.

Já estávamos quase chegando na casa dos meus pais. O intuito inicial era fazer as pazes com eles, mas por incrível que pareça se tornou uma forma de me aproximar mais da Sabrina. Eu a queria. E lutaria até o fim para isso.

Dobramos a esquina. A rua estava pouco movimentada. Além de a casa onde cresci ficar afastada das outras residências, poucos carros passavam por aquela região.

— Você sabe dirigir? — perguntei, sem tirar os olhos da estrada.

— Não.

Ela continuou olhando para a paisagem, com a cabeça quase fora da janela. Seus cabelos dançavam com o vento que soprava.

— Você quer aprender? — Ganhei sua atenção. — Eu posso te ensinar.

— É claro que quero. — Parecia uma criança ganhando os presentes de Natal.

— Vou estacionar aqui... — Parei no acostamento. — Passa para o lado do motorista. Vou contornar o carro.

— Ai meu Deus. — Ela sorria de orelha a orelha.

— Então, esse carro é automático, o que significa que não precisa fazer a marcha. — Apontei para o câmbio. — Quando estiver na autoescola, você vai aprender a dirigir um carro manual.

Ela prestava muita atenção, com os olhos bem arregalados.

— Mas vamos encontrar um carro manual para você treinar até lá.

— Você acha que eu consigo tirar minha habilitação? — Ela baixou os olhos, nervosa.

— E por que não iria conseguir? Olha pra mim. — Ela olhou. — Você é inteligente e tem uma percepção muito boa.

— Como você sabe que eu tenho boa percepção? — Ali estava aquele sorriso de novo.

— Você me alertou sobre eu cantar mal. — Tentei parecer o mais chateado possível, apesar de sorrir. — Se isso não é ter boa percepção, então eu não sei.

— Mas não precisa ser tão bom assim pra perceber isso. — Gargalhou.

— Você está muito engraçadinha hoje, dona Sabrina. — Fiz cara de ofendido, o que a fez gargalhar ainda mais. — Se vai ficar debochando de mim assim, então não vou te ensinar mais. — Cruzei os braços em frente ao peito e olhei para a janela.

— Você canta maravilhosamente bem, Arthur. Nunca ouvi voz tão angelical quanto a sua.

— Melhorou. — Nós dois sorrimos. — Então, a primeira regra aqui é colocar o cinto de segurança. Em hipótese alguma esqueça de colocar. Entrou no carro, coloca o cinto. Repete comigo.

— Entrou no carro, coloca o cinto — falou, engatando o cinto de segurança.

— Segundo passo: coloque a chave na ignição, mas ainda não gire. — Assentiu nervosa. — Com o pé direito você vai sentir dois pedais mais à frente, o mais à direita acelera o carro. Empurre para você sentir. — Ela estava com o corpo colado ao volante. — E o do lado é o freio. Solte o pé do acelerador e toque no freio. Ele faz o carro parar. Preste bastante atenção: você pode até usar o pé direito no acelerador e o esquerdo no freio, mas o indicado é usar somente o direito. Já que vai frear, não precisa acelerar, não é mesmo?

— Acho que não quero mais dirigir. — Suas mãos estavam tremendo e os olhos arregalados olhavam para o volante. — Estou muito nervosa.

— Calma, respira. Olhe pra mim. — Segurei a mão dela. — Estou bem aqui do seu lado. Está vendo essa alavanca aqui? — Apontei para onde minha outra mão estava. — Se chama freio de mão. Se acaso acontecer alguma coisa e você não conseguir frear, eu puxo e imediatamente o carro para.

— Medida de segurança — sussurrou.

— Isso. Medida de segurança. — Sorri para tentar tranquilizá-la. — Agora, vamos às marchas. Como eu disse antes, aqui você não vai precisar mexer nelas durante o trajeto. — Coloquei a mão dela, que eu ainda estava segurando, em cima da marcha. — Você vai precisar saber que assim é neutro. — Empurrei a marcha com a mão dela para a frente. — Aqui o carro não move. Para girar a chave, a marcha precisa estar aqui, senão o carro vai andar. Entendeu?

— Neutro para ligar.

— Assim... — Puxei a marcha para trás uma vez. — É para dirigir. O carro vai se movimentar.

— Dirigir.

— E esse é para dar ré. — Movi mais uma vez a marcha para trás. — Faz o carro ir para trás.

— Ré para trás. — Suor se formou em sua testa, enquanto ela prestava muita atenção no que eu dizia. — Cinto, chave, neutro, acelerador, direção, e ré se quisermos ir pra trás. É isso?

— Basicamente é isso.

Ela sorriu nervosa e retribuí.

— Com o tempo te ensino mais. Agora, vai lá.

— O quê? Aqui? Não, não, não. — Tirou a chave da ignição e soltou o cinto. — Tem pessoas na rua aqui. Vou acabar matando alguém.

— Vai nada, confie em mim. — Segurei seu braço antes de ela sair do carro. — Estou aqui do seu lado. Se matar alguém, eu sou policial, te dou cobertura até você sair do país.

— Arthur, não estou brincando. — Mas seu sorriso dizia o contrário.

— Confie em mim — repeti.

Ela fechou a porta do carro, colocou o cinto e olhou para mim nervosa. Eu concordei com a cabeça, colocando a mão no ombro dela, passando conforto, e olhei para a frente. Ela colocou a chave na ignição e fez os procedimentos que passei antes, soltando um gritinho quando o carro começou a andar.

— Isso. Pisa no acelerador só mais um pouquinho.

— Não, vamos bater se formos muito rápido — quase gritou de nervosismo.

— Sabrina, minha vó com esclerose anda mais rápido que isso.

Ela acelerou mais um pouquinho.

— Isso. Agora você vai girar o volante para o meu lado, só um pouquinho, para sairmos do acostamento. Antes disso, você vai olhar para o retrovisor. Este espelho aqui. — Apontei para o retrovisor. — E garantir que não vem nenhum outro carro.

— Ai. Meu. Deus. — Sua voz estava engasgada. — Não vem nenhum outro carro?

— Sabrina, você tem que olhar, não eu.

— Tá, e agora?

— Gira um pouco mais o volante e continua acelerando — falei, olhando para os dois lados, certificando-me que não tinha ninguém na rua. — Isso aí. Muito bom. Agora acelera mais um pouco. Já estamos chegando em casa.

— Ok.

Ela olhava para os dois lados o tempo todo com os olhos arregalados. Estava indo bem, apesar de estarmos a 15km/h em uma rua que o limite é 60.

— Agora você vai girar um pouco o volante para o seu lado e chegar perto do meio-fio.

— Arthur, o que é meio-fio? — perguntou, apavorada.

— Está vendo esse muro pequeno entre a calçada e a rua? Esse é o meio-fio. Chega perto, mas não demais. Quando chegar na frente de casa, você vai acostando um pouco e desacelerando.

— Assim?

— Isso mesmo.

Minha mão já estava no freio de mão, caso ela não conseguisse frear.

— Agora solte o acelerador e pise no freio. No freio, no freio... — gritei, quando em vez de frear ela acelerou mais.

— Ai meu Deus, nós vamos morrer — gritou, soltando o volante, fazendo o carro ficar desgovernado e subir na calçada em frente à casa dos meus pais.

Puxei o freio de mão antes de batermos no cercadinho branco.

— Pronto. Pronto. Não precisa chorar — falei quando o carro parou, tirando meu cinto e a abraçando. — Não foi nada demais. Eu não soube te ensinar direito.

Passei as mãos em seu cabelo, enquanto ela soluçava e tremia em meus braços.

— Você tinha que... Ai, meu Deus... — Ela levantou o rosto, mas não enxerguei lágrimas. Sabrina estava se segurando para não gargalhar. — Me desculpe. Me desculpe mesmo.

Ela não conseguiu mais segurar e gargalhou alto. Não pude evitar e a segui.

Ficamos um tempo tentando nos recuperar do ataque de riso. Era impossível não rir mais quando olhávamos para o carro atravessado em cima da calçada. Ela riu tanto que se encurvou, reclamando de dor na barriga.

— O que está acontecendo aqui? — Minha mãe apareceu na janela, assustada. — Vocês estão bem?

Não aguentamos e rimos mais ainda, deixando minha mãe confusa e braba. Ela entrou em casa batendo os pés e reclamando. Limpamos as lágrimas que caíram por conta das gargalhadas e nos encaramos.

— É melhor a gente entrar, né? Sua mãe deve estar uma fera com a gente — disse, ficando séria novamente.

— É, deve estar mesmo. Eu preciso arrumar o carro antes que algum policial passe por aqui e nos dê uma multa.

— Irônico, não?

Sabrina sorriu e passou por cima de mim enquanto trocávamos de lugar.

Coloquei o carro na garagem e saímos em silêncio para dentro de casa.

Minha mãe já havia voltado para o quarto e não tinha sinal do meu pai.

Eu sentia que deveria falar alguma coisa para ela, tentar convencê-la de que merecemos ser felizes, mas não queria forçar a barra. Então decidi que apenas agradeceria pelo dia de hoje.

— Sabrina, eu...

— Não... — Colocou o dedo na minha boca para me silenciar. — Não fala nada. Eu realmente gostei muito do dia de hoje. — Tirou a mão do meu lábio e colocou em meu peito. — Foi o melhor dia da minha vida. Nunca vou esquecer o que fez por mim. — Soltou-me, subindo a escada. — Você é muito especial para mim. Boa noite, Arthur.

Ela entrou no quarto sorrindo, fechando a porta.

Por essa eu não esperava. Deitei, sorrindo igual a um idiota, no sofá da sala, tentando gravar cada segundo que passamos juntos. A cachoeira, seu pedido, eu tentando desesperadamente fazê-la ficar mais um tempo comigo, nossa crise de riso e o boa noite mais doce que já tinha ganhado. *É, eu realmente estou apaixonado.*



— Isabel, eu queria pedir desculpas por ontem.

Entrei na cozinha e a encontrei preparando o café.

— Ficamos rindo no carro e acabamos exagerando.

— Não precisa se desculpar, Sabrina. O Arthur me explicou tudo mais cedo.

Ela passou por mim, dando tapinhas nos meus ombros. Estremeci com seu toque repentino.

— Sente-se. Os meninos já devem estar chegando pra tomar café.

— Ele explicou, é? — sussurrei baixinho.

Ela acabou escutando. Sorriu de canto e sentou na cadeira a minha frente.

— O Arthur é um menino maravilhoso.

Tentou segurar minha mão, mas a puxei, repousando em meu colo. Ainda não me sentia confortável com o toque de outras pessoas.

— Está tudo bem. — Ela baixou os olhos, parecendo chateada. — Ele vai fazer tudo o que estiver ao alcance dele para te fazer feliz.

Ela levantou a cabeça, fitando-me, e seus olhos se arregalaram, focando em algo atrás de mim.

— Ou ele vai ser covarde como sempre e te abandonar no momento em que você mais precisar dele.

Virei a cabeça o suficiente para enxergar um homem mais velho parado no batente da porta, nos observando.

— Quer um conselho sobre meu filho? Fuja dele antes que te machuque tanto, a ponto de você preferir morrer a estar com ele.

Não disse nada.

— Oh, querido, não fale assim do nosso filho. — Isabel levantou e saiu atrás do marido, que saiu praticamente correndo do ambiente. — Desculpe, querida. Eles vão se entender, só precisam conversar.

E saiu antes que eu pudesse falar que não tinha problema.

Então, aquele era o pai do Arthur. Ele estava magoado, com raiva; tudo nele mostrava que estava ferido. Só não entendi os motivos que o levaram a ter tanto desprezo pelo próprio filho.

Contornei o balcão, desliguei a cafeteira, servi-me do líquido quente e

voltei a sentar. Será que tinha mais por trás dessa história? Na noite em que o Arthur se abriu para mim, ele disse que o pai sentia raiva por ele ter ido embora logo que a noiva morreu, mas as palavras do seu pai revelavam que havia muito mais por trás disso. *O que você está me escondendo, Arthur? Estou confiando em você. Confie em mim também.*

— Perdida em pensamentos?

Pulei na cadeira, girando o corpo para ver o dono daquela voz.

— Desculpe se te assustei. Sou Fábio, primo do Arthur.

Ele estendeu a mão e a toquei rapidamente.

— Sabrina — respondi, nervosa. Estávamos a sós na cozinha e isso me deixava desconfortável. Meu estômago começou a revirar. — Amiga do Arthur.

— Ah, eu sei quem você é. — Serviu-se de café e sentou na cadeira antes ocupada por Isabel. — Meu primo não para de falar de você.

— É mesmo? — Me mexi nervosamente na cadeira. — Espero que só coisas boas.

— Sim, pode apostar, só coisas boas.

Ele sorriu e me encarou, fazendo com que eu baixasse o olhar.

Estava sentindo o mesmo formigamento de quando Rafael chegava em casa. Ele me encarava, avaliando meu rosto, semicerrando os olhos, varrendo meu corpo. Senti-me exposta, e minha vontade era de gritar. Mas, como sempre, mantive-me calada, com o rosto abaixado e tremendo.

— Então, quando você e meu primo vão se casar?

Sua pergunta me fez engasgar com o café, soltando o líquido por meu nariz e boca.

— Desculpe. — Ele contornou a mesa e me pus de pé para tomar distância. — Foi só uma pergunta.

Continuei tossindo. Ele chegou mais perto e bateu de leve nas minhas costas. Prendi minha respiração, fechando os olhos e esperando o próximo tapa. Ele continuou chegando mais perto, ainda dando tapinhas nas minhas costas, tentando me desafogar.

— Não encoste em mim — rugi, dando um tapa em seu rosto e o empurrando.

Ele era mais alto, mais forte que eu, e permaneceu no mesmo lugar.

— Calma, Sabrina. Você está bem? — Ouvi-o perguntar de longe, segurando meus braços para não bater novamente nele.

— Não encoste em mim — gritei, sentindo meus olhos lacrimejarem de medo. — Por favor, não me bata. Não me machuque.

— Não vou machucar você. Se acalma, por favor.

Ele me soltou e cambaleei para o mais longe possível, encostando em

uma parede e me agachando, protegendo meu corpo.

— Não me bata, por favor. Não me bata — implorei, tremendo no chão. As lágrimas molhando minha roupa.

— O que você fez? — Ouvi Arthur gritando ao longe. — Você a machucou?

— Não, cara, eu juro. Ela engasgou, e eu só quis ajudar — gaguejando, seu primo tentou chegar perto de mim, o que me fez encolher ainda mais.

— Sai de perto dela. — Ergui os olhos e vi meu amigo empurrando seu primo para longe de mim. — Nunca mais chegue perto dela, está me ouvindo?

— O que está acontecendo aqui? — Isabel entrou na cozinha, segurando seu filho, que partia para cima do primo. — Sabrina, você está bem? — perguntou, vindo em minha direção, não ligando mais se os dois iriam se matar.

Ela parou a uma certa distância quando me encolhi.

— Eu juro que não fiz nada. — Fábio saiu da cozinha.

Me senti a pior pessoa do mundo. Ele realmente não tinha feito nada, mas meu medo havia me levado de volta ao meu passado, onde eu não recebia toques, abraços ou apertos de mãos educados. Eram só tapas, chutes, dor, sofrimento. Eu estava fodida, perdida e sem solução. A realidade me bateu com tudo, fazendo-me chorar ainda mais.

— Sabrina. — Arthur estava perto de mim, tentando erguer meus olhos. — Olhe pra mim. Você está machucada? Ele machucou você?

Neguei com a cabeça, chorando ainda mais. Ele assentiu com a percepção. Segurou meu queixo, fazendo-me encarar seus olhos. Vi sofrimento, angústia. Vi passarem por aquele olhar mil sentimentos repreendidos. Sentimentos que nem ele sabia que tinha. A preocupação o estava matando. Como eu poderia dar a ele a luz que tanto queria se a única coisa que eu conhecia era a escuridão? Não havia nenhum pedacinho de mim que não estava morto, acabado.

— Vai ficar tudo bem, eu prometo — disse isso e me abraçou.

Por incrível que pareça, não me sentia mal pelo contato. Me passava conforto, o que me fez chorar ainda mais.

— Ei, não chore, vai ficar tudo bem.

Ergui os olhos e vi Dona Isabel parada, encarando-nos, secando as lágrimas.

Eu queria gritar e pedir desculpas por estar causando tanto mal a eles, mas minha garganta estava fechada. Só conseguia chorar e soluçar. Aconcheguei-me em seus braços até me sentir mais confortável e segura. Ergui os olhos para encarar os dele, que estavam marejados. Meu peito se encheu de algo que estava adormecido há muito tempo: Carinho. Eu o queria bem, queria

vê-lo feliz, e queria ser a pessoa a dar isso a ele. Pela primeira vez na vida percebi que realmente amava um homem.

— Eu amo você — pronunciei sussurrando.

Ele pareceu surpreso com a declaração e me abraçou mais forte, chorando baixinho.

— Eu também amo você — sussurrou em meu ouvido.

Doeu ouvi-lo repetir aquelas palavras. Eu já sabia sobre seus sentimentos sobre mim. Eu poderia negar até o final da minha vida que não sentia nada por ele, mas percebendo o quanto me sentia bem ao seu lado, o quanto me fez feliz em tão pouco tempo, tive a certeza que o amava. Ele era a única pessoa que me fazia sentir confortável e segura.

Eu o amava, mas não poderia ficar com ele.



Meu coração parou por alguns segundos quando ela finalmente disse que me amava. Senti os batimentos voltarem ao normal quando a abracei. Era ali o nosso lugar, nos braços um do outro. Mas, por que eu sentia que acabava de perdê-la?

Deixei-a voltar para o quarto, garantindo que ninguém a incomodaria. Depois de falar com meu primo, desculpar-me pelo meu surto e explicar a situação da Sabrina, caminhávamos pela cidade à procura do meu pai. Estávamos desde quinta aqui e ele sempre dava um jeito de não nos encontrarmos. Amanhã voltaríamos para casa, e queria resolver toda mágoa que ele sentia por mim antes de ir embora e tentar uma vida nova ao lado da Sabrina.

— Ele vem aqui quase todos os dias desde que você foi embora. — Fábio estacionou seu carro em frente ao cemitério. — Acho que ele se sente culpado também.

— Ele não tem por que sentir culpa. — Saímos do carro e andamos entre as lápides. — Não foi culpa de ninguém.

— Ele está ali. — Meu primo apontou.

Vi meu pai sentado num banquinho ao lado da lápide que tanto me fez sofrer.

— Vá com calma, cara. Ele não é mais o mesmo desde que você foi embora.

— Pode deixar. Você nos espera no carro?

— Certeza?

Assenti.

Esperei-o voltar para o carro antes de seguir até meu pai.

Ele realmente não era a mesma pessoa. Sempre fomos ele e eu contra o mundo. Ele era o exemplo de homem que eu gostaria de ser. Fez de tudo por mim. Éramos amigos e tínhamos uma relação entre pai e filho diferente de qualquer outra, como se nos completássemos.

Quando a Jacqueline morreu, já estávamos mais distantes. Meu pai me ajudou a passar por todo o trajeto de tentar tirá-la das drogas. Enquanto eu estava no trabalho, ele a levava para os centros de recuperação. Foi um mês intenso.

— Pai — falei, aproximando-me e ficando de pé ao lado do seu banco.

Ali estava o rosto lindo da minha ex-noiva, em uma moldura grudada em um mármore sujo. Meu estômago revirou e deixei algumas lágrimas rolares.

— Vai embora. Você não tem o direito de estar aqui — esbravejou, continuando com o corpo curvado.

— Por favor, vamos conversar.

Dei um passo na direção dele, mas parei quando me olhou com ódio.

— Não temos nada o que conversar, moleque.

Meu pai levantou do banquinho, vindo em minha direção.

— Eu sei que você está com raiva porque eu fui embora.

Ele parou, com dor nos olhos.

— Eu fui um covarde, eu sei. Não devia ter fugido assim. Mas, por favor, me deixe explicar que eu não conseguia viver sem ela.

— Você acha que estou com raiva de você porque foi embora?

— Então me explica o porquê dessa raiva. Por favor. — Chorei, tentando chegar perto. — Porque eu não aguento mais ficar longe de vocês assim. Não aguento mais viver sabendo que meu pai me odeia tanto.

Sentei no banco, olhando para o túmulo da Jaqueline. Minha Doce Jaqueline. A saudade bateu forte no peito. Ela era incrível, a pessoa mais maravilhosa que conheci. Como pude deixar que se acabasse daquela forma?

— Eu a amava, pai. Amava cada pedacinho dela. — Chorei mais alto. — Eu queria o melhor pra ela. Estava lutando para termos nosso futuro.

— Cala a boca, Arthur — esbravejou. — Você não a amava. Você a abandonou no momento que ela mais precisava.

— Eu nunca a abandonei.

— Não. Eu vou te contar por que fiquei tão bravo com você. — Ele fechou o punho, iria me socar, e eu deixaria. — Ela estava grávida. Sabia disso? Merda. — Socou a árvore ao lado do banco.

Eu fiquei sem chão. *Grávida? Jaqueline estava grávida?*

— Descobrimos quando a levei ao médico para o tratamento químico. Você não estava lá. Estava ocupado demais fazendo qualquer outra merda. Tentando se livrar dela.

— Eu nunca fiz isso.

— Fez sim.

Ele segurou na minha camisa, erguendo-me para ficar na altura dos seus olhos.

— Você fez. Você a abandonou. Ela estava feliz. Já estava há quase um mês sem usar nenhuma droga. Pediu segredo e me fez jurar que não contaria nada a você, porque queria fazer surpresa.

— Pai, eu não sabia. — Chorava muito.

— E como saberia, Arthur? Como iria saber se estava tão infeliz, querendo se livrar dela de uma vez?

— Você não sabe o que está dizendo — gritei, soltando-me dele. — Eu a amava. Amava com todas as minhas forças. Jamais quis me livrar dela. Nunca.

Ele soltou uma gargalhada amarga.

— Eu vi você, Arthur. Vi os seus olhos quando a estavam enterrando. Vi como estava se sentindo aliviado por ela ter morrido.

— Eu não... — Ajoelhei-me diante do túmulo dela. — Deus...

— Eu queria estar errado. Queria que aquele garoto bom que eu chamava de filho me explicasse por que estava assim, queria que me dissesse que o que eu estava errado, que não se sentiu aliviado quando a mulher morreu.

Ele contornou o túmulo dela, ficando de frente para mim. Meu coração doía.

— Mas então você fugiu. Provou pra mim, pra família dela, que te tratava como filho, e pra ela mesma, que te amou incondicionalmente, que era um cretino covarde. Provou que não merecia o amor dela, que não merecia ser feliz ao lado dela e que aquele filho não merecia um pai fraco igual a você. E eu te odiei. Eu odiei meu próprio filho. E me odiei por não saber o que havia feito de errado. Culpei todo mundo. E toda vez que vinha aqui para dar algum conforto ao meu coração, eu te odiava ainda mais.

— Pai, por favor.

Debrucei-me sobre o túmulo da Jaqueline, sentindo-me fraco, sujo. Ela estava grávida de um filho meu, seríamos uma família. Ela estava tentando ficar bem e eu a afastei. Tentei me lembrar dos nossos últimos momentos juntos e só conseguia lembrar de brigar com ela porque estava faltando algum móvel dentro de casa. Na minha cabeça era porque ela ainda estava se drogando.

— Me perdoa. — sussurrei. — Por favor, Jaqueline, me perdoa. Fui um péssimo noivo pra você. Eu achava que o amor podia curar tudo. Eu não queria me livrar de você, eu prometo. Eu me senti a pior pessoa do mundo quando aquele segundo de alívio passou pela minha cabeça. Eu quis me matar por isso, por ter me sentido assim. Por favor, me perdoa. Me perdoa — gritei mais alto, com dor no peito. A angústia era tanta que eu não conseguia ficar de pé.

— Agora não adianta mais pedir perdão, meu filho. — Meu pai se aproximou com lágrimas nos olhos.

— Me perdoa, pai. Me perdoa por ter sido tão covarde e idiota. — Levantei, abraçando-o. — Eu queria fazê-la feliz, eu juro. Eu não queria que ela morresse. Não queria. Eu queria uma família com ela.

Ele me abraçou de volta e senti meu mundo desabar ainda mais. Era desse abraço que eu senti falta nesses últimos seis anos. Seu conforto, seus

conselhos. Sentia falta dele, do meu melhor amigo, de tê-lo por perto.

— Não sei se vou conseguir te perdoar, filho. — Ergui os olhos para vê-lo se afastar. — Mas não quero te perder também. Me dê tempo para absorver tudo.

Eu assenti em meio às lágrimas, vendo-o sair caminhando entre as lápides, afastando-se o máximo que podia de mim.

Eu queria correr atrás dele e implorar por seu perdão, mas não adiantaria, porque eu não me perdoava pelo que havia feito. Perdi a única coisa que eu queria. Eu amei a Jaque de um jeito incondicional e a perdi. Perdi um filho, perdi meu pai, perdi minha alma. Perdi tudo o que valia a pena. Queria abrir um buraco, me jogar nele e morrer covardemente.

Abaixei-me no túmulo dela e implorei baixinho pelo perdão que eu nunca iria alcançar. Fui um covarde por deixá-la passar por todos os problemas dela sozinha. Depois que ela se foi, segui minha vida, magoado e me culpando pelo motivo errado. Só queria poder voltar no tempo para salvá-la. Queria poder dizer a ela o quanto eu queria um filho com ela e fazê-la feliz, como merecia ser.

— Cara, seu pai veio de carro. Ele já foi pra casa. — Fábio chegou até mim, segurando meus ombros.

— Me deixa. Pode ir embora. Eu me viro — gritei, saindo dos seus braços.

— Vamos, Arthur. A Sabrina está te esperando. — Ouvi-o sussurrar, sentando no banco.

— Como vou conseguir proteger e amar a Sabrina do jeito que ela merece, se a única mulher que já passou pela minha vida está morta, enterrada aqui neste lugar? — Sentei ao lado dele, curvado sobre meus braços. — Eu não consegui salvar a Jaqueline, como conseguirei salvar a Sabrina?

— Ela não precisa ser salva, Arthur. — Virei-me, encarando-o. — Ela precisa viver.

— Você não sabe o que está falando. — Bufe, secando as lágrimas.

— Ah, não? — Ficou em pé, encarando-me. — Então você está dizendo que ela não passou por relacionamento abusivo e que depois de muito tempo você é a única pessoa em quem ela confia? E, pior ainda, a única pessoa que ela ama?

— Quem contou...? Como você...? — Encarei-o de boca aberta.

— Não precisei de muito. O simples toque que dei nela a fez estremecer de medo. — Ele se abaixou, ficando na altura dos meus olhos. — A tia Isabel tentou chegar perto e ela agiu como um animal indefeso. Depois que você chegou perto, ela te abraçou. Não preciso dizer mais nada. Ela ama e confia em você.

— Não é o suficiente. Vou acabar fazendo com ela o mesmo que fiz com a Jaqueline. — Fiquei de pé, colocando a mão na foto grudada na lápide. — Vou machucá-la, vou fazê-la sofrer.

— Não vai, primo. Diferente de tudo o que o seu pai falou, eu estava presente na vida de vocês. Eu estava lá quando tudo aconteceu. — Ele colocou a mão em meu ombro, puxando-me para um abraço. — Cara, você é um irmão pra mim. Eu vi você cuidando dela, vi que tentou de tudo para não perdê-la. Seu pai só enxergou um lado da história.

Abracei-o de volta, negando com a cabeça.

— Você merece ser feliz, irmão. Merece tanto quanto antes. Merece uma segunda chance na vida. Seja Feliz, Arthur. Faça aquela menina feliz. Seu pai vai enxergar a verdade, vai enxergar.



Já faziam cerca de cinco horas desde que Arthur havia saído com o primo para procurar o pai. Fiquei no quarto aguardando o retorno dele. Depois que dei aquele show na cozinha, não consegui enfrentar Isabel, que me acolheu com tanto carinho. Ela era o tipo de mãe que todos deveríamos ter. Doce, gentil e amável com todos, principalmente com seu filho. A melhor mãe do mundo. Não que eu tivesse algum exemplo bom de como uma mãe de verdade deve ser, mas eu sentia que se um dia fosse mãe, gostaria de ser igual a ela.

Ouvi vozes do outro lado da porta, seguidas de coisas quebrando. Fui até a porta e verifiquei se estava realmente trancada, sentindo-me uma covarde, porque se fizessem algum mal à Isabel, eu estaria a salvo. Coloquei meu ouvido na porta, tentando escutar melhor a conversa vinda do primeiro andar.

Dona Isabel tentava falar baixo, mas a voz estridente do homem com quem conversava chegava até o andar superior.

— Não peça para eu me acalmar — gritou o homem.

Sem saber o que estava fazendo, abri a porta, jogando-me para fora. Iria proteger a mãe do Arthur independente do que me custasse.

— Sai de perto de mim, Isabel. — A voz irritada dele me fez tremer por dentro.

— Ele é nosso filho. É nosso dever perdoa-lo, independente do que tenha feito.

A voz da Isabel saía abafada, chorosa, e me senti péssima por ela sofrer assim.

— Eu não consigo, tá legal? — o homem gritou mais uma vez.

Me vi descendo as escadas correndo e me colocando na frente da Isabel.

— Não encosta nela — gritei, criando coragem.

Percebi que o homem na verdade era o pai do Arthur. Estava de costas para nós, de cabeça baixa. Não era a fisionomia de quem estava ou iria agredir a esposa, mas já havia passado por isso diversas vezes e não havia situação ou porte para começar uma agressão, só acontecia.

— Sabrina, querida, está tudo bem. — Ela tocou em meu ombro, chegando ao meu lado. Coloquei uma mão em seu tronco, fazendo-a recuar. — Só estamos discutindo.

— Não. Já passei por isso.

Senti-a estremecer no meu braço com a percepção do que eu tinha acabado de falar. Continuei olhando para o pai do Arthur, que agora havia virado o corpo e me encarava incrédulo.

— Não vou deixar o senhor a machucar, está me entendendo?

— Não vou machucar ninguém — sussurrou. — Eu juro. Desculpe, não queria assustá-la.

— Eu juro que ele nunca encostou um dedo em mim, querida.

Isabel segurou minha mão, que até então tremia, em seu tronco, forçando a ficar atrás de mim.

— Olhe pra mim, meu bem. Está tudo bem, eu prometo — acrescentou quando a encarei.

Deixei algumas lágrimas escorrerem por minha bochecha, percebendo o que eu havia feito. Tinha me intrometido na conversa dos dois achando que ele iria agredi-la. Olhei para o Senhor Geraldo, que acompanhava meus movimentos calado. Ele parecia cansado, frustrado, e agora olhava para mim com pena.

— Quem fez isso com você, pequena? — perguntou, mantendo-se longe. — Foi meu filho?

Ouvi Dona Isabel choramingar ao meu lado.

Neguei com a cabeça, sentindo meu corpo tremer. Arthur nunca faria isso. Ele era o pai dele, deveria saber disso.

— Está tudo bem, meu anjo. Você não precisa nos contar se não quiser. — Ela apertava minha mão, que ainda estava entre as suas. — Nós sabemos que o Arthur jamais faria algo assim. Não é, querido?

Ele apenas bufou receoso.

Não aguentei a ofensa contra o próprio filho.

— Foi meu ex-marido. — Gemi, sentindo minhas pernas fraquejarem.

Ainda doía muito falar sobre esse assunto, mas precisava proteger o Arthur. Ele era um homem bom e seu pai precisava enxergar isso.

— O Arthur me salvou dele. — O semblante de resignação do homem passou para curiosidade. Então continuei: — Meu ex-marido me agrediu quase todos os dias durante oito anos.

Escutei Dona Isabel choramingar ao meu lado. Passei uma mão em seu braço e ela me puxou. Sentamos no sofá. O pai do Arthur nos acompanhou, ficando parado do outro lado da parede.

— Um dia ele simplesmente decidiu que eu não servia mais e que iria atrás da minha irmã. Ele tentou me matar. Se o seu filho... — Apontei de um para o outro, erguendo meu tom de voz. — Se o Arthur não tivesse chegado, eu estaria morta agora.

— Oh céus.

Abracei Dona Isabel, que estava em prantos.

— Seu filho me salvou de inúmeras maneiras, Senhor Geraldo. Me salvou de mim mesma, quando eu achava que não era possível confiar em mais ninguém. Eu ainda estou quebrada por dentro.

Vi as lágrimas rolarem pelo rosto dele. Seu olhar mostrava dor e arrependimento.

— O Arthur me mostrou que eu tenho uma chance de ser feliz novamente. — Pausei, sentindo o ar faltar nos meus pulmões. — Eu estava grávida. Um filho era a coisa que eu mais queria no mundo, e o perdi porque meu ex-marido me bateu tanto que meu filho não sobreviveu.

Fiquei de pé, chegando perto dele, que chorava muito.

— E sabe o que é pior? Me senti aliviada por um breve momento por ter perdido a criança. Porque eu não queria ter um filho daquele monstro. — Coloquei as mãos nos ombros caídos do homem. Ele estava derrotado. — Foi por um breve momento e eu quis me matar por isso. Mas seu filho me mostrou que eu poderia viver com essa dor.

Abracei-o, sentindo um peso enorme sair do meu corpo. Não senti dor e nem repulsa por ele me tocar, só queria passar conforto àquele homem que estava sofrendo.

— Seu filho pode ter cometido muitos erros. Todos nós cometemos. Mas o perdão vem de dentro, vem da alma, e sem ele não somos nada. Seu filho merece ser perdoado e merece uma segunda chance de ser feliz. Todos nós merecemos.

— Obrigado. — Ele chorou em meus braços, soluçando as palavras. — Me desculpe por não ter dado atenção a você. Me desculpe por ter que fazer você passar por tudo isso. Me desculpe.

— Não é pra mim que o senhor tem que pedir desculpas — falei, afastando-me. — O Arthur precisa de um pai.

Ele me abraçou novamente e senti outras mãos por trás, juntando-se ao nosso abraço. Me senti em casa, com uma família. Quando nos afastamos, cada um sorriu aliviado. Cada um tirou um peso dos ombros. Eu me sentia bem e viva, pronta para viver novamente. Pronta para lutar por tudo aquilo que me pertencia.

— O que está acontecendo aqui? — Arthur entrou na sala, com o primo dele logo atrás.

— Meu filho. — Seu Geraldo soltou a esposa e correu para abraçá-lo. Ele soluçava e chorava muito. — Me perdoe, meu filho. Me perdoe por não ficar do seu lado quando você mais precisou de mim. Me perdoe, por favor.

Os dois se ajoelharam chorando. Estavam acabando juntos com a mágoa que guardaram por tanto tempo. Estavam se livrando de toda aquela raiva reprimida, de todo o mal que havia o acometido. Eu me sentia assim, livre. Me sentia feliz.

— Não sei o que aconteceu aqui. — Fábio se juntou a mim e à Dona Isabel. Olhávamos a cena mais emocionante que já presenciei. — Mas muito obrigada, prima. Esses dois precisavam fazer as pazes.

— Me desculpe por mais cedo.

Abracei-o, e vi que Arthur nos encarava surpreso.

Saí da sala e subi as escadas. Precisava ficar sozinha e pensar em tudo o que havia acontecido. Quando estava entrando no quarto, Isabel me encarou e agradeceu baixinho. O rosto dela, apesar de inchado pela crise de choro, parecia em paz, feliz.

Assenti e entrei no quarto, sentindo-me diferente, como nunca havia me sentido antes.

E mais uma vez me senti grata pelo Arthur. Indiretamente ele cicatrizou mais uma ferida na minha alma, que para ficar completamente curada só faltava uma coisa: minha irmã.

24

Arthur



— Vocês têm certeza que não querem ficar mais alguns dias? — Meu pai perguntou da porta.

— Não, pai, realmente precisamos voltar. — Peguei a mala das mãos da Sabrina e levei ao porta-malas, fechando a porta. — O pai do André ficou esses dias sozinho no hospital. Tenho que voltar para ajudá-lo.

— Mas prometem que irão voltar em breve?

Minha mãe estava chorando, abraçada em Sabrina, que por sua vez sorria com certa tristeza, o que me fez desejar ainda mais poder resolver as coisas entre nós.

— Precisamos ir se não quisermos pegar trânsito na capital — sussurrei, chegando ao lado das duas.

Não perguntei o que aconteceu ontem naquela sala antes de chegarmos, mas Sabrina mais uma vez fez sua magia e me devolveu um pedaço da minha alma há muito tempo perdida. Estava muito grato por finalmente conseguir o

perdão do meu pai, e saber que tinha um dedinho dela nisso tudo fazia eu me apaixonar ainda mais por ela.

— Sabrina, espero que você encontre sua irmã logo e traga-a para nos visitar.

Meu pai se juntou a elas para um abraço. Ver que a Sabrina não estremeceu ou recuou com o toque dele me fez agradecer ainda mais por ela ter exorcizado seus demônios.

— Obrigada — respondeu timidamente, retribuindo o abraço. — Deem um abraço no Fábio por mim.

— Vamos?

Abracei meu pai e minha mãe pela quinta vez em despedida. Estendi a mão para Sabrina, que a segurou sem hesitar. Meu coração palpitou. Contornei o carro ainda segurando sua mão e só soltei quando precisei abrir a porta para ela entrar.

— Podemos fazer uma parada antes de seguir? — perguntou assim que entrei e fechei minha porta.

— Onde você quiser.

— No cemitério. Quero me despedir da Jaqueline. — Estremeci. — Só se você se sentir confortável, é claro.

Eu ainda não havia contado a história que meu pai tinha me revelado, mas não podia negar esse pedido a ela.

— Claro.

Dirigi o percurso até o cemitério calado. Não estava pronto para me despedir da Jaqueline e nem para dizer adeus à primeira mulher que amei. A mulher que ia me dar um filho. Como poderia me despedir dela?

— Se você não quiser ir comigo, pode ficar. Eu encontro a lápide dela sozinha.

Me surpreendi com sua oferta.

— Não, eu vou junto.

Parei o carro na vaga mais próxima e caminhamos em silêncio até chegar ao túmulo.

— Ela era linda.

Sabrina passou a mão sobre a foto da Jaque, acariciando de leve a moldura.

— Era mesmo.

Repeti o gesto, sentando no banquinho em seguida. Sabrina contornou os túmulos e caminhou até a floricultura, trazendo de volta um buquê com rosas brancas. Meus olhos encheram de lágrimas.

— Quando eu vi sua foto, me lembrei de rosas brancas — sussurrou,

colocando as flores na lápide. — Tão bonitas quanto você. — Acariciou novamente a foto. — Ele te amou verdadeiramente. Ainda te ama. Eu sinto o quanto ele ainda ama você.

Ela sentou no cantinho da lápide e continuou a conversar. Só consegui ficar observando fascinado, com a vista embaçada de chorar.

— Ele continua sendo um homem incrível, igual quando vocês se conheceram. — Percebi algumas lágrimas rolarem pelas bochechas dela. — Ele vai continuar te amando para o resto da vida, e eu prometo que vou fazê-lo se lembrar do quanto você foi especial. — Ela soluçava com as lágrimas que caíam. — Mas ele precisa seguir em frente, Jaqueline, precisa seguir a viver. Você precisa perdoá-lo e deixar que siga com a vida dele. Eu peço desculpas se a impressão que passei foi de querer tomar o seu lugar. Nunca foi, eu prometo. Mas eu o amo. Amo de verdade. E mesmo que não fiquemos juntos, quero que ele seja feliz.

Ela contornou o túmulo e sentou ao meu lado no banco, encostando a cabeça em meus ombros. Foi a coisa mais doce e verdadeira que já ouvi alguém falar. Eu amava as duas. Jaqueline foi a minha primeira e Sabrina seria a minha última.

— Me desculpe, Arthur. — Ela levantou o rosto, encarando-me. — Eu não quis ser invasiva.

— Tudo bem. — Sequei as lágrimas que rolavam sem parar pelo rosto dela. — Ela sabe que a amo e sempre vou amar. E você está certa. Eu quero seguir em frente, quero voltar a viver.

Ela sorriu e deitou a cabeça em meu ombro novamente. Não me sentia tão bem há muito tempo. As lágrimas que eu estava derramando não eram de tristeza, nem de mágoa e muito menos remorso. Percebi que eram, na verdade, de alívio e felicidade.

— Podemos voltar? — perguntei, erguendo o rosto dela com meu dedo.

— Podemos. — Ficou de pé e tocou mais uma vez a foto da Jaqueline. — Adeus.

Esperei-a entrar na trilha que levava ao estacionamento para olhar para trás uma última vez. *Adeus*, pensei, despedindo-me do grande amor da minha vida. E lá no fundo enxerguei uma menina muito parecida com minha ex-noiva acenando com a mão, dizendo adeus. Senti meu peito mais leve.



Sabrina

Eu queria que ele soubesse que eu estava feliz ao seu lado. Não sabia o que aconteceria daqui por diante e nem queria pensar sobre o quanto eu estava apaixonada por ele, mas precisava saber o quanto ele estava por mim.

Depois de me despedir e me desculpar com sua antiga noiva, tive a certeza que ele me amava muito e estava disposto a refazer a vida dele ao meu lado.

— Podemos fazer uma parada?

Já estávamos na metade do caminho de volta para nossa cidade.

— Onde você quiser — repeti nossa conversa de antes. Ele sorriu.

— Quero ir na casa que vocês moravam.

Gelei.

— O que faríamos lá? Não tem nada lá pra ver. A casa é tão velha que devem ter demolido e construído outra em cima.

— Ah, qual é? Não está nem um pouco curiosa pra saber como ela está?

Encarei-o, incrédula.

— Não.

— Vamos, Sabrina — implorou, sem tirar os olhos da estrada. — Precisamos passar por mais esta etapa para curar nossas almas.

— Você não quer curar alma alguma. Você só está curioso.

— Talvez. — Riu alto, me fazendo rir com ele. — Mas é uma curiosidade para o bem. Vamos iniciar nossa investigação.

— Isso é golpe baixo — resmunguei, sem deixar de sorrir.

— Mas é um golpe muito válido. Por favor — implorou. — É só me indicar o caminho. Você disse que lembrava como chegar lá.

— Tá bom.

Não conseguiria esquecer o caminho nem se quisesse. Ficou cravado na minha memória como uma das poucas lembranças da Nina.

— Isso. — Buzinou, fazendo as pessoas na rua se assustarem. — Desculpe. Desculpe mesmo. — E continuava a sorrir.

Expliquei o caminho pra ele e fomos até o local sem falar nada. Eu estava angustiada, nunca pensei em voltar àquele lugar. Nina e eu passamos nossa infância aqui, e mesmo assim não tinha boas lembranças do lugar. Passamos o portal da entrada da cidade; a rua da minha antiga casa ficava a cinco quadras adiante. Ele parou antes de dobrar a esquina para me encarar. Esperou uma confirmação minha para poder continuar. Só consegui assentir levemente com a cabeça. Minha voz estava presa na garganta.

Assim que ele dobrou para entrar na rua, avistei os muros altos da

propriedade. Minha mãe me disse uma vez que pertenceu ao bisavô dela e que ele era muito rico antes da guerra. Apontei para o portão quebrado, indicando que era ali. Senti algumas lágrimas rolarem e me apressei em secá-las. Desta vez iria ser forte.

Esperei Arthur abrir minha porta para tomar fôlego e caminhar pela propriedade. Era maior do que eu me lembrava e estava ainda mais velha que antes. Parte do telhado havia caído, provavelmente por conta das chuvas e temporais. Entrei pelo portão velho e quebrado seguida pelo Arthur, que observava tudo minuciosamente.

O pátio, antes cheio de grama verde, agora estava cheio de terra, com algumas poças de água pelo caminho. Contornamos pela calçada quebrada e entramos pela porta da frente.

— Acho que não deveríamos entrar. O teto pode desabar sobre nós — falei, parando na entrada.

— Chegamos até aqui. Eu não sei por que, mas sinto que devemos estar aqui.

Ele passou por mim, segurando minha mão, e entrou na casa.

Os poucos móveis ainda estavam lá. Havia teias de aranha por todo canto. O piso gasto tinha algumas tábuas quebradas. Passamos pela sala, encontrando uma foto minha e da minha irmã sobre um móvel. Chorei baixinho, pegando a lembrança de quando Nina ainda era um bebê. Eu a segurava com um sorriso, olhando apaixonada pelo pequeno ser em meu colo. Arthur me alcançou, abraçando-me por trás.

— Ela é muito linda mesmo. — Observou a foto em minhas mãos com carinho. — Vamos continuar. Ou prefere parar por aqui? — perguntou, beijando o topo da minha cabeça.

Eu queria desistir e voltar para o carro, mas a foto me fez querer ficar com todas as forças. Queria mais recordações como aquela para me lembrar de como eu amava minha irmã. E se não conseguíssemos encontrá-la, eu ainda teria essas pequenas lembranças.

Virei-me de encontro ao Arthur e deposei um beijo casto em seus lábios, como agradecimento por ter insistido para virmos até aqui. Ele arregalou os olhos surpreso, fazendo-me rir.

— Quero continuar.

Segurei a mão dele sorrindo, puxando-o com mais força para andarmos mais rápido.

Caminhamos por todos os cômodos, observando cada detalhe, cada móvel e decoração. Coisas que não tinham mais valor nenhum, mas que na minha cabeça eram mais valiosas que ouro.

— Este era nosso quartinho secreto — sussurrei quando entramos no ambiente.

Tudo estava exatamente igual. A cama que dividíamos e o criado mudo com a escova que penteava nossos cabelos. O único espelho que tínhamos na casa havia se quebrado por inteiro, mas a moldura elegante ainda estava lá, grudada na parede. Soltei a mão do Arthur, indo até o guarda-roupas, que continha o fundo falso. Nosso lugar secreto, nosso esconderijo. Chorei baixinho ao abrir e encontrar uma camiseta empoeirada que pertencia a minha irmã.

— Tem alguma coisa ali no fundo. — Arthur caminhava para a parte onde o teto havia desabado. — Parece tinta.

— Devem ter pichado. Ali atrás era o lugar onde brincávamos. — Caminhei até ele, segurando sua mão. — Tem uma janela no outro cômodo que podemos usar para chegar lá.

Pulamos a janela e contornamos a casa. Os temporais haviam feito um estrago e tanto na casa. Chegamos nos fundos da casa e o carro vermelho que pertencia a minha mãe ainda estava lá. Tinha ferrugem por todo canto e a tinta vermelha estava desbotada. Caminhei até o portão dos fundos, que levava até o bosque particular. A paisagem ainda era incrível. Quando pequena, tinha medo de ir lá. Mas olhando agora, todas aquelas árvores, plantas e flores tão bonitas me davam certa vontade de cuidar do lugar.

— Sabrina — Arthur me chamou quase gritando.

Corri em sua direção.

— O que...? — Levei a mão à boca, sufocando uma dor aguda em meu peito. — Meu Deus. — As lágrimas caíam feito cascata em minhas bochechas.

Não aguentei e caí de joelhos diante da imagem a minha frente.

Arthur correu até mim, passando os braços em volta da minha cintura. Praticamente me arrastou até a porta da garagem, onde parte dela havia desabado e a outra deixava visível o recado com tinta vermelha.

NINA ESTEVE AQUI!!!

SABRINA, ME ENCONTRE!!!

Embaixo, com letras miúdas, faltando alguns números, havia o que parecia ser um contato.



Eu não queria voltar para a casa do Rafael. Nunca mais colocaria meus pés lá. Aquele lugar não era meu, não me pertencia, não me fazia bem. Só de estar no mesmo ambiente onde sofri tanto ficava com náuseas.

— Você pode ficar no meu apartamento.

Estávamos parados em frente ao portão de entrada, e não conseguia dar mais nenhum passo para dentro do local.

— Eu vou ficar no hospital durante a noite. Você pode dormir lá em casa até vender essa aqui e conseguir comprar a sua.

— Eu não quero incomodar, Arthur. — Passei meus braços pela cintura dele. — Mas não vou negar sua oferta. Prometo que será só por alguns dias, até conseguir me estabilizar, arranjar um emprego, sei lá. Dar um rumo a minha vida.

— Você não vai me incomodar. — Beijou o topo da minha cabeça. — Talvez você tenha que se preocupar comigo te incomodando. — Senti o sorriso dele nos meus cabelos. — Afinal, se você ficar com fome, terá que cozinhar sua própria comida, porque não sei nem fritar ovo.

Não pude deixar de sorrir. Ele estava fazendo mais do que qualquer pessoa poderia querer. Era um anjo que entrou em minha vida para me ajudar, me amar e devolver minha alma. E agora estava me dando um teto. Temporário, é claro. Mas, mesmo assim, ainda era um lugar melhor do que a casa do meu ex-marido.

Sem contar que iria me ajudar a encontrar a metade que faltava da minha alma. Minha irmã.

Saímos da minha casa de infância não só com lembranças daquele lugar, mas com um telefone incompleto. Era questão de tempo até o Arthur conseguir o restante. Saber que a Nina também estava procurando por mim me deixou muito mais que feliz e me deu outra perspectiva da vida que eu gostaria de ter.

— Preciso pegar algumas roupas — sussurrei, enquanto ele pegava a mala da minha mão. — Eu levei poucas mudas na viagem.

— Então, você quer entrar ou quer que eu peça pra Dona Claudete fazer isso pra você?

— Não. Não quero incomodá-la novamente. Está muito tarde. Você

entraria comigo?

— Mas é claro. Não deixaria você entrar aí sozinha.

Ele pegou minha mão e nos conduziu até a porta da frente. Peguei a chave que guardei embaixo do tapete, caso minha vizinha quisesse entrar, e abri a porta. Deixei que o Arthur entrasse primeiro e acendesse a luz, para entrar logo em seguida. Ele olhou para a varanda e seguiu seu olhar. O colchão onde eu havia dormido naquela noite que saí do hospital ainda estava ali.

— Não consegui dormir lá dentro — sussurrei. — Não fiquei com medo, só que as lembranças não conseguiam me deixar dormir.

— Foi por causa das lembranças que você se trancou no banheiro da sua vizinha? — falou, abrindo a outra porta. Assenti. — E agora você está com medo das suas lembranças de novo. Por isso me pediu para entrar com você?

Arregalei os olhos, sentindo lacrimejarem.

— Eu sei que é tolice, mas eu...

— Não. Não é. — Acariciou minhas bochechas. — Estou aqui com você. Nunca mais vou deixar nada te fazer mal. Eu prometi na noite em que te encontrei e vou prometer agora de novo. Vou te proteger como se minha vida dependesse disso, até porque agora ela depende.

— Obrigada, Arthur. — Abracei-o novamente. — Não sei o que seria da minha vida sem você.

— Também não sei. — Ele sorriu. — Com certeza não seria tão bela quanto comigo ao seu lado.

— Bobo.

Seguimos para o quarto, pegando o restante das roupas que tinha no armário. Eram poucas. A maioria era da época que vivia no orfanato, quando algumas mães doavam suas roupas velhas e fora de moda para ajudar a instituição.

— Só isso? — Pegou a mala da minha mão. — Faltou mais alguma coisa que gostaria de tirar? Você não precisa voltar mais aqui se não quiser.

— Só isso mesmo. — Eu não voltaria.

Fomos para o apartamento dele em silêncio. Era um lugar pequeno no centro da cidade. Ele comentou que ficava perto do batalhão em que trabalhava, o que facilitava para ele caso precisasse fazer muitas horas seguidas de trabalho e descansos rápidos.

— É muito bonito. Pequeno, aconchegante e funcional — falei, caminhando de um cômodo a outro.

— Isso porque você não viu o quarto ainda. — Pegou minha mão, largando nossas coisas no meio da sala. — Guardei três salários para poder comprar essa cama. É maravilhosa.

O quarto era maior que a sala, e a cama ocupava a maior parte do ambiente. Havia um armário, um criado mudo e uma escrivaninha com um notebook. Sobre ela havia uma foto. Passei por ele, contornando a cama gigantesca, e peguei a moldura. Era artesanal, com algumas conchas coladas na lateral. A foto no centro era de uma formatura. Arthur estava abraçado com Jaqueline num canto, enquanto seus pais batiam palmas, sorrindo.

— Esta foto é linda — sussurrei. — Estavam tão felizes aqui. Dá para perceber a alegria de todos.

— Foi o dia da formatura da Jaque no Ensino Médio. — Me abraçou por trás e encostei minha cabeça nos ombros dele. — Já estávamos namorando nessa época. Ali eu já sabia que queria passar o resto da minha vida ao lado dela.

— Tem mais fotos? — perguntei, devolvendo a moldura a seu devido lugar.

— Não. Essa é a única que ficou comigo. — Me virou de frente para ele. — Mas sempre foi a minha favorita. Ninguém sabia que essa foto tinha sido tirada, mas captou exatamente como estávamos felizes. — Deu um beijo na minha testa. — Eu quero fotos nossas assim também. — Olhei para seus olhos, que me encaravam cheios de carinho. — Não agora, é claro. Estamos fedendo, precisamos de um banho. E você precisa dormir. — Puxou-me novamente, abrindo outra porta dentro do quarto. — Aqui é o banheiro. Fique à vontade para tomar banho e descansar.

— E você? — perguntei, pegando minha mala.

— Eu vou tomar um banho, tem outro banheiro no corredor, e fazer umas ligações. — Pegou a mala da minha mão e colocou em cima da cama. — Você pode dormir aqui. Eu fico com o sofá.

— Será por poucos dias, eu prometo.

— Fique o tempo que quiser. Vou passar a maior parte dos dias no hospital. O pai do André tem uma filha pequena que vai entrar de férias escolares e não tem com quem deixar. — Pegou o notebook da escrivaninha. — Assim ele não precisa contratar uma babá em tempo integral. Ele pode ficar com ela depois que sair do trabalho.

— Eu posso cuidar dela, se você deixá-la ficar aqui comigo. — Abri a mala, pegando um pijama para dormir. — Tenho experiência com crianças. Cuidava de muitas no orfanato.

— Vou propor isso a ele. — Pegou minhas mãos, dando um beijo demorado em cada uma delas. — Você é incrível. Sempre que acho que já vi o quanto é maravilhosa, você me surpreende com mais alguma habilidade.

— Não fique tão admirado. — Sorri, entrando no banheiro. — Eu não sei cozinhar direito.

— Mentira. Só está dizendo isso para me afastar de você, não é? — Sorriu e escorou no batente da porta.

— Talvez. — Dei um beijo na bochecha dele. — Agora, me deixe tomar banho, porque, segundo você, estou fedendo.

Ele deu um passo para trás, colocando a mão na frente do rosto, sacudindo, insinuando que algo não cheirava bem. Fechei a porta com um pouco mais de força e escutei sua gargalhada reverberar pelo corredor.

Eu não sabia o que faria da minha vida a partir de agora. Já havíamos contatado um advogado para ver se eu poderia vender a casa do Rafael, e depois do seu aval, falamos com um corretor, que afirmou que a casa seria vendida em poucos dias. Segundo ele, a casa ficava num local afastado, mas que os aposentados adoravam, pois queriam ficar longe da bagunça e correria do centro. O advogado também me avisou sobre o dinheiro que ganharia de um seguro de vida da empresa que o Rafael trabalhava. Dinheiro é claro que eu não queria. Não queria nada que fosse dele, não queria vestígios de que algum dia ele tinha passado por minha vida. Então decidi que pegaria o dinheiro e doaria cada centavo, só não sabia para qual instituição.

Saí do banheiro e só percebi que tinha demorado tempo demais no chuveiro quando passei pela sala e vi que Arthur já dormia. Ele ainda estava com o notebook no colo e o celular perto do rosto. Viajamos por cerca de quatorze horas direto. Ele estava exausto.

Peguei o notebook e o celular e os coloquei em cima da mesa. Fui ao quarto e peguei uma manta no armário para tapá-lo. Eu não queria ser enxerida, mas não pude evitar olhar no que ele estava trabalhando. Quando vi, meus olhos se encheram de lágrimas. O navegador estava aberto com pesquisas sobre o nome Nina e uma combinação de números de telefone estava ao lado em uma planilha. Ele estava combinado possíveis números e ligando para eles, confirmando se eram ou não da minha irmã. Havia centenas de possíveis combinações e algumas na planilha estavam marcadas como inválidas, mas tinham inúmeras outras, o que me encheu de esperança. Se eu estava apaixonada por ele, fiquei ainda mais.

Dei um beijo na testa dele antes de voltar para o quarto e deitar naquela cama enorme. Caberiam ao menos cinco pessoas na cama. Rolei de um lado para o outro, sentindo-me incompleta, vazia. Apesar de estar esgotada, cansada, não consegui dormir pensando nele naquele sofá, que não era pequeno, mas pelo menos parecia mais aconchegante que a cama gigantesca. Pulei da cama com os olhos cansados e andei de um lado a outro do quarto até tomar coragem e ir à sala.

Eu queria acordá-lo e pedir que trocasse de lugar comigo, mas ele dormia

profundamente. Eu estava com o corpo exausto e meu cérebro não estava funcionando direito. Sentei no sofá e senti suas mãos me puxando para perto dele. Encostei a cabeça no travesseiro improvisado, enquanto ele me cobria com a manta. Dormi aconchegada a ele, sentindo sua respiração em meu pescoço.

Era tão bom. Tão calmamente. Tão perfeito.

26

Arthur



— Bom dia — sussurrei, quando ela enfim abriu os olhos.

Eu estava tão cansado que nem percebi quando ela deitou comigo no sofá. Fazia uns trinta minutos ou mais que estava acordado e fiquei observando o rosto dela enquanto dormia calmamente. Não queria acordá-la, mesmo que meu braço estivesse formigando e eu precisasse amputá-lo mais tarde.

— Bom dia — respondeu timidamente, sorrindo. — Aquela cama era enorme e eu não consegui dormir lá sozinha — começou a se explicar, corando cada vez mais, o que me deixou ainda mais apaixonado.

— Não precisa se explicar. — Beijeí seu nariz, o que a fez soltar um suspiro, ainda sorrindo. — Nunca gostei tanto daquela cama como quando a fez dormir comigo.

Ela me deu um tapinha no ombro, mas ainda não fez menção de levantar.

— Bem, se você quiser dormir nela hoje... — Encostou a cabeça no meu ombro.

— Você está me convidando para dormir na minha própria cama? — Coloquei a mão no peito, fingindo estar chocada. — É tentador, mas eu jamais deixaria você dormir neste sofá sozinha.

— Eu poderia dormir lá com você. — Me encarou com os olhos sonolentos. — Se não for te incomodar, é claro — concluiu, bocejando.

— Você nunca incomoda. — Beijeí a testa dela.

Estávamos dando outro grande passo: dormir juntos, na mesma cama. E pensar que foi ideia dela me fazia sentir coisas que estavam escondidas há muito tempo em meu peito. Eu queria tê-la aqui comigo para o resto das nossas vidas. Fazê-la feliz, casar, ter filhos, netos, bisnetos. Mas iria com calma para não a assustar. Não iria pressionar em nada.

— Sabrina. — Ela suspirava baixinho, indicando que havia voltado a dormir. — Ei, dorminhoca. — Cutuquei o nariz dela com o meu. — Se você não

levantar deste sofá, irei começar um ataque de cócegas, e eu juro que não consigo parar. É mais forte que eu.

Senti seu sorriso em meu peito, seguido de uma gargalhada, quando coloquei minha mão em sua barriga e comecei a fazer cócegas. Ela levantou em um pulo, ainda sorrindo.

— Isso é maldade. — Contornou a mesinha de centro quando tentei apanhá-la. — É assim que você trata sua convidada?

— Só os convidados especiais. — Corri, tentando capturá-la, mas foi mais rápida, contornando o sofá. — É assim que você trata seu anfitrião?

— Só os especiais — gritou.

Ela correu para o quarto quando contornei o sofá, quase a alcançando.

— Te peguei.

Sabrina era rápida, porém eu era mais. Consegui segurar sua cintura e jogá-la na cama. Comecei a fazer cócegas nela, que se contorcia embaixo de mim. Sua gargalhada reverberava no quarto inteiro, enchendo de alegria cada canto do lugar e do meu peito, que já transbordava de felicidade.

— Por favor, chega — gritava, contorcendo-se de tanto rir. — Por favor, Arthur. Por favor.

Parei de fazer cócegas e fiquei encarando seus olhos, que ela secava após algumas lágrimas escaparem. Suas bochechas estavam coradas. Senti minha boca na dela antes mesmo de perceber que a estava beijando. Foi um beijo rápido, porém doce. Ela não me empurrou e nem saiu correndo, pelo contrário, retribuiu o beijo de forma leve e delicada.

— Desculpe — falei ofegante. — Não consegui resistir.

Ela assentiu, ficando de pé, enquanto eu sentava na cama pensando na merda que havia acabado de fazer. Tentei olhar em seus olhos para tentar entender o que passava na cabeça dela, mas ela desviou o olhar.

— Sabrina, me desculpe. — Baixei o rosto e percebi que ela havia virado o corpo em minha direção. — Eu amo você, e eu...

Não consegui terminar a frase, pois ela pulou em cima de mim e começou seu próprio ataque de cócegas. Eu não conseguia rir, estava nervoso demais pensando que havia estragado nosso momento com o beijo, e ela havia me surpreendido, atacando-me e sorrindo.

— Isso é roubo — falou quando percebeu que eu não gargalhava. — Você não sente cócegas, não é?

— Você quer namorar comigo? — perguntei, surpreendendo-a. Ela arregalou os olhos e sua boca ficou aberta no meio da palavra. — Eu amo você. Você disse que me ama. Podemos ir com calma em tudo o que você quiser, mas eu quero poder te beijar quando estiver com vontade, segurar sua mão na rua, te

levar pra jantar, ir ao cinema e ficar abraçado com você, poder dizer às pessoas que eu namoro a mulher mais linda do planeta, e...

Ela me calou com um beijo, desta vez mais profundo e desesperado. Segurei em sua nuca, aprofundando ainda mais o beijo, fazendo-a suspirar. Ela abraçou meu pescoço e tirou sua boca da minha, afundando seu rosto sob os braços.

— Eu amo você — respondeu em sussurro —, mas eu preciso de tempo pra entender tudo o que vai acontecer em minha vida a partir de agora.

Eu assenti, afundando meu rosto nos cabelos dela.

— Não estou rejeitando seu pedido. Eu quero e muito ser algo a mais pra você, mas preciso de tempo pra pensar. Tudo bem pra você?

— Sabrina. — Afastei um pouco meu rosto para olhar os dela. — Eu quero você comigo, não importa como vai ser. Como namorada, como amiga, como esposa. — Ela estremeceu com a menção de esposa. — Mas eu quero tudo isso quando você estiver pronta. — Beije a ponta do nariz dela. — Eu amo você. — Ela assentiu. — Quero a sua felicidade e quero participar dela com você. Se você me quiser nela, é claro.

— Eu quero você em minha vida — falou frustrada. — Eu quero ser feliz ao seu lado. — Meu peito se inflou. — Mas eu preciso de um tempo só pra mim. — Ela saiu de cima de mim e senti falta do seu calor. — Quanto ao cinema e jantar, podemos continuar fazendo isso. Vamos continuar sendo amigos.

— E os abraços, mãos dadas e beijos? Amigos não fazem isso — falei, segurando em na cintura dela.

— Podemos continuar com isso também. — Encostou a cabeça no meu peito. — Só não quero compromisso. Não quero dar nome ao que temos, porque, se um dia acontecer de nos separarmos... — Ela parou de falar e senti uma lágrima rolar por seu rosto, caindo em meu braço. — Eu não quero que a gente sofra. Não quero morrer mais um pouco quando perder você também.

Tarde demais, pensei comigo. Já estava sofrendo desde o dia em que a beijei pela primeira vez naquele hospital. Faria de tudo para isso não acontecer. Não queria perdê-la, mas meu peito dizia que ela tinha outros planos para o nosso futuro.



— Vou passar na delegacia primeiro, depois vou direto pro hospital. — Arthur estava levantando da cama. — O pai do André vai deixar a Cíntia aqui depois do almoço.

Ele contornou a cama e depositou um beijo casto em meus lábios.

— Então tenho a manhã toda pra fazer as ligações? — perguntei, segurando o pescoço dele.

— Isso. — Deu mais um beijo. — Se você não me soltar, eu vou voltar pra cama e não vou prometer que vou te soltar mais por hoje.

— Desculpe. — Soltei-o, sorrindo. — Será que o Seu Paulo deixa eu levar a Cíntia comigo para ver alguns apartamentos? — Levantei, vestindo minha roupa.

— Posso perguntar a ele. — Segurou-me de frente ao espelho, beijando o topo da minha cabeça. — Mas eu preferia ir com você. Como policial, tenho como saber se o local é seguro pra você.

— Arthur, estamos olhando apartamentos há quatro dias. — Virei de frente para ele. — Em todos eles você colocou algum defeito.

Soltei-me dos braços dele, saindo do quarto e entrando na cozinha.

— Isso não é verdade. — Passou por mim, preparando o café. — Eu gostei de um.

— É, você gostou. — Tirei a chaleira da mão dele. — No andar em cima deste aqui.

— E qual é o problema? — perguntou, servindo a mesa. — Eu seria um vizinho tão terrível assim?

— Já conversamos sobre isso. — Passei meus braços pela cintura dele, abraçando-o por trás. — Se ficarmos tão perto não sentiremos saudades e você irá enjoar de mim rapidinho.

Ele se virou, segurando-me em seus braços, e me beijou suavemente. Eu tinha que admitir que estava apaixonada por ele, mas algo dentro de mim me alertava o tempo todo que eu poderia me machucar ainda mais se ficássemos juntos.

— Eu te amo — sussurrou em meus lábios. — Não vou me cansar nunca

de você.

— Veremos.

Voltei para a cozinha, terminando de preparar o café.

— Você conversa com o Seu Paulo por mim?

— Tudo bem! — Gemeu, revirando os olhos. — Mas fique sabendo que a Cíntia não é uma criancinha manipulável assim como eu. — Colocou a jaqueta e pegou as chaves do carro. — Não adianta fazer essa carinha doce, que ela não vai ceder. E saiba ainda mais que ela tem uma quedinha por mim, então vai dar um jeito de fazer tudo o que eu disser.

— Ah, é mesmo? — perguntei, chegando bem próxima e roçando meus lábios nos dele, sentindo sua respiração ficando cada vez mais pesada. — Então é só eu fazer uma carinha doce que você faz todas as minhas vontades? — Ele assentiu, enquanto eu colocava os braços ao seu redor. — Então, se eu quiser me mudar ainda hoje, você vai me deixar ir sem reclamar?

— Você não é tão doce assim. — Beijou minha bochecha e pegou o café. — Vamos conversar sobre isso quando eu voltar, pode ser?

— Que horas você vai voltar?

Preparei um sanduíche para ele levar.

— Vou ficar no hospital até o tio do André chegar pra trocarmos de turno. — Ele pegou a sacolinha da minha mão e tomou o último gole de café. — Devo chegar às nove ou dez horas. — Beijou minha bochecha, segurando minhas mãos e indo para a porta. — Hoje o Seu Paulo trabalha até às 22h, então vou estar aqui antes da Cíntia ir embora. — Beijou-me rapidamente e saiu. — Qualquer notícia que eu conseguir sobre a Nina na delegacia, ligo pra você. Prometo.

Ele fechou a porta e foi embora.

Voltei para a sala, terminei meu café e comecei a ligar para as combinações de telefone que o Arthur havia deixado na lista. Era doloroso ouvir todos os "não conheço ninguém com esse nome" em todas as ligações que fizemos nos últimos seis dias. Mas doía ainda mais quando diziam que conheciam, passavam o contato de alguma Nina e eu descobria que não era minha irmã.

Arthur, apesar de ainda estar de licença no trabalho, estava indo todos os dias e pedindo ao delegado para fazer as investigações nos bancos de dados. Ele me disse que no nome e sobrenome da minha irmã não tinham mais registros e que possivelmente os novos pais mudaram o nome dela depois da adoção. Seria muito mais fácil se eu fosse até o orfanato e pedisse para que as irmãs me deixassem ver quem tinha adotado minha irmã, mas não queria ir lá para elas me perguntarem sobre meu casamento ou me julgarem por estar morando com outro

homem. Eu não suportaria.

Ao meio-dia a Cíntia chegou, e posso dizer que me surpreendi com sua educação e seu jeito maduro. Era encantadora de várias formas, mas o que mais me chamou atenção foi o vocabulário perfeito.

— Você quer comer alguma coisa? — perguntei, sentando ao lado dela no sofá.

— Não, muito obrigada. Já fiz minhas refeições — respondeu, pegando a mochila. — Meu pai falou que você queria que a acompanhasse em uma busca por um apartamento.

— É sim. Mas eu acabei cancelando com o corretor. O Arthur quer ir ver comigo.

— Meu pai falou que foi seu marido quem atirou no meu irmão. — Abri minha boca, surpresa. — Isso é verdade?

— Sim. É verdade.

Ela me encarou com dúvidas.

— E você vai atirar em mim também?

— Eu jamais faria isso. — Tentei me aproximar, mas ela se afastou. — Ele me machucou também.

— Quem? O André? — perguntou, arregalando os olhos.

— Não. Não o André. Meu ex-marido.

— Posso ver? — Ela chegou perto de mim. — O André tem uma cicatriz na cabeça. Você tem alguma cicatriz?

— Sinto muito. — Baixei a cabeça, sentindo meus olhos marejados. — Ele me deixou cicatrizes internas.

— No coração?

— É, no coração — respondi, sentindo as lágrimas rolarem pela minha bochecha. Virei o rosto para que ela não visse.

— Você não precisa mais chorar por causa dele. — Senti a mãozinha dela em meu rosto, secando algumas lágrimas. — O tio Arthur vai proteger você. Você sabia que ele foi na minha escola uma vez só porque um menino puxou meu cabelo no recreio? — Olhei para ela e não pude deixar de sorrir. — Ele falou com os professores. E meu irmão brigou até com o papai do garoto.

— Eu imagino que eles fizeram isso para proteger você. — Segurei a mãozinha dela.

— Isso mesmo. — Ela tocou meu rosto novamente. — Porque famílias devem se proteger. E você é da família agora.

Deixei mais algumas lágrimas rolarem. Eu tinha certeza que o Arthur faria de tudo para me manter perto dele. Eu até queria viver uma vida com ele, ser feliz, mas sentia que quanto mais tempo ficasse perto dele, mais sofreria

depois. Coloquei a Cíntia na cama e a esperei dormir para fazer a ligação que mudaria tudo.

— Alô? Sabrina? — Ouvi a voz conhecida do outro lado da linha.

— Boa noite, sou eu sim. Desculpe estar ligando tão tarde, mas já tomei minha decisão.

— Não, tudo bem. Nós corretores trabalhamos vinte e quatro horas por dia. — Ouvi seu sorriso. — E então? Decidiu sobre o terreno?

— Sim, decidi — falei firme, mas minhas mãos tremiam. — Eu vou comprar o terreno onde passei minha infância.

— Ótimo. Está num preço maravilhoso, já que a casa está em ruínas. — Escutei-o soltar gritinhos de felicidade. — E as obras? Você quer que eu peça para a construtora iniciar o projeto?

— O quanto antes, por favor. — Suspirei. — Ei, Tomás, posso pedir uma última coisa?

— O que você quiser, baby.

— Não comenta nada com o Arthur sobre a construção do novo orfanato, por favor.

— Ele vai ficar furioso comigo. — Gemeu. — Mas seu pedido é uma ordem.

— Obrigada. Me avisa assim que ficar tudo pronto. Vou informar ao advogado para entrar com o processo para a abertura assim que tudo estiver pronto. Só espero que o Arthur me perdoe por ir embora.

— Minha linda, você é um anjo pelo que está fazendo. — Suspirou. — Eu tenho certeza que ele irá te perdoar, mas tenho mais certeza ainda que se você pedir, ele irá com você.

— Eu nunca pediria isso a ele — resmunguei.

— Eu sei, eu sei — disse, exasperado. — Então, docinho, me deixe trabalhar, que quero essa obra pronta antes do Natal.

— Obrigada, Tomás. Boa noite.

— Boa noite, princesa.

Tomás se tornou um grande amigo nessa última semana. Além disso, ajudou-me a vender a casa do Rafael por um preço muito acima do que eu esperava. Em um almoço contei minha história para ele, e em meio às lágrimas me disse que a casa onde morei estava a venda pela metade do preço da que vendi. Pedi que mantivesse segredo até ter certeza que realmente estava à venda. Eu já estava com a ideia de abrir um orfanato, e quando o advogado me mostrou a pequena fortuna que o seguro estava me pagando pela morte do Rafael, não tive dúvidas que queria fazer algo a respeito.

Sentei no sofá, esperando o Arthur chegar. Havia tomado essa decisão há

algum tempo, mas não tinha coragem de falar para ele. Sabia que o magoaria, mas era uma coisa que eu precisava fazer. Eu devia isso ao mundo. Devia isso a mim. Eu não conseguia dar a ele o relacionamento que tanto queria. Casamento, filhos, não conseguia. Precisava deixá-lo seguir a vida dele. Apesar de estar apaixonada por ele, precisava que fosse feliz, e ele só seria se encontrasse uma mulher que o deixasse completo.

Machucaria, mas teria que deixá-lo ir.



Como nos cinco dias anteriores, eu estava na sala do delegado colhendo informações sobre o paradeiro da irmã da Sabrina. Meu tempo ali era limitado, então ligava para algumas Ninas cujos números batiam com a sequência que encontramos na antiga casa abandonada das meninas. Eram centenas cadastradas só na nossa região. Sem contar que ela podia ter ido para outro estado, país ou continente, e nossas buscas ficariam mais difíceis. Marcamos dois encontros na semana passada, porém ao chegar percebemos que uma delas era mais velha que a Sabrina e a outra, que a fez chorar por realmente achar que era a irmã perdida, não passava de uma golpista.

— Alô? — Ouvi a voz de um homem e minhas esperanças caíram de 5 para 1.

— Bom dia. Eu poderia falar com a Nina, por favor? — Mantive a voz firme, porém amigável.

— Ela não quer falar com ninguém — respondeu rudemente.

— Você poderia falar que é de extrema importância? — insisti antes que o cara desligasse o telefone.

— Olhe só, cara. Você deve ser só mais um daqueles merdinhas que acham que só porque ela é famosa tem que falar com todo mundo da imprensa, não é mesmo?

— Não, eu não sou da imprensa — falei rápido.

— Então é pior que isso. Deve ser um fã obcecado pela beleza estonteante da Nina Prior. — Ele parou de falar e ouvi uma voz feminina sussurrando. — Deixe minha irmã em paz — concluiu.

— Eu conheço a irmã dela.

Não sei bem o motivo de ter revelado a informação antes de saber se era ou não possível estar falando com a Nina certa, mas meu coração dizia que isso faria aquele cara me escutar e termos uma conversa civilizada.

— Minha irmã não tem outros irmãos. — Ele riu da minha cara antes de continuar. — É dinheiro que você quer? Me deixe adivinhar. Você vai pedir um resgate pela irmã dela, não é? — Outra risada, seguida de murmúrios. — Vá se foder, cara.

— Pergunte a ela sobre a Sabrina — comecei. Já estava de saco cheio

desse imbecil. — Por favor, pergunte se ela foi adotada aos cinco anos e se tem uma irmã chamada Sabrina. Por favor, cara — supliquei. — Eu preciso saber se é a Nina certa.

— Não, não é a Nina certa — ele gritou. — Deixe minha irmã em paz. — E desligou o telefone.

Se era ou não a Nina certa, esse cara era um idiota. O que custava perguntar para a irmã dele se conhecia alguma Sabrina? Ela poderia ter sido adotada e o menino não saber. Que merda. Cara babaca.

Digitei o nome Nina Prior no Google e dezenas de fotos de uma cantora conhecida pularam na tela.

Entrei no Wikipedia e imprimi a pesquisa sobre a cantora de 21 anos com voz de anjo. Iria analisar as informações quando estivesse no hospital. Já estava quase na hora do delegado voltar do intervalo e não queria atrapalhar o trabalho dele.

— Arthur, achei que já tinha ido. — Falando no diabo. — Que papéis são esses?

— Já estou de saída. — Peguei as folhas da impressora e entreguei a ele. — São informações sobre uma possível Nina.

— Nina Prior? — perguntou com entusiasmo. — Nina Prior pode ser a irmã da sua namorada?

— Você a conhece?

— Você não? — Neguei com a cabeça. — Ela é uma cantora. Minha filha, a Maitê, tem adoração por ela. Escutas as músicas dela desde que era menina.

Ele devolveu os papéis, foi até sua mesa e digitou alguma coisa no computador. Não demorou muito até uma melodia agradável de um violão começar a tocar.

— Essa é minha favorita. Conta a história de uma menina e seu irmão, que enfrentaram tantas coisas e mesmo assim continuaram juntos. É antiquinha, mas muito boa.

— Ela canta muito bem— sussurrei, não querendo interromper a música.

Fiquei escutando a voz harmoniosa de uma adolescente que sabia muito bem o que estava fazendo. O violão era tocado sem pudor e nenhum outro instrumento auxiliava. Mesmo não sendo um grande conhecedor de música, podia jurar que a voz dela e o violão eram as únicas ferramentas que precisava para ganhar o mundo.

— Ela vai fazer um show aqui na cidade. — Desligou a música e contornou a mesa. — Vocês deveriam ir. — Abriu a porta da sala, um sinal claro de que estava na minha hora. — Mas precisa comprar os ingressos o quanto

antes. A Maitê disse que está quase esgotado.

Assenti com a cabeça e saí da sala com o celular em mãos, finalizando a compra de dois ingressos para um show que aconteceria na próxima semana. Não falaria nada para a Sabrina. Não queria magoá-la dando falsas esperanças sobre a irmã ser uma cantora famosa, mas meu coração pulava feliz com uma certeza que não cabia nele.

Saí da delegacia rumo ao hospital. Baixei a playlist da Nina Prior no Spotify e fui escutando cada uma das músicas. Eram especiais, sem dúvida alguma. Cada canção contava um pedaço de uma vida, uma história, uma harmonia, e dava alegria e tristeza ao mesmo tempo.

Quando cheguei ao quarto do André, Seu Paulo já esperava na porta para deixar a filha com a Sabrina e ir trabalhar. Ele estava esgotado, era perceptível. Os ombros dele estavam caídos e olheiras roxas estavam fixas embaixo dos olhos. Seu corpo estava encurvado, sinal claro de cansaço.

— A Sabrina me perguntou se o senhor pode deixar a Cíntia dormir lá em casa este final de semana — falei antes de ele sair. — Ela vai fazer um jantar com algumas amigas — menti. — Então, se o senhor quiser, posso passar a noite aqui e você pode descansar um pouco.

— Não precisa, meu filho. — Me abraçou. — Eu te conheço, Arthur. Você me observou dos pés à cabeça quando chegou ao quarto. Eu estou cansado, mas dou conta.

— Mas não precisa. — Tirei meu casaco e coloquei na cadeira. — Vocês não estão sozinhos. A Sabrina ama a Cíntia e é perceptível o quanto sua filha gosta dela também. Deixe as duas ficarem mais um tempo juntas. E de quebra o senhor descansa um pouco.

— Não sei. Eu sinto que estou me afastando da minha filha. Se eu perder o André... — Ele secou algumas lágrimas que caíram. — Eu vou aceitar. A Cíntia pode ficar com a Sabrina este final de semana. Obrigado, Arthur.

Balancei a cabeça, negando o agradecimento, enquanto ele deixava o quarto. Ele faria o mesmo por mim.

Sentei na cadeira ao lado da cama do André e liguei a playlist da minha possível cunhada. Coloquei um fone no ouvido do meu amigo e o outro em mim. Passamos a tarde ouvindo as músicas ritmadas pelos acordes do violão.

Analisei as informações que peguei no Wikipedia sobre a menina e nada constatava sobre uma adoção. Falava sobre um acidente envolvendo o pai e o irmão, cujo somente o mais novo saiu vivo. Ela começou a cantar desde os dez anos e nunca mais parou. Também fez parceria com alguns nomes mundialmente famosos. Nada sobre relacionamentos. O irmão, que era mais velho, ficou responsável pela carreira dela após a morte do pai.

Estava lendo sobre as músicas dela quando uma melodia triste começou a tocar e uma súbita vontade de chorar fez meu peito acelerar. Quando os versos começaram a ganhar sentido, minha visão ficou turva e tive certeza que Nina Prior era a pessoa que estávamos procurando.

*Eu te procurei
(Nina Prior)*

*Lembro bem de toda nossa dor
Apesar da minha pouca idade
De olhar em seus olhos
E enxergar o amor
Onde só havia a maldade
Eu te procurei, irmã. Procurei em todos os rostos
E me perdia nas lágrimas
Pra não odiar o mundo
O mundo que nos separou
Olhando a chuva bater na janela
Buscando consolo em outros abraços
Abraços de quem também me amou
Buscaram uma filha e dei isso a eles
Mas meu pensamento estava em outro lugar
Eu te procurei
Oh, Deus. Como eu te procurei
E encontrei apenas vestígios
Vestígios do quanto você me faz falta
Oh, Deus. Eu te procurei, irmã
E nada mais fazia sentido
Porque você não estava ali
Oh, Deus. Você não estava mais ali
Oh oh Deus Oh oh
Eu te procurei, irmã
Procurei em todos os rostos
E me perdia nas lágrimas
Pra não odiar o mundo
O mundo que nos separou
Eu juro, irmã. Que o dia em que te encontrar
Será o melhor dia das nossas vidas
Eu juro, irmã. Que nosso amor ainda está bem vivo*

E o mundo está de prova



— E então, pequena, decidiu?

Olhei para Cíntia, que encarava cada doce da vitrine com uma devoção única.

— Tem certeza que só posso escolher um? — Me encarou com os olhos suplicantes. — Todos parecem tão gostosos. É difícil escolher.

— Não adianta me olhar assim. — Ela sorriu de canto. — Esse joguinho de menina meiga me enganou na semana passada, mas agora já conheço seus truques.

Ela me abraçou, rindo, e eu me desmanchei. *Droga.*

— Escolha dois, um para agora e outro para depois do jantar.

— Eu vou querer aquele, rosa de unicórnio e o azul com chocolate. — Ela apontou animada de um doce para outro, sorrindo vitoriosa para a balconista, que piscou com cumplicidade.

— Você quer um suco para acompanhar?

Ela assentiu, devorando o doce rosado e deixando a boca lambuzada.

— Sua filha é uma garotinha muito linda.

A moça do caixa sorriu para Cíntia, enquanto passava meu cartão.

— Ela não é...

— Minha mãe também é.

A menina passou por mim, pegando a sacolinha da minha mão.

Eu sorri para a atendente, que assentiu, olhando de mim para a menina, e saímos da loja para a rua cheia de gente no centro da cidade.

— Por que você mentiu sobre eu ser sua mãe? — perguntei quando estávamos fora do alcance das outras pessoas.

— Eu não menti, só omiti. — Ela olhou para mim e segurou minha mão. — Minha mãe era muito bonita, assim como você.

— Obrigada — sussurrei, e voltamos a andar.

— Eu queria que você fosse minha mãe. — Cíntia olhava para um ponto fixo enquanto caminhávamos. — Eu lembro pouco dela, e cada dia que passa, esqueço um pouco mais sobre como era, sua voz, as coisas que fazia.

— Seria uma honra ser mãe de uma garotinha igual a você.

Ela me encarou e vi um brilho em seus olhinhos. Meu coração se

apertou.

Fazia apenas uma semana que nos conhecíamos, mas já sentia como se ela fosse parte de mim. Meu coração se quebrou mais um pouco quando lembrei que teria que deixá-la para trás quando fosse embora em menos de trinta dias. Eu queria deixar minha marca nela para que soubesse que era amada e que eu nunca a abandonaria, só iríamos morar longe.

— Se o Arthur não estivesse tão apaixonado por você, eu iria apresentar você ao meu irmão quando ele acordasse.

Voltamos a andar, e o sorriso no rosto dela estava lá para lembrar que a menina espirituosa e com a língua afiada estava de volta.

— Mas seu irmão já tem namorada.

— É. Mas ela é um porre. — Suspirou. Às vezes me esquecia da sua pouca idade. — Eles só namoram porque ela é filha do chefe dele.

— Que coisa mais horrível de se dizer — repreendi-a. — Eu vi quando ela foi ao hospital. Ela chorou vendo seu irmão, então deve ter algum sentimento por ele.

— Pode ser. — Deu de ombros. — Mas meu irmão não gosta dela. Ouvi-o dizer ao Arthur que só não termina com ela porque senão ela faria um escândalo. E ela não gosta de mim. Ela é uma biscate, já a vi dando em cima de outros policiais no churrasco.

— Cíntia — ralhei.

— Mas é verdade, ué. — Soltou minhas mãos, correndo para uma vitrine. — Olha essa camisa! Você não acha que é a cara do tio Arthur? — Ela apontou para um manequim. — Estou muito ansiosa para vocês me darem um sobrinho.

Olhei a camiseta que ela apontava e a estampa colorida dizia a frase: Para um Super Pai, com o símbolo do Superman. Meu coração se encheu de dor e ficou difícil respirar. Segurei a mão da Cíntia e caminhamos em silêncio até o apartamento. Ela percebeu que fiquei chateada e não fez mais nenhum comentário.

Tranquei a porta da frente e fui ao banheiro chorar. Eu amava o Arthur, então, por que estava indo embora? A resposta era óbvia, e deixei as lágrimas caírem sem pudor. Liguei o chuveiro para não assustar a Cíntia. Meu peito estava apertado, e cada vez que repensava as decisões que havia tomado, meu coração se feria mais um pouco.

— Sabrina. — Cíntia bateu na porta. — Dona Claudete chegou.

— Tá bom, querida — tentei falar com a voz normal, mas saiu engasgada. — Por que não vai tomar um banho e descansar um pouco? Eu te chamo quando o jantar estiver pronto.

— Você está bem?

Me senti um lixo por deixá-la preocupada.

— Estou sim. Só me engasguei com alguma coisa.

Quando ouvi a porta do quarto fechar, abri a do banheiro e saí dando de encontro com a senhora me encarando com os braços cruzados.

— Eu já passei por isso — ela falou, abraçando-me. — Sei que não engasgou. E a menina é esperta o suficiente para saber que você é uma mentirosa.

— Senti saudades — falei, mudando de assunto. — Vamos fazer o jantar?

— Me conta o que aconteceu, filha. — Ela enrolou meus cabelos, olhando em meus olhos. — Eu conheço você. Não está tudo bem.

— Eu só... — Puxei-a para a sala para a Cíntia não ouvir nossa conversa. — Eu tomei uma decisão e está machucando muito.

Abracei-a enquanto sentávamos no sofá.

— Se essa decisão machuca, por que a escolheu?

— Porque eu não consigo mais fingir que está tudo bem — desabafei, chorando nos braços dela. — Eu não consigo mais. O Arthur merece ser feliz por inteiro, e eu não consigo dar isso a ele.

— Mas vocês parecem tão felizes juntos. — Ela se afastou para me olhar nos olhos. — Eu vejo vocês juntos e o quanto você parece feliz ao lado dele. O quanto você está feliz.

— É tudo mentira — sussurrei. Minha garganta estava se fechando. — Eu amo o Arthur e achei que esse amor poderia suprir minhas dores. Mas eu acordo no meio da noite e, antes de perceber que é ele ao meu lado, tenho vontade de morrer. — Ela me encarava com os olhos marejados. — Nós estamos morando juntos e dormindo na mesma cama. Eu sinto que ele tem desejos, e não consigo retribuir, porque tenho medo de me machucar.

— Eu tenho certeza que ele entende. — Acariciou meu rosto.

— Eu sei que ele entende. Mas, até quando? — Levantei-me, sentindo minhas pernas trêmulas. — Uma hora eu vou ceder a esses desejos dele. E se eu me machucar? E depois? Eu nunca mais vou conseguir olhar pra ele da mesma forma.

— Minha filha, não tem como você saber.

— Eu já tomei a decisão.

Ela levantou e me abraçou.

— Vou embora no próximo mês. Usei o dinheiro da venda da casa e do seguro para comprar o terreno onde cresci. Já estão construindo um orfanato lá.

— Sabrina. — Ela me encarou, incrédula. — E você não iria nos contar nada?

— Eu ia contar. Mas todas as vezes perdia a coragem.

— E a menina? A Cíntia? Ela vai sofrer tanto.

— Eu não vou abandonar vocês. Muito menos ela — falei rapidamente.

— Eu amo essa menina como se fosse minha filha. Só ficarei afastada por um tempo. Mas logo...

— Você não pode me abandonar também. — Cíntia abriu a porta do quarto aos prantos. — Você não pode ir embora.

— Querida, eu...

Tentei abraçá-la, mas ela se afastou chorando.

— Não. Você vai me abandonar, igual todo mundo da minha família. Igual minha mãe — gritou enquanto corria.

Abriu a porta da frente e entrou no elevador antes que eu conseguisse alcançá-la.

— Cíntia — gritei, esmurando a porta do elevador. — Droga.

Corri para a escada de emergência, levando dois minutos para chegar na recepção. Maldito prédio enorme. Estava ofegante quando alcancei o porteiro, que fez sinal para que não falasse nada e apontou para trás do balcão. Contornei o mesmo, encontrando a Cíntia de olhos fechados, chorando muito. A visão me fez chorar ainda mais.

— Oh, Deus. — Eu a abracei, aninhando-a entre meus braços. — Eu prometo nunca te abandonar. Prometo.

— Você é uma mentirosa — ela gritou, tentando se afastar de mim. — Eu ouvi toda a conversa. Você falou que vai embora daqui, e que vai sair das nossas vidas. Você é uma covarde. — Chorou, debatendo-se.

— Vamos subir. — Chorei. — Vou explicar tudo a você. Por favor, Cíntia.

— Não — gritou. — Eu quero ir para minha casa. Você não precisa mais cuidar de mim. — Consegui se soltar e voltou para debaixo do balcão. — Vou achar outra babá. Uma que não vai me abandonar.

Ela cruzou os bracinhos em frente ao corpo e apoiou a cabeça neles.

— Por favor — supliquei.

— Vai embora — gritou, sem levantar a cabeça. — Já liguei pro meu pai. Ele está vindo me buscar.

— Me deixe explicar, por favor.

— Sabrina, o que aconteceu? — O pai dela entrou correndo na portaria.

— Pai. — Cíntia correu para os braços dele. — Me tira daqui. Me leva pra casa. — Ela chorava muito em seus braços.

— O que aconteceu? — começou, furioso. — Alguém te machucou, princesa? — Me encarava, enquanto eu chorava.

— Não. A Sabrina vai embora. Não quero mais ficar com ela — disse, fungando. — Me leva pra casa.

— Por favor, me deixe explicar, querida. Não vou abandonar você.

Seu Paulo me olhava com pena.

— Vou conversar com ela. Se quiser, liga mais tarde para saber como ela está — falou, saindo do prédio.

Eu assenti, enquanto os dois iam embora. Cíntia me olhou de relance com os olhos cheios de lágrimas e senti um pedaço de mim se desfazendo. Eu a magoei. Deixei-a triste e com raiva de mim. Voltei para a escadaria e comecei a subir para o apartamento. Talvez a dor de subir todos aqueles degraus me fizesse perceber o quão inútil eu era.

Será que o Arthur agiria assim quando eu contasse a ele?



Meu coração estava apertado, sentindo que algo estava errado. Tirei o fone do meu ouvido e deixei no ouvido do André antes de levantar. A música da Nina Prior não estava conseguindo me relaxar como na outra noite. Talvez a apreensão de ficar imaginando o que a Sabrina iria pensar quando descobrisse que encontramos sua irmã, ou não, estivesse me deixando mais tenso do que deveria.

Saí do quarto do André, deixando o celular no Spotify em cima da cama e os fones com meu amigo. Precisava respirar um pouco. Já passava das dez da noite e os corredores do hospital estavam mais cheios que de costume.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, parando uma das enfermeiras.

— Um acidente envolvendo um caminhão e três carros — disse, antes de voltar a correr.

Rezei baixinho, olhando a correria da equipe médica e pedindo a Deus para proteger todos os envolvidos. Voltei para o quarto para não ficar atrapalhando no corredor e meus olhos não podiam acreditar no que eu estava vendo. Fiquei parado, olhando meu amigo sentado na cama e sorrindo. Meu primeiro pensamento foi correr e chamar algum médico, mas talvez eu estivesse tão cansado que estava enxergando coisas. Estava com medo de me virar e perceber que era uma miragem.

— Enfermeira — gritei, não tirando os olhos dele. — Enfermeira.

— Parece que você viu um fantasma. — André riu e segurou meu celular, ainda com os fones no ouvido. — Essa menina canta muito bem.

Mal o deixei concluir a frase e corri na direção dele. Abracei-o forte para ter certeza que ele estava realmente ali. Não me importei com o que estava pensando ou se ainda não podia receber abraços. Porra, ele tinha ficado em coma por mais de um mês. Meu coração se inflou e ergui a cabeça para ter certeza novamente de que ele realmente havia acordado.

— Deus. — Doutora Letícia passou pelo quarto, parando na porta. — Chame os residentes disponíveis — gritou para ninguém em especial. — Você. — Apontou para mim. — Preciso que saia para que possamos examiná-lo.

— Você acordou, cara. — Deixei as lágrimas escorrendo. — Preciso avisar a sua família.

Ele assentiu, colocando uma das mãos na cabeça.

— Minha cabeça dói. — Ouvi sussurrar, deitando. — A música fica. — Ele puxou o celular das mãos da enfermeira, que o olhou assustada. — Ela me acordou, ela fica.

— Arthur. — Ouvi a doutora me repreender.

Deixei o quarto, enquanto alguém fechava a porta atrás de mim. Fiquei de costas, esperando apreensivo, enquanto lá dentro meu amigo que estava em coma por mais de um mês voltava para nós como se nada tivesse acontecido.

— Alô! Arthur. — Ouvi a voz do Seu Paulo antes mesmo de perceber que estava ligando para ele do telefone do hospital. — Está tudo bem? A Sabrina te ligou?

— O que aconteceu com a Sabrina? — Meu peito acelerou com a menção do nome dela.

— Não sei na verdade. A Cíntia me ligou chorando porque escutou que vocês vão se mudar e...

— Não vamos nos mudar — interrompi, sabendo o que significava o que ele havia acabado de falar.

— Me desculpe, Arthur. Eu achei que como a Sabrina estava indo embora, você iria junto.

— Não. Tudo bem. — Soltei um suspiro alto, com o coração estilhaçado. — Mas não liguei pra falar disso.

— Então...

— O André acordou.

Ouvi Seu Paulo soltar um soluço alto e começar a chorar desesperado.

— Acho melhor vocês virem pra cá. Traz a Cíntia junto, eu cuido dela.

Ele assentiu baixinho, encerrando a ligação ainda aos prantos. Fiquei parado, olhando para a porta, feliz pelo meu amigo que havia acordado depois desse tempo todo, porém com uma dor intensa no peito, porque sabia que de alguma forma tinha acabado de perder a Sabrina.

Eu queria ligar para ela e confirmar o que meu coração já sabia, mas, por outro lado, minha consciência me dizia que se fizesse isso a perderia para sempre.

Alguns minutos mais tarde, Seu Paulo chegou na recepção. Mas ainda não podíamos entrar. Nos informaram que ele precisava passar por uma série de exames antes de receber visitas. Cíntia estava em um canto, chateada, e eu queria com todas as forças ir até ela e sacudi-la até me contar o que exatamente a Sabrina havia falado, mas seu rostinho dizia que precisava de espaço para digerir tudo o que estava acontecendo. E sua mágoa tão evidente me deixava ainda mais apreensivo.

— Então. — Doutora Letícia parou na nossa frente, inexpressiva. — Seu amigo está estável, fora de perigo. — Ela passou as mãos nos ombros do Seu Paulo, que chorava muito. — Ele ficará bem. É muito forte. — Abaixou-se para ficar na altura dos olhos da Cíntia. — Seu irmão está muito bem. Conversou e riu com toda a equipe e colaborou fazendo os exames. A única coisa que dificultou foi seu celular, Arthur. — Levantou, segurando a mãozinha da Cíntia, que sorria. — Não nos deixou tirar das mãos dele para fazermos a ressonância. Tivemos que colocar umas músicas no som alto para poder acalmá-lo. Acredito que, como ele sofreu um trauma, tenha se apegado a isso, mas logo deve voltar ao normal.

— E podemos vê-lo? — Cíntia puxava o jaleco da médica. — Eu quero tanto ver meu irmão.

— Eu mando buscá-los quando ele voltar para o quarto. — Segurou as mãos do Seu Paulo. — Seu filho está bem.

— Obrigado, Doutora. — Ele a apertou. — Obrigado mesmo.

Ela sorriu e saiu. Ficamos na sala de espera. Sentia-me fraco e tentava sorrir toda vez que a Cíntia olhava para mim, mas minha cabeça estava em outro lugar.

— Faz ela mudar de ideia, tio Arthur — ela sussurrou, sentando ao meu lado. — Ela não pode ir embora. Faz ela ficar.

— Eu quero muito que ela fique. — Passei meu braço ao redor do corpinho dela, fazendo-a se escorar em mim. — Mas, se é o que ela quer, não podemos impedir.

— Mas ela vai ficar sozinha. Ninguém vai protegê-la.

— Ela já sofreu muito. — Senti meu coração apertar e respirar ficou difícil. — Nós a amamos muito, mas a escolha de ir ou ficar é dela. Mesmo que isso machuque, temos que respeitar a decisão que ela tomar.

— Mas eu não quero que ela vá pra longe.

O rosto dela estava contorcido. Cíntia estava segurando para não chorar.

— Vocês já podem ver o André. — Uma enfermeira entrou na sala.

Ficamos de pé imediatamente, seguindo-a até o quarto.

— Pequeninha! — André gritou assim que entramos no quarto. — Você parece maior. Vem aqui me dar um abraço.

Ela correu até ele, pulando na cama e o abraçando.

— Como eu senti falta desse cheirinho.

— Maninho. — Chorou.

— Você não veio me visitar — ele cobrou.

— Não me deixavam entrar — disse, ainda grudada nele.

Seu Paulo se juntou a eles, abraçando os filhos, enquanto tentava ser

forte e segurar as lágrimas.

— Deus. Meu filho.

— Eu te escutei, pai. — André soltou um soluço, ainda sorrindo. — Escutei todos. Escutava todo mundo que veio aqui, mas não conseguia responder. — Ele me olhou e jogou o celular para mim. — Até ouvir a voz desse anjo. Ela me tirou da escuridão e me fez emergir pra luz novamente.

— Você está delirando, maninho. — Cíntia ria.

— É verdade. Eu voltei à vida por causa de um anjo chamada Nina Prior. — Ele sorria, olhando para o teto. — Preciso conhecê-la e dizer que estou apaixonado.

— Se ganhar alta até a semana que vem, você pode ir junto com a gente para o show dela — falei.

Até aquele momento eu estava no canto, só observando a família unida.

— Não brinca. — Ele gargalhou. — Achei que demoraria mais de uma semana para encontrá-la, amigo.

— É o mínimo que posso fazer pelo cara que levou um tiro por mim.

— Não foi por você. — Ele parou de sorrir e abraçou a irmã. — Foi pela Sabrina.

— Como...?

— Mesmo sem conhecê-la, eu senti que precisava protegê-la. — Ele beijou o topo da cabeça da Cíntia. — E depois de conhecer, sabia que havia feito a coisa certa.

— Mas você não a conhece. — Cíntia pulou da cama, cruzando os braços.

— Ela vinha me visitar quase todos os dias. — Ele deitou na cama, franzindo a testa. — Ela foi um dos motivos que me fizeram ficar.

Balancei a cabeça concordando e deixei o quarto, sentindo meu peito acelerar. Precisava encontrar a Sabrina, dizer que não conseguiria viver sem ela e que o meu lugar era ao lado dela, seja lá onde fosse. Ela mudou meu mundo e consertou tudo o que estava quebrado dentro de mim. Como eu conseguiria deixá-la partir depois de tudo o que tinha feito na minha vida?



Estava com dificuldades para dormir, sentindo meu coração se partindo aos poucos. Dona Claudete ficou comigo até anoitecer, tentando, sem sucesso, fazer com que eu mudasse de ideia e ficasse por aqui. Cíntia estava magoada comigo e não me perdoaria. E provavelmente eu partiria o coração do Arthur.

Caminhei de um lado a outro da sala, tentando acalmar meus nervos. Meu corpo tremia e me sentia febril. Meu estômago estava pesado, com uma dor forte no abdômen, e um embrulho retorceu minhas entranhas, fazendo-me golfar. Mal consegui chegar a tempo no banheiro antes de começar uma crise de vômitos.

Não sei quanto tempo fiquei debruçada sobre o vaso, mas quando fiquei de pé, mal dei dois passos antes de ter que sentar novamente com a fraqueza em minhas pernas. Precisei me arrastar até o sofá, sentindo meu corpo pesado e trêmulo. Minha cabeça doía e sentia muito frio. Consegui sentar no sofá com muito esforço. Não consegui manter os olhos abertos por conta da tontura forte. Adormeci sentindo cada parte de mim tremendo de frio, mesmo embaixo da coberta pesada.

— Você está ardendo em febre. — Senti braços suspendendo meu corpo.
— Vou te colocar embaixo do chuveiro.

— Não. — Tentei me movimentar, abrindo os olhos com muito esforço.
— Eu tô bem.

— Não, você não está. — Arthur me carregou para o banheiro sem dificuldade nenhuma. — Consegue se manter em pé?

— Sim — sussurrei, com a cabeça no peito dele.

— Fique aqui.

Abri os olhos, procurando por ele, que me deixou sentada na beirada da banheira.

— O que você está fazendo? — perguntei grogue.

Entrei em pânico ao perceber que ele estava tirando a roupa.

— Vou colocá-la no chuveiro — disse, como se fosse óbvio. — Vou segurar você embaixo do chuveiro gelado.

— E precisa tirar suas roupas pra isso?

Tentei ficar em pé, mas a dor forte na minha barriga e pernas bambas tinham outros planos. Arthur me segurou antes que eu caísse de cara no chão.

— Vem, vamos baixar essa febre.

Ligou o chuveiro, deixando a água gelada cair em nós dois. Ele me mantinha de pé, abraçando meu corpo miúdo. Mesmo com muito frio e com a água gelada caindo sobre nós, conseguia sentir seu corpo quente em mim.

— Você está piorando. — Pegou uma toalha, sem dificuldade alguma em me segurar com um braço só. — Vou levá-la ao hospital.

— Não. Por favor, não — reclamei, trêmula, segurando-me a ele para não desabar no chão. — Me leve pro quarto. Daqui a pouco estou melhor.

— Eu não posso te perder — sussurrou, embrulhando-me na toalha, e senti falta da sua pele quente na minha. — Me deixa levá-la ao hospital.

Apoiei minha cabeça no ombro dele, sentindo outra onda de dor forte me sacudir por dentro. Assenti, dobrando meu corpo para a frente, nauseada. Ele secou meu cabelo com a toalha e deixei que me carregasse até o quarto. Acabei dormindo novamente, escutando sua voz suave me pedindo para ficar.

— Ela vai acordar daqui a pouco, não se preocupe.

Minha cabeça latejava, enquanto o cheiro de álcool invadia minhas narinas.

— Devia tê-la trazido quando a encontrei febril no sofá. — Ouvi Arthur sussurrar ao longe e senti sua mão afagar meu cabelo.

— Não se preocupe com isso agora. Ela está bem. — Uma mão tocou a minha e tive a súbita vontade de puxar. — Vou passar visita em outros quartos. Qualquer coisa é só me chamar.

Escutei a porta fechar e alguém sentar ao meu lado. Abri os olhos, encarando o teto do hospital. Aquela sensação ruim de estar sufocando, igual da outra vez, não estava aqui, assim como a dor em meu abdômen e a náusea. Virei a cabeça e olhei para o homem ao meu lado. Arthur estava de cabeça baixa e não havia percebido que eu já estava acordada. Senti meu coração pesado, e a única coisa que me veio à cabeça era o quanto eu o amava. O quanto queria ter forças o suficiente para ficar ao lado dele e retribuir toda a felicidade que merecíamos.

— Oi. — Ele me fitou.

Encarei seus olhos tristes. Eu era a culpada.

— Oi — respondi, sonolenta.

— Você está bem?

Ele levantou da cadeira e acariciou minha cabeça. O toque dele, apesar de distante, era reconfortante.

— Estou melhor. O que aconteceu?

— Você teve apendicite. — Sorriu melancólico, afastando-se. Senti falta de tê-lo por perto. — Por pouco não arrebentou dentro de você. Esses antibióticos vão ajudar a te manter bem.

— Desculpe ter te incomodando novamente. — Tentei sentar, mas minha cabeça ainda latejava. — Você voltou cedo ontem.

— O André acordou — falou, ainda distante.

— Que maravilha! Seu Paulo e a Cíntia devem estar muito felizes. Ele está bem?

— Está sim. — Ele chegou perto de mim, mas não me tocou. — Cíntia me contou que você falou que vai embora.

— Eu imaginei que ela contaria — sussurrei, sentindo uma vontade de fugir crescer dentro de mim.

— Não precisamos conversar sobre isso agora. — Ele segurou minha mão. — Mas precisamos conversar. Isso não é só sobre você.

Deixei uma lágrima cair e virei meu rosto.

— Eu me declarei pra você, disse que queria formar uma família ao seu lado. — Com uma de suas mãos, ele virou meu rosto para fitá-lo. — E eu sei que você me ama também. Eu entendo perfeitamente todos os seus medos e apoio todas as suas escolhas, mas ir embora assim sem me contar nada. — Ele se afastou, virando as costas para mim. — Você sabe o quanto isso me machuca?

— Me Desculpe. Eu ia te falar — comecei sentindo minha voz trêmula e falha. — Mas perdia a coragem todas as vezes que você me olhava daquele jeito.

— Que jeito? — Virou, encarando-me com os olhos suplicantes.

— Desse jeito. Como se eu fosse a única coisa que mantivesse você respirando.

Ele suspirou.

— Arthur, eu te amo...

— Não complica mais — ele aumentou o tom da voz. — Eu sei que você me ama, mas não é o suficiente, não é mesmo?

— Arthur, eu...

— Não, Sabrina. Eu entendo. — Ele segurou minha mão. — Eu entendo seus motivos de querer partir. Só não me faça mais acreditar que meu amor é o suficiente pra você quando na verdade já está com tudo pronto pra partir.

Ele virou de costas e saiu, deixando-me sem reação.

Eu o amava e era mais que suficiente, mas estava fodida por dentro. Como conseguiria fazê-lo feliz, sendo que não poderia me entregar por completo?

Em um pouco mais de um mês eu havia me apaixonado perdidamente por alguém que merecia mais, muito mais, do que eu poderia dar.

Deitei de lado na cama e notei um bilhete na escrivaninha ao lado. Me estiquei na cama, e mesmo sentindo meu abdômen dolorido, consegui pegar a cartinha com meu nome.

A caligrafia era do Arthur e meu coração se encheu de amor e remorso. Deixei as lágrimas caírem sem pudor.

Sabrina

Eu não sei o que faremos daqui pra frente. Não quero desistir de você e não quero que desista de si mesma. Não consigo imaginar a dor que você passou ao longo desses anos ao lado de alguém que jurou protegê-la, mas quero que saiba que tentarei fazer por você tudo o que fez por mim. Você me curou, e apesar de não admitir isso, sabe que deu um novo sentido a minha vida. Além de devolver minha alma, fez por mim mais do que imagina. Minha família e amigos estão de prova. Vou deixá-la partir agora, para que num futuro muito próximo possamos recomeçar, porque sei que sem você nada fará sentindo. E não conseguirei desistir de você.

Nesse envelope estão duas entradas de um show. O show que mudará sua vida para sempre. Encontramos sua irmã. Sua linda irmã é uma estrela, dá para acreditar? Ela tem o mesmo brilho que você. Basta vocês se reencontrarem para que esse brilho volte a iluminá-las.

Eu gostaria muito de ir com você, mas sei que se fizer, você achará que me deve alguma coisa e não partirá. E você deve fazer isso.

Vou viajar pelo mês que me resta de licença. Você pode ficar no meu apartamento até o orfanato estar pronto. (Não briga com a Claudete, eu a forcei a me contar tudo sobre sua partida).

Não esqueça o quanto eu te amo e o quanto te quero bem.

Encontre sua irmã e faça tudo o que precisa fazer para se sentir confiante novamente, porque, quando eu te reencontrar, vai ser para sempre.

Com amor,

Arthur.



Foi doloroso para mim deixar a Sabrina naquele hospital, e mais doloroso ainda escrever aquela carta, quando, na verdade, o que eu queria mesmo era conversar com ela e amá-la até que entendesse que eu a amava e que faria tudo o que estava ao meu alcance para fazê-la feliz.

Quando Dona Claudete me explicou os motivos da Sabrina ir embora, meu primeiro pensamento foi sobre o quanto eu estava sendo idiota por pensar que ela estava bem. Como eu não havia percebido o mal que estava causando toda vez que dormíamos juntos? Depois senti angústia. Eu a perderia. *Será que sou tão imbecil a ponto de perder as duas mulheres que mais amei na vida?*

— Obrigado por me deixar dormir aqui, Seu Paulo.

— Que isso, fique o tempo que precisar.

Ele jogou um travesseiro na cama enquanto eu largava uma mala no quarto do André.

— Será por uma ou duas semanas no máximo.

Ele me encarou, mas não questionou meus motivos.

— Tio Arthur! — Cíntia correu para o meu colo, abraçando-me enquanto pulava. — Você vai morar com a gente?

— Por pouco tempo. — Beije o topo da cabecinha dela.

— E a Sabrina? Ela vem morar aqui também? — Me olhou com os olhos arregalados, esperançosa.

— Não, querida. — Coloquei-a no chão. — Ela vai ficar no meu apartamento.

— Mas, por quê? Você também ficou triste porque ela vai embora e a abandonou? — Seu Paulo a pegou no colo. — Todo mundo a abandona. Eu me arrependi de ter fugido. Você também vai.

— Vamos pra cama, bonequinha. — Cíntia bocejou no colo do pai. — Amanhã você conversa mais com o tio Arthur.

— Tio Arthur. — Encarei-a. Ela parecia sonolenta. — Não abandona a Sabrina. Ela ama você. Ela só não está bem.

Assenti com a cabeça, enquanto os dois deixavam o quarto. Eu não a abandonaria jamais. Eu a amava. Só estava dando um tempo para ela se sentir mais confortável. Depois voltaria e mostraria de todas as formas possíveis que o

lugar dela é ao meu lado.

Fazia dois dias desde que tinha deixado a Sabrina no hospital. Saí do apartamento quando Dona Claudete me avisou que ela havia ganhado alta. Era duro saber que ela podia estar precisando de mim e eu não estava lá para ajudar. Ela precisava de tempo para entender que nosso lugar era nos braços um do outro, e eu daria isso a ela. Nunca a abandonaria, mas ela precisava de espaço, e eu precisava dela.

Depois de muito virar e desvirar na cama do André, o sono começou a pesar e imagens de um sonho começaram a tomar forma. Eram como lembranças.

Jaqueline estava sentada em uma mesa, linda, seu sorriso me fazendo sentir feliz, como sempre. Sua gargalhada reverberou e meu estômago parecia cheio de borboletas. Ela estava acompanhada de outra mulher, e mesmo de costas, sabia que era a Sabrina. As duas sorriam e gargalhavam por motivos bobos. Tentei me aproximar, mas parei quando a Jaqueline me olhou de canto, repreendendo-me, como sempre fazia antes de me beijar e dizer que era brincadeira. Mas, ao invés de fazer isso, encarou a Sabrina, que chorava emocionada. Ela então levantou, acariciou a barriga de gestante e o ar faltou dos meus pulmões. Sabrina a abraçou e tocou carinhosamente a barriga de Jaqueline, que carregava meu filho. A mulher e o filho que eu perdi. Sabrina se levantou e caminhou até mim com os olhos cheios de lágrimas, emocionada e triste.

— É uma menina. — Ela acariciou minha bochecha com amor. — Vamos chamá-la de Sophia. — Então virou de costas.

Eu queria correr, abraçá-la e dizer que ficaria tudo bem, mas minhas pernas estavam presas e braços seguravam meus ombros, forçando-me para trás, até cair na cama novamente.

— Não se preocupe, Arthur. — Jaqueline estava deitada ao meu lado. — A Sabrina ficará bem.

— Jaque, eu sinto muito. — Comecei a chorar, tocando na barriga dela, sentindo nossa filhinha chutar. — Eu amo você. Amo muito. Você precisa me perdoar.

— Shh. — Colocou a mão em cima da minha. — Você não precisa do meu perdão. — Senti mais chutes. — Nossa filha vai ficar bem. Sabrina será uma mãe incrível para ela.

— Como...?

Senti o toque dela em meu rosto e fechei os olhos, lembrando o quanto senti saudades.

— Obrigada por me amar — ela sussurrou. — Você foi mais que suficiente pra mim e vai ser mais que suficiente pra ela. Não a deixe esquecer o quanto ela te ama.

— Ela está partindo — choraminguei. — Eu a amo, e ela está partindo.

— Siga seu coração, Arthur. Você sempre fez tudo seguindo o que seu coração dizia pra fazer. — Balancei a cabeça, concordando. — Não a deixe partir, ou junte-se a ela. — Levantou meu rosto para encarar o seu. — Você é tão especial, meu amor. Vai ser um pai incrível. — Fechei os olhos, deixando algumas lágrimas rolares, sentindo minha menininha chutando a barriga dela. — Você precisa acordar. — Ela beijou minha bochecha. — Ela é uma garota muito especial. — A imagem de Sabrina me veio à mente. — Faça ela feliz e você será eternamente feliz. Amo você.

Meus olhos foram pesando enquanto ela sussurrava. As batidas do coração dela e os chutes do neném me fizeram adormecer calmamente.

Sabia que quando abrisse os olhos a Jaque e minha filhinha não estariam mais ali. Uma dor passou em meu peito, mas algo o acalmou, como se soubesse que tudo ficaria bem.

Abri os olhos lentamente e me vi no quarto do meu amigo. As lágrimas continuaram caindo quando percebi que ela não estava mais aqui. Seu cheiro ainda estava no ar. O despertar me trouxe um sentimento de paz, alívio, e uma felicidade se instalou no meu peito, fazendo-me sorrir e chorar ao mesmo tempo. O nome Sophia pairou no ar e os rostos da Jaqueline e da Sabrina sorrindo me fizeram acreditar que eu tive a sorte grande de ter conhecido dois amores em uma vida tão curta.

Olhei o relógio, que marcava oito horas. O sonho, apesar de curto, durou a noite toda. Levantei calmamente, ainda sentindo o toque da minha ex-mulher. A cada passo que dava pelo quarto, mais certeza eu tinha do que fazer dali por diante.

Peguei meu celular no criado mudo e uma mensagem da Dona Claudete informando que a Sabrina estava bem apareceu na tela. Sorri satisfeito e disquei um número bem conhecido.

— Alô, Arthur.

— Delegado.

— Está tudo bem? — perguntou, e o escutei bocejar.

— Está sim. Eu só queria informar que estou pedindo minha dispensa.



— Está pronta, bonitinha? — Dona Claudete me chamou, escorada na porta.

Fazia uma semana desde que tinha voltado para o apartamento do Arthur. Uma semana desde que ele tinha escrito a carta que mudou tudo em mim. Eu estava disposta a tentar uma vida ao lado dele, e para isso, desde que ele tinha me deixado naquele hospital pensando que nunca mais o veria, comecei a fazer terapia para reaver minha confiança nas pessoas, para enfim tê-lo e me entregar por completo. E se não fosse pela minha ex-vizinha, não sei se já não teria ido embora ou atrás dele.

— Estou — respondi, sorrindo. — Estou tão nervosa. Parece que meu coração vai sair pela boca.

— Eu sei, querida. — Ela veio até mim e afagou meus cabelos.

— E pode ser que ela nem seja minha irmã. — Olhei-me no espelho. — Eu vi algumas fotos de shows dessa Nina e não parece com minha irmãzinha.

— Você só vai descobrir quando a vir de verdade. — Ela sorriu docemente e segurou em minhas mãos. — Agora, dá uma voltinha. — Ergueu minha mão, girando-me. — Você está muito linda, minha querida.

— Obrigada — agradei, envergonhada. — A senhora tem certeza que não quer me acompanhar? — Caminhamos até a porta. — É difícil frequentar lugares abarrotados de pessoas sem conhecer ninguém, e o Arthur deixou um ingresso a mais. Não quero jogar fora.

— Tenho certeza que não quero. — Abriu a porta. — Sou velha demais para shows. E não jogue o ingresso fora, leve com você. Vai que encontra algum fã pelo caminho que não conseguiu ingresso a tempo?

— A senhora tem razão. — Suspirei, derrotada.

— Lembra o que o Doutor Duarte falou?

— Encontre um lugar seguro dentro de si mesma — falei alto, revirando os olhos. — Não faz sentido algum.

— Só vai fazer sentido quando precisar usar.

Dei um beijo em sua bochecha antes de ela fechar a porta e eu descer para pegar o Uber, que já estava a minha espera. Levou quase quarenta minutos para chegarmos à casa de shows no centro da cidade.

A fila para entrar estava enorme. Fãs animados traziam cartazes com declarações, e enquanto caminhava para a próxima quadra, onde estava o final da fila, ouvi muitas pessoas entoando canções que eu acreditava serem da Nina.

— Está sozinha, gatinha? — Alguém segurou meu braço. — Quer companhia para assistir ao show, gracinha?

Dei dois passos pra trás, com medo, não conseguindo responder.

— Ei, Thomas, deixe a menina em paz. — Outro cara chegou.

Agradei-o mentalmente quando tirou as mãos do amigo, que apertavam o meu braço.

— Me deixa, Gustavo — falou, irritado. Sua voz embriagada dizia que já havia bebido o suficiente. — Eu e essa gracinha estávamos nos divertindo.

— Me desculpe pelo meu amigo. Ele está chapado. — O rapaz chamado Gustavo estendeu a mão para me cumprimentar. — Mas se quiser nos acompanhar durante o show, prometo que ele não irá incomodar novamente.

— Obrigada, mas estou esperando meu namorado — sussurrei trêmula.

Ele me encarou e se afastou depois de assentir.

O tempo que demorou para a fila andar até a porta foi o tempo que levei para me acalmar. Faltavam cinco pessoas na minha frente. Meu coração saltava acelerado e minhas mãos trêmulas estavam suadas.

Um banner gigante estava exposto na frente da porta e a foto da cantora sorridente segurando um violão me deixou em êxtase. *Por favor, seja minha irmã, seja minha Nina.*

— Próximo — um segurança gritou, e me aproximei. — Ingresso. — Ele estava sério.

O segurança chamou uma mulher e ela começou uma revista em minhas roupas, enquanto outra pessoa olhava minha bolsa.

— Abre as pernas, por favor — a mulher falou e obedeci.

Ela passou as mãos por minhas pernas, subindo, para ver se não escondia nada em minha calça.

— Como eu queria ser essas mãos. — Ouvi o comentário seguido de um assovio.

— Desculpa, são procedimentos — a mulher disse, passando conforto com o olhar. — Liberada.

— Obrigada. Você poderia deixar esse e ingresso na bilheteria caso alguém apareça de última hora tentando comprar?

Ela me olhou, a princípio sem entender, mas pegou o ingresso e se dirigiu à bilheteria.

Constrangida, entrei no lugar, admirada com o quão grande era. Tinha mesinhas perto do bar, onde muitos já bebiam. Procurei um lugar o mais rápido

possível e o mais longe que encontrei das pessoas que estavam bebendo. Não queria que nada estragasse esse momento.

As luzes se apagaram e as pessoas começaram a gritar. Os que estavam segurando os cartazes correram para perto do palco. Alguns gritavam o nome Nina, outros choravam, e sorri por dentro com orgulho.

— Peço a todos que se mantenham sentados para que todas as pessoas possam apreciar o show. — A voz de um homem chamou a atenção no autofalante.

Os que levantaram soltaram um uníssono “Ahhhh”, mas respeitaram.

— Você bebê alguma coisa? — Uma garçonete apareceu ao meu lado, e saiu em seguida quando neguei com a cabeça.

Algumas pessoas rodeavam as mesas, conversando e bebendo enquanto curtiam o som de um DJ. Arthur veio a minha mente e um vazio se instalou em meu peito. Eu queria que ele estivesse aqui comigo, seria meu apoio e meu abrigo, mas entendia o motivo de me deixar fazer isso sem ele.

— Dois minutos — O DJ anunciou.

Meu peito deu um salto.

Sem me importar com o que haviam avisado de que todos deveriam estar sentados, andei entre as mesas, procurando um banco mais próximo do palco. Achei um lugar e sentei sem olhar para os lados. Era bem perto do palco e conseguiria ver minha irmã perfeitamente. Se ela me reconhecesse, conseguiria me ver dali.

— Ora, ora. — Um homem pigarreou do outro lado da mesa. — Se não é a gracinha.

Ignorei o comentário dele, sabendo que era o mesmo cara embriagado de antes.

— Veio terminar o que começamos lá fora?

— Com vocês, Nina Prior — alguém chamou do palco.

Vi o vislumbre de uma mulher, não uma menininha, entrando no palco.

— Você quer sentar no meu colo, gracinha?

Senti as mãos do cara em minha cintura, puxando-me para o colo dele, e o empurrei com força, enquanto sentia meu coração sair pela boca.

— Obrigada a todos por virem esta noite — a mulher começou, com a voz melodiosa. — É um prazer cantar para vocês.

Olhei o lindo rosto dele e senti meus olhos molhados.

— Ei, não precisa chorar, gracinha. — O cara continuava investindo contra mim, mesmo eu tentando me afastar.

— Esta primeira música — continuou começando a dedilhar seu violão — é a mais especial pra mim. Fala sobre meu passado e o quanto sinto falta dele.

Ouvi o urro dos fãs, enquanto tentava sair dos braços do bêbado que insistia em me segurar. As pessoas estavam tão absortas com a cantora em cima do palco que não prestavam atenção no cara que estava me incomodando.

— Nunca esqueci — a voz suave da Nina invadiu o recinto — das nossas risadas e conversas quando em seus braços adormeci.

— Me solta. — Empurrei o homem, tentando prestar atenção na Nina.

— Não foge. Vem aqui. Deixa-me dar um beijinho em você.

Ele me segurou com mais força e o ar começou a faltar nos meus pulmões.

— Larga ela agora. — Ouvi alguém gritar.

Depois disso, foi um misto de murmúrios e confusão. Arthur se aproximou, segurando-me pelo braço e me tirando das mãos daquele filho da puta. Olhou para mim cheio de dor e virou o rosto cheio de ódio para o cara que levantou cambaleando. Olhei ao redor e todos no ambiente acompanhavam a briga que havia começado. Arthur desferiu um soco, acertando em cheio o homem, que não caiu no chão porque seus amigos o seguraram, reclamando.

— Sabrina?

Olhei para o palco e percebi que a música havia parado. A cantora estava de pé na frente do palco.

Nessa hora eu tive certeza que era minha irmã. Ela me encarou com o semblante cheio de dor e dúvida. Eu queria me aproximar e gritar ao mundo que a havia encontrado, mas ela apenas negou com a cabeça e correu para fora do palco, para longe de mim. Caí de joelhos no chão, chorando. Encontrei minha irmã e estraguei tudo. Senti os braços do Arthur ao meu redor, amparando-me, antes dos seguranças pedirem para sairmos.

— Você está bem? — Ouvi Arthur perguntar.

Neguei com a cabeça.

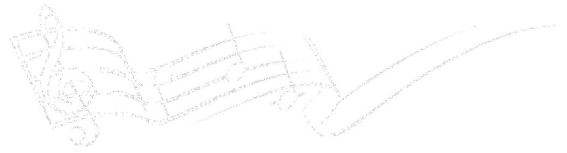
— Eu pensei que poderia não ser a minha irmã. — Chorei alto. — Mas nunca pensei que, quando a encontrasse, ela não iria querer saber de mim.

— Não fala isso. — Ele me abraçou. — Ela se assustou, só isso.

— Não. Ela me olhou com desprezo — gritei em seus braços quando chegamos ao carro dele. — Ela me odeia. Ela me odeia.

Arthur abriu a porta e eu entrei. Ele contornou o carro, parando quando alguém se aproximou. Ele sorriu para o segurança e olhou para mim alegre. Eu só pensava que minha vida não fazia mais sentido. Nada mais importava.

— Sabrina — me chamou, abrindo sua porta. — Ela quer nos ver. Sua irmã mandou nos chamar.



Ps.: Vocês leram certo.

— Nina. — Bruno segurou meu braço quando entrei no camarim. — Que merda foi aquela?

— Não quero falar agora. Me deixa sozinha, por favor — esbravejei, tentando me soltar. — Me larga.

Ele não me soltou. Ao invés disso, empurrou-me para dentro do camarim improvisado quando viu meus assistentes nos alcançando.

— Não. — Ele me soltou e eu me joguei no sofá. — Você nunca largou o palco daquele jeito. Me diz o que está acontecendo.

Meu irmão andava de um lado a outro impaciente.

— Eu a vi, Bruno.

Ele parou de andar e me encarou confuso.

— Minha irmã. Eu a vi.

— Você só pode estar de sacanagem com a minha cara.

— Não. — Fiquei de pé e fui até a penteadeira, olhando-me no espelho.

— Eu a vi no meio da multidão. — Comecei a chorar.

— Pode ser qualquer garota.

Ele me abraçou por trás, passando-me conforto.

— Eu nunca esqueceria o rosto dela. — Encarei-o pelo espelho. Ele fechou os olhos e cheirou meus cabelos, como sempre fazia. — Eu chamei o nome dela e ela me olhou nos olhos. Ela sabia quem eu era e nunca me procurou.

— Como você pode ter tanta certeza? — Ele me virou e ficamos nos encarando. — Aquela ligação há duas semanas. Será que era realmente de alguém que sabia sobre ela?

— Talvez. — Sequei as lágrimas, afastando-me. — Ou podia ser mais um aproveitador.

— Você nunca vai saber a verdade se não a deixar falar. — Ele me alcançou. — Eu mesmo posso ir até lá e averiguar a história pra você. E só a trago aqui se eu souber que ela não está querendo se aproveitar da sua fama e do seu dinheiro.

Assenti com o coração em pedaços. Se minha irmã estivesse aqui só atrás da minha fortuna seria meu fim. Depois que consegui com a ajuda do meu irmão tomar conta da minha carreira e do meu dinheiro, imediatamente comecei a procurar por Sabrina. Fomos separadas quando eu tinha apenas cinco anos e me lembrava pouco da minha infância com ela. As pequenas coisas que não esqueci, como seu rosto, sua voz protetora e o amor que sentíamos uma pela outra, me machucaram ao longo dos anos, porque ela não veio até mim, como havia prometido.

— Diva, não sei o que você vai fazer. — Dudu entrou no camarim. — Mas já tem uma porção de paparazzi na portaria louca pra saber por que o ícone Nina Prior abandonou o palco daquela maneira.

— Amiga — chamei, chorando. — Eu a encontrei.

— Chocada. — Ele veio até mim e me abraçou. — Se quiser, vou lá fora e mando todo mundo pastar, inclusive seu irmão.

— Não, bebê. Só me abraça — sussurrei. — Bruno foi até ela tentar entender o que aconteceu, por que ela me procurou só agora.

— Você tem certeza que seu irmão é a pessoa mais indicada para isso? — Ele me encarou. — Você sabe que, se fosse por ele, você estaria em uma caixinha como uma boneca de porcelana, intacta.

— Eu sei. — Ri do comentário dele. — Mas ele também me ama. E sabe o que é melhor pra mim. Eu confio nele. Se ele achar que ela está aqui por interesse, nunca vai deixar que chegue perto.

— Então teremos um problema.

Afastei-me enquanto ele arregalava os olhos.

— O que você fez, Dudu?

Ouvi murmúrios se acumulando na porta do camarim e o grito agudo do meu irmão ecoou pelas paredes finas. O som do DJ falando ao microfone, avisando que o show iria recomeçar em breve, abafou a briga que se estendia atrás da porta.

— Eu mandei um segurança chamar a Sabrina.

Olhei para ele em reprovação.

— Eu achei que estava fazendo uma coisa boa. Eu sabia a quem você se referia, e quando olhei para a direção do seu pavor e a vi com a mesma cara de dor, eu soube naquele instante quem era — concluiu rapidamente.

— Eu já disse que ela não vai receber ninguém — Bruno gritou.

— Por favor. Arthur, vamos embora, não quero arranjar problemas.

— Olha o que você fez, Dudu.

Corri até a porta para apartar a briga que se estendia.

— Não, diva. Espera, escuta o que eles irão falar. — Meu amigo segurou

meu braço de leve. — Confia em mim.

Ouvi o som do Bruno rindo com amargura.

— Você está atrás do dinheiro dela? — O ouvi gritar. — Ela estava indo muito bem sem você aqui. Depois de dezesseis anos você reaparece, deixa minha irmã em cacos, enche a entrada da casa de paparazzi loucos por um furo para destruir a carreira que a Nina construiu e deixa uma plateia enorme lá fora esperando pelo show. — Já havia escutado Bruno falar naquele tom e não tinha terminado bem. — E para quê? É dinheiro que você quer? Eu preencho um cheque bem gordinho para vocês nunca mais chegarem perto dela.

— Você não sabe o que está falando. — Outro homem entrou na conversa. — Pare de falar besteira e a deixe conversar com a irmã.

— Ah, mas não mesmo — Bruno gritou em resposta. — Onde você estava quando ela precisou de você? Por que não procurou por ela antes?

Doeu ouvi-lo gritar aquelas palavras. Se não fosse pelo som alto do DJ tocando no palco, todos ouviriam a briga.

Escorei-me na porta, sentindo meu corpo implorar pelo ar que nem sabia que estava prendendo. Deixei as lágrimas caírem sem pudor e olhei para meu amigo, que me encarava preocupado.

— Porque até pouco tempo atrás eu precisava mantê-la segura. — Ouvi minha irmã responder e meu coração se quebrar. — Eu não quero o dinheiro dela. Só preciso vê-la. Preciso escutar a voz dela e pedir perdão por não a ter procurado.

— Já escutei esse papo, garota.

— Eu não fazia ideia de onde ela estava. — Ela chorava. — Tudo bem, Arthur, eu preciso falar.

— Não precisa falar nada — Bruno gritou. — Chame a segurança e mande tirar essa vagabunda daqui.

— Não fala com ela assim. — Ouvi o homem gritar e um soco sendo desferido.

Antes mesmo de o Dudu conseguir me alcançar, abri a porta e vi meu irmão caído no chão. Ele segurava o nariz, que sangrava. Um homem alto abraçava minha irmã, que chorava muito. Fiquei parada na porta observando toda aquela cena e sem conseguir mover um músculo, sem conseguir falar nada. Olhar para o rosto da Sabrina assim tão de perto abriu feridas nunca cicatrizadas. Desabei chorando.

Meu primeiro pensamento foi socorrer meu irmão no chão, que me encarava, suplicando para não fazer nenhuma tolice, mas me vi correndo em direção ao que tanto desejei e procurei nos últimos dezesseis anos. Corri para os braços da minha irmã, e aquele aperto da saudade nos fez cair abraçadas no

chão. Seu rosto estava inchado por causa das lágrimas, e apesar dos anos sem nos vermos, eram os mesmos olhos que me encaravam com o mesmo amor de sempre.

— Nosso lugar seguro — gritei em meio às lágrimas.

— Nosso lugar seguro — respondeu ela, gaguejando de tanto chorar.



Depois que a Sabrina, chorando, acompanhou a irmã mais nova para dentro do camarim, fiquei sentado no corredor estreito com o cara que há pouco havia socado. Foram dois socos na verdade, e sinceramente não sei direito por que fiz aquilo.

O primeiro soco era justificável. Cheguei na casa de shows atrasado, queria ter encontrado a Sabrina do lado de fora e quase não consegui entrar. Por um milagre divino, um anjo deixou um ingresso na bilheteria caso alguém não conseguisse comprar.

Procurei-a por todos os lados, e depois que falaram para todos permanecerem sentados, foi mais fácil avistá-la. Foi como um ímã. Meus olhos seguiram na direção dela, enquanto ela caminhava tranquilamente até a frente do palco. Meu coração bateu acelerando, como se a visse pela primeira vez. Ela estava linda, e sua atenção estava focada para o centro do palco, onde uma luz forte iluminou um microfone. Tinha certeza do que se passava na cabeça dela, que finalmente encontraria a irmã.

Eu não queria estragar o momento mais importante da vida dela, então resolvi ficar afastado. Procurei uma mesa um pouco afastada de onde estava, e quando olhei para ela novamente, meu sangue ferveu com a percepção do que estava acontecendo. Ninguém estava olhando para ela, nem a ajudando, todos prestavam atenção para o palco onde a cantora havia começado o show. Meus instintos falaram mais alto e não pude evitar socar o babaca que estava se aproveitando dela.

Ela estava frágil, desolada, e seus olhos focaram no palco. A irmã dela tinha parado de cantar e a olhava incrédula. A percepção e a dor no olhar de ambas eram evidentes. Não pude fazer nada para ajudá-la naquele momento, e a única coisa que fiz foi abraçá-la antes dos seguranças nos tirarem de lá.

— Desculpe pelo soco. — Olhei para a frente e encarei o cara que dizia ser o outro irmão. — Eu sou o Arthur.

Estendi a mão para ele, que apenas me encarou com a sobrancelha erguida. Babaca.

— Não vou ser seu amigo — disse friamente, e deduzi que o segundo soco também era justificável. — Depois que sua namoradinha sair daqui a Nina

irá terminar o show e nunca mais nos veremos.

— Qual é o seu problema? — esbravejei. — Você não precisa gostar de mim, mas vai ter que aceitar que a Sabrina é tão irmã da Nina quanto você.

— Foda-se essa merda — começou gritando, mas baixando a voz em seguida. — Não preciso aceitar nada. Não engoli essa história de que ela não podia procurar a Nina para protegê-la.

— Você não precisa engolir merda nenhuma — falei, tentando me acalmar. — Mas, se ama sua irmã, vai aceitar a Sabrina.

— Você não sabe nada do que passamos. Não sabe o quanto eu amo a Nina. Só quero o bem dela. E essa irmã não vai ser boa pra ela.

— Como você pode ter certeza do que vai ser bom ou não pra sua irmã? — perguntei.

Ele levantou, caminhando até a cafeteira. Esse cara era um babaca controlador. Minha vontade era abrir aquela porta, pegar a Sabrina no colo e a levar para bem longe dessa gente, mas me controlei para não fazer besteira.

— A Nina e eu não somos irmãos — respondeu, voltando a sentar de frente para mim. — E eu a amo o suficiente pra saber o que é bom pra ela. O que não é o caso dessa mulherzinha que chegou só pra atrapalhar a vida da Nina.

— Vai pro inferno — esbravejei, abrindo e fechando os punhos. — Quem você pensa que é para falar assim da Sabrina? — Olhei-o furioso. — Você não sabe o que ela passou nesses últimos anos, o que precisou enfrentar para proteger sua irmã.

— Ela não é minha irmã — ele gritou. — E não me interessa. Ela não é boa o suficiente para a Nina.

— Você é um doente — disse, controlando-me para não socar a cara dele novamente.

— Ei, chega vocês dois. — Um homem se meteu no nosso meio, chamado nossa atenção. — Cada um quer o bem de uma irmã. E se continuarem gritando dessa forma, as duas não vão colocar o papo em dia.

— Foda-se.

— Escroto — sussurrei.

— Agora. — O homem me olhou de cima baixo. — Quem é o bofe?

— Que merda, Dudu — o outro gritou quando o cara sentou ao lado dele, estendendo a mão não para me cumprimentar, mas para que eu beijasse. — Não tem nada melhor pra fazer não?

— Na verdade, Bruno, o DJ está terminando a performance dele e disse que se não acertar o valor do cachê ele vai embora. — O cara, Dudu, me olhava de canto. — Se eu fosse você, iria lá pagar e pedir para ele ficar mais um pouco até que a sua irmã, digo, a Nina, esteja pronta pra recomeçar.

— Inferno.

O homem levantou rapidamente e saiu bufando. Eu realmente não tinha ido com a cara dele.

— Então, garanhão — Dudu recomeçou. — Você estava me dizendo seu nome.

— Arthur. — Segurei a mão dele e depositei um beijo. Ele me olhou espantado e sorriu docemente. — Amigo da Sabrina.

— Encantada. Sou o Dudu — falou, cruzando as pernas. — Amigo da irmã da minha diva é meu amigo.

— Qual é o problema desse cara? — Apontei na direção do homem que soquei.

— O Bruno? — desdenhou. — Ele é super protetor com tudo o que está relacionado à Nina — respondeu, checando as unhas pintadas. — Eu sei que nada justifica, mas os dois passaram por maus bocados juntos desde criança.

— É, não justifica ele ser um babaca.

Olhei em direção à porta do camarim e desejei que a Sabrina não precisasse ter contato com o idiota.

— Eu sei, gatinho. Mas não se preocupe com ele. — Levantou, sentando ao meu lado. — Me conta com detalhes como conseguiram encontrar a minha diva.

Sorri com seu jeito alegre, e quando percebi, já estava contando a história toda. Desde quando conheci a Sabrina, nossas descobertas, as superações, a viagem, a separação, tudo. Era fácil conversar com ele, que ficou atento a cada detalhe. Quando contei por cima o que a Sabrina passou nas mãos do filho da Puta do ex-marido, ele chorou, e me vi o amparando com um abraço. Se era doloroso ouvir, imagina passar por isso.

— Eu não sabia. — Bruno chegou pelo corredor. — Não imaginava que ela tinha sofrido tanto. Me desculpe, eu... — A frase ficou presa no meio, sem conseguir concluir.

— Eu sei. O mal do ser humano é julgar antes de perguntar — alfinetei.

Ele me encarou por um momento e virou as costas, indo até a porta do camarim. Eu não queria que ele atrapalhasse a conversa das duas, mas sabia que uma hora já havia passado e o compromisso da Nina precisava ser cumprido.

— Nina — chamou, batendo à porta. — O DJ vai ficar mais vinte minutos e depois disso irá nos deixar na mão. Se houve resposta, eu não ouvi. — Eu sei que vocês têm muito o que falar, mas você precisa terminar este show. Depois podemos ir para o hotel e vocês podem conversar até a hora do próximo voo.

— Para onde eles vão depois daqui? — perguntei para Dudu, que se

aproveitou do meu abraço e se escorou no meu ombro.

— Ela tem mais três shows para fazer com esta turnê. O próximo será daqui a uma semana no norte do país.

Sabrina iria ficar arrasada, mas iria entender. Finalmente tinha encontrado a irmã. E eu faria de tudo para que ela se reencontrasse consigo mesma para podermos enfim ficar juntos.



Meu coração estava que não cabia dentro do peito. Rever minha irmãzinha me deixou numa euforia tão grande que por algum tempo não consegui falar. Sentir seu abraço, seu cheiro e tocar em seu rosto me trouxeram lembranças de quando éramos crianças. Ela me olhando com aqueles olhinhos curiosos, querendo desvendar mistérios ocultados em minha alma.

Estava pronta pra explicar meu real motivo de não a ter procurado quando me tornei adulta, e meu coração dizia que superaríamos qualquer dor do passado juntas.

— Eu te amo tanto, minha irmãzinha — comecei, quando enfim consegui dizer alguma coisa —, mas eu preciso me explicar.

Ela negou com a cabeça, ainda abraçada a mim.

— Preciso sim. E quero que me escute até o final, porque, senão, não vou conseguir.

— Você não precisa se explicar. — Ela ergueu o rosto e pude lembrar a semelhança como quando criança. — O que importa é que está aqui comigo e que nunca mais vamos nos afastar.

— Eu preciso, Nina. — Abracei-a novamente. — Depois que você foi embora do orfanato — comecei —, eu me perdi. Não queria participar das atividades, não queria comer e nem brincar com as outras crianças. — Olhei para o teto, recordando. — Quando completei doze anos, o padre queria me internar no hospital, porque eu estava deprimida demais e eles não podiam fazer nada para me ajudar. — Ela arregalou os olhos. — Foi quando percebi que, se saísse daquele lugar, não teria nenhum vestígio seu, então comecei a melhorar. Fiquei lá até os dezoito, quando me casei.

— Com aquele homem que socou meu irmão? — perguntou, olhando-me.

— Não. — Sorri melancólica. — Quem me dera. O nome dele era Rafael, era alguns anos mais velho. Ele ajudava na igreja. Nos conhecemos quando ele foi levar a medição para algumas meninas que adoeceram. Foi amor à primeira vista. — Ela sorriu. — Ele parecia ser muito bom, e acreditei com todo meu coração que seria bom pra mim. Aceitei o pedido de casamento dele no nosso segundo encontro.

Seu sorriso desapareceu e um olhar de pânico se instalou em seu rosto.

— Nos casamos uma semana depois que a mãe dele morreu, e com ela ele enterrou toda a bondade que havia nele. Eu acreditava que depois de sair do orfanato conseguiria ir atrás de você. Mas depois que ele começou a me maltratar, eu percebi que não queria aquele monstro perto de você — falei rapidamente, com o choro engasgado. — Eu me mantive firme, porque quando ameaçava ir embora, ele me dizia que iria te procurar. — Ela chorava muito. — Até o último dia ele disse que sabia onde te encontrar e que eu não servia mais para ele.

— Deus. Sabrina, por que você não...

Abracei-a forte.

— Tudo bem, meu amor. — Sequei as lágrimas dela. — Agora está tudo bem. O Arthur me salvou e vem me salvando desde então. Foi ele quem te encontrou. Se não fosse por ele insistir em passar na nossa antiga casa, nunca saberia onde você estava.

— Eu iria te encontrar — ela falou, levantando-me. — Eu fui até aquela casa assim que completei dezoito anos. Deixei meu número porque o Bruno insistiu. Mantive o mesmo celular por todo esse tempo, esperando você me ligar.

— Nos encontramos. — Sorri.

— Você e o Arthur estão juntos?

— Nina. — Ouvimos alguém bater na porta. — O DJ vai ficar mais vinte minutos e depois disso irá nos deixar na mão.

Ela me olhou, sorrindo.

— Eu sei que vocês têm muito o que falar, mas você precisa terminar este show. Depois podemos ir para o hotel e vocês podem conversar até a hora do próximo voo.

— Você precisa terminar o show.

— Eu sei. Mas quero ficar o máximo de tempo com você. — Ela pegou o violão e caminhou até a porta. — Fica comigo. Fica comigo no palco. Quero te apresentar a todo mundo e dizer que a maioria das minhas canções são para você.

— Seria uma honra.

Antes de abrir a porta, ela largou o violão no canto e correu para meus braços. Estávamos em casa novamente. Nos pertencíamos ao abraço uma da outra.

Sentia-me leve, como se algo dentro de mim tivesse se aberto, e eu não deixaria nunca mais se fechar.

— Pronta? — perguntou.

— Pronta — respondi.

Ela abriu a porta, segurando minha mão. A primeira pessoa que vimos foi o cara que o Arthur socou. Ele nos encarou de boca aberta, mas não questionou mais nada. Passamos por ele, que olhou com ternura para minha irmã, a qual retribuiu com um sorriso sincero. Eles se amavam, talvez não do mesmo jeito, mas era evidente o carinho que sentiam um pelo outro.

Passamos por um corredor e meu coração saltou dentro do peito. Arthur estava conversando com um homem, nem percebendo que havíamos saído do camarim. Quando cheguei perto dele, abaixei e dei um beijo em sua bochecha, pegando-o desprevenido. Ele sorriu assim que viu quem era e segurou minha mão, depositando um beijo casto na palma. Eu o amava. Muito. E faria de tudo para ficarmos juntos.

— Dudu, peça para liberar a entrada dos paparazzi — Nina falou, segurando a mão do homem que conversava com o Arthur.

— Tem certeza, diva? — respondeu, espantado. — Eles irão cair matando em cima de você.

Ela assentiu sorrindo e ele correu para a frente da casa de shows como se um pedido da minha irmã fosse uma ordem de vida ou morte. Esperamos até a porta da frente abrir e algumas pessoas entrarem para ela subir no palco.

— Boa noite, galera — Nina começou quando alcançou o centro do palco. — Quero pedir mil desculpas por ter abandonado o show no início. Quero que saibam que iremos devolver o dinheiro dos ingressos e ressarcir qualquer dano ou constrangimento que passaram esta noite.

Os fãs aplaudiram de pé. Muitos gritavam que não era necessário, enquanto outro faziam pedidos de músicas. Lá no fundo, Dudu sinalizou para alguns seguranças conterem os paparazzi e não deixarem que interrompessem o show.

— Esta noite é muito especial pra mim — continuou minha irmã. — Esta noite Deus me devolveu minha irmã.

Muitos aplaudiram e outros cochicharam atônitos.

— Vocês sabem sobre o que minhas letras falam e agora sabem a quem se referem. — Ela veio até mim e me puxou para o centro do palco. — Quero apresentar a vocês a Sabrina, minha irmã biológica.

Algumas pessoas entoaram uma música, e pelo pouco que consegui escutar, percebi que era sobre a procura de uma irmã. Meu coração se encheu de emoção, deixando algumas lágrimas caírem, e a abracei.

Muitos flashes apareceram em seguida e senti uma mão em minha cintura, levando-me para os bastidores novamente. Nina ergueu seu violão e seguiu o ritmo da música que seus fãs cantavam. Foi a coisa mais linda que vi na vida. E ali, no fundo do palco, observando com orgulho minha linda irmãzinha

cantando com a voz melodiosa, tive certeza que havia recebido uma segunda chance de ser feliz.

*Lembro bem de toda nossa dor
Apesar da minha pouca idade
De olhar em seus olhos
E enxergar o amor
Onde só havia a maldade
Eu te procurei, irmã. Procurei em todos os rostos
E me perdia nas lágrimas
Pra não odiar o mundo
O mundo que nos separou
Olhando a chuva bater na janela
Buscando consolo em outros abraços
Abraços de quem também me amou
Buscaram uma filha e dei isso a eles
Mas meu pensamento estava em outro lugar
Eu te procurei
Oh, Deus Como eu te procurei*



— É tão bom te ver sorrindo.

Eu estava atrás da Sabrina, enquanto observávamos o show da Nina.

— Eu não sei nem por onde começar a te agradecer, Arthur.

Ela virou e me abraçou.

Uma música romântica começou a tocar e continuamos nos abraçando. Era incrível poder sentir seu cheiro e seu toque, e involuntariamente sorri com a percepção da falta que senti dela. Tudo em nós se encaixava. Como ela não enxergava isso?

— Eu ainda amo você — sussurrei no ouvido dela, sentindo-a suspirar aliviada. — E não sei como vamos fazer isso, mas não estou disposto a ficar mais tempo afastado de você.

Ela se afastou somente o suficiente para olhar em meus olhos.

— Então fique comigo — sussurrou, e voltou a me abraçar. — Eu te amo e quero ficar ao seu lado. Quero te amar, Arthur. Quero tudo o que você quer de mim e mais um pouco. Quero formar uma família com você.

Minha visão ficou turva por conta das lágrimas que se acumularam.

— Eu te amo.

Segurei a cintura dela com mais força e nos guiei, dançando ao som da música melodiosa. Era perceptível que ela havia sentido minha falta. E essa sensação de estar preenchido era magnífica.

Girei a Sabrina no ar enquanto ríamos feito bobos. Quando a desci, tomei a boca dela com a minha e a senti tremer com o beijo. Ela sorriu em meus lábios e vi o mundo ganhar cor novamente. Eu queria gritar para todos ouvirem que ela era minha e que meu coração pertencia a ela, que eu faria de tudo para fazê-la feliz.

— Mas precisamos conversar sobre minha partida. — Eu sorri, e ela me encarou pensativa. — O orfanato ficará pronto na próxima semana. Eu quero fazer dar certo. Eu li sobre relacionamentos à distância e...

— Shh. — Toquei minha testa com a dela. — Vamos falar sobre isso depois. Uma coisa de cada vez, meu amor. Aproveite sua irmã primeiro, depois conversamos sobre nosso futuro.

Ela sorriu aliviada e me beijou em seguida. Ficamos abraçados, fazendo

carícias um no outro até o show acabar. Nina precisava dar entrevista para os paparazzi e autógrafos para os fãs enlouquecidos. Eu queria tirar a Sabrina dali, porque parecia exausta, mas toda vez que seus olhos encaravam a irmã com orgulho, sabia que ela precisava daquilo como precisava do ar para respirar.

Quando enfim todos se foram e a Nina conseguiu o descanso merecido após o show incrível que apresentou, sentamos no camarim dela. Todos estavam cansados, exauridos e precisando de uma boa noite de sono.

— Então você é o grande salvador da minha irmã? — Nina perguntou, largando o violão ao lado da penteadeira.

Ouvi Bruno resmungar alguma coisa, mas preferi não dar importância.

— Na verdade, ela me salvou. — Beije o topo da cabeça de Sabrina, sorrindo. — Ela me devolveu a vida. Não sei o que seria de mim se ela não tivesse aparecido.

Sabrina me encarou sorrindo, tímida.

— Você é a minha razão de viver. — Segurei as mãos dela, beijando cada uma. — Você me devolveu o sentido de continuar vivendo. E quero passar o resto da minha vida ao seu lado.

Os olhos dela brilharam, emocionados.

— Eu não sei dizer bem como ou quando, mas a partir do momento que soube que te amava, tudo perdeu significado e a única coisa que fazia, faz sentido é te ver feliz e ao meu lado.

— Que lindo. — Dudu se aproximou da Nina e a abraçou. Ambos suspiravam. — Foi a declaração mais perfeita que já presenciei na vida.

Nina balançava a cabeça em afirmativa, olhando de mim para Sabrina.

— Quando vamos encontrar um bofe assim, minha diva?

— Acho que a Nina precisa descansar — Bruno interrompeu, carrancudo, de braços cruzados. — Vocês podem ficar no hotel com a gente e amanhã acordam mais cedo para conversar.

— Não será necessário. — Sabrina levantou e se juntou à irmã. — Amanhã cedinho encontramos vocês. Seu voo será à tarde, né? Podemos tomar café e almoçar juntas.

— Seria maravilhoso.

Nina abraçou a Sabrina.

As duas sorriram, abraçando-se, e pude perceber a semelhança entre elas. Era notável o mesmo tom dos olhos, o sorriso com os dentes perfeitamente alinhados e a covinha na bochecha. *Lindas*, pensei, admirando-as. As duas voltaram a chorar nos braços uma da outra antes de partirmos. Era como se o amor entre elas fosse tão grande que transbordava através das lágrimas.

Despedimo-nos de todos com a promessa de nos reencontrarmos na

manhã seguinte. Dudu abraçou Sabrina como se fosse da família e meu coração se encheu de gratidão. Bruno continuou no canto com a cara emburrada e o nariz roxo. Eu preferia acreditar que ele só estava sendo super protetor com a irmã, mas algo dentro de mim, meu lado policial talvez, me dizia o contrário.

Estava tão feliz que dirigi o trajeto todo sorrindo feito idiota.

Sabrina me encarou sorrindo e me perdi em seu olhar, tão puro, tão doce, tão verdadeiro. Ela guardava dentro de si uma dor imensa, danos irreparáveis em sua alma, e mesmo assim conseguia demonstrar amor pelo próximo.

Eu queria fazê-la feliz. Esse seria meu objetivo de vida, fazê-la tão feliz a ponto de nunca mais lembrar do sofrimento que passou. Fazê-la tão feliz que nada no mundo seria capaz de tirar aquele sorriso que eu tanto amava daquele rosto que tanto me encantava.

— Eu te amo — sussurrei, ainda a encarando.

Sua face era serena, tão amável, tão...

— Arthur... — A ouvi gritar antes de colidirmos com outro carro que vinha na contramão.

Olhei para seu pequeno corpo enquanto sacudíamos dentro do carro, que estava capotando. Ela fechou os olhos e a dor que atravessou meu peito por achar que a tinha perdido foi maior que qualquer dor física em meu corpo.

Lembro do carro capotando três vezes antes do meu corpo ser arremessado para fora do para-brisa. Lembro de olhar para a mulher que amo e querer protegê-la. Lembro de sentir meu corpo se chocar com o chão e ouvir gritos das pessoas na rua. Lembro do momento exato em que vi os paramédicos atenderem a Sabrina e escutá-los falando que ela estava bem. Antes de apagar por completo.

Ela estava bem e era isso o que importava.



Recobrei a consciência assim que os bombeiros iniciaram o processo de me tirar de dentro do carro. Não seria uma tarefa fácil, já que ainda estava de ponta-cabeça e minhas pernas haviam ficado presas nas ferragens.

Minha cabeça aos poucos estava retomando a percepção do acidente, torturando-me sem dó nem piedade.

— Arthur — chamei, tocando o ombro de um dos bombeiros. — Ele...?
— A pergunta ficou presa na garganta.

— Ele está bem. — Olhou para cima, fitando-me. — Já foi levado para o hospital. Está muito machado.

— Soltei um urro alto quando soltaram um dos ferros.

— Segure-se em mim.

Apoiei-me no ombro do bombeiro enquanto outro passava um protetor em volta do meu pescoço.

— Isso. Só mais um pouquinho e te tiramos desse inferno.

Ergui meu rosto, encarei o local em que devia ser o painel do carro e vi que minhas pernas haviam sido engolidas.

— Agora, olhe pra mim e me conte mais sobre o Arthur.

— Ele é o homem mais maravilhoso que já conheci. — Senti uma dor cortante em meu quadril. — Ai, meu Deus — gritei.

— Olhe pra mim e continue falando. — Apoiou mais meu tronco no banco suspenso. — Como vocês se conheceram?

— Ele me salvou — gritei. — Ele me salvou. Aiiiii! — Encarei minhas pernas ensanguentadas. — Ele me salvou — sussurrei, entorpecida.

— Ei, não feche os olhos. Continue falando comigo. — Senti-o tocar meu rosto e consegui abrir os olhos. — Como é o seu nome?

— Sabrina — sussurrei, sentindo-me fraca.

— Sabrina — repetiu. — Que coincidência, é o nome da minha filhinha. — Sorri em resposta. — Vamos soltar o seu cinto agora e tirar você do carro. — Ele sinalizou para os colegas. — Vai doer muito, mas quero que você tente ficar parada e não feche os olhos. Diga que compreendeu o que eu disse. — Assenti, incapaz de falar. — Olhe para mim e me conte mais sobre você.

— Minha irmã. — Trinquei os dentes enquanto me erguiam. — Ela é... Ai, meu Deus. Parem! Por favor, parem! — gritei assim que soltaram o cinto de segurança, tirando-me com pressa do carro.

Debati-me enquanto tentavam me imobilizar na maca. Fechei os olhos apenas para respirar fundo e tentar me acalmar, porém não consegui mais abri-los. Era convidativo demais dormir. Meu corpo estava em chamas por causa da dor e minha cabeça girava sem parar.

Ouvi os paramédicos me chamado e alguém gritando meu nome. Eu queria abrir os olhos. *Então eu o enxerguei. Arthur estava lindo como sempre. Minha visão era turva, mas o rosto dele estava calmo, sereno, e seu sorriso era imenso e irradiava felicidade.*

Caminhei na direção dele e percebi que não estávamos sozinhos. Consegui focar melhor ao meu redor e percebi que era um sonho. Um lindo e

maravilhoso sonho, do qual eu não queria acordar.

Enquanto eu caminhava com Dona Claudete, que sorria enquanto segurava em meu braço, avistei Cíntia cantarolando a nossa frente. Vestia um vestido digno da princesa que era e seu doce rostinho me encarava com brilho nos olhos. Eu queria correr e abraçá-la. Ela voltou a caminhar, jogando pétalas por onde passávamos.

Voltei a encarar o Arthur. Ao lado dele, seus pais estavam abraçados. Dona Isabel chorava emocionada e o sobrinho tentava confortá-la. Arthur olhou a cena e revirou os olhos, e não pude deixar de gargalhar. Ele era realmente o homem mais maravilhoso do mundo. Como eu não enxerguei isso antes?

Do outro lado do altar, Nina secava os olhos emocionada. Estava feliz, com André ao lado dela. Ambos seguravam um bebê no colo, que agitava os braços em minha direção, soltando gritinhos. O nome Sophia me veio à mente e de alguma forma eu sabia que ela era minha, fazia parte de mim. Eu era mãe, e uma vontade súbita de chorar me sacudiu.

— Sabrina, volte pra gente. — Ouvi alguém gritar ao longe, sentindo meu peito queimar, me fazendo tremer.

Continuei caminhando, olhando os rostos das pessoas que eu amava. Eu me sentia amada, como nunca antes, e parei de caminhar, agradecendo mentalmente a Deus por cada uma das pessoas que passaram na minha vida.

Lembrei do quanto eu estava perdida no mundo e como tudo mudou, trazendo-me tudo o que mais queria na vida. E eu era grata até mesmo pelas coisas horríveis que havia passado, pois me fizeram ser quem eu sou hoje e me deram a felicidade novamente.

Deus é bom. E olhando para cada um ao meu redor, eu tinha mais certeza do que nunca de que Ele prepara o melhor para seus filhos.

Levei algum tempo até perceber que o local atrás do palco era minha casa de infância. Estava perfeita, e crianças brincavam alegremente no pátio gigante. Suas gargalhadas eram música para meus ouvidos. A angústia que sentia se tornou uma sensação gostosa no estômago.

Alancei o Arthur no altar e percebi o que estava acontecendo. Estávamos nos casando, e meu peito explodiu em uma alegria que não cabia em mim. Eu estava regada de amor e a percepção de que tudo não passava de um sonho maravilhoso me fez chorar.

Eu iria lutar para que tudo aquilo se tornasse realidade. Todos me encaravam felizes. Abraçando o Arthur, abri meus olhos, encarando o teto branco do hospital.

A dor no corpo ainda estava aqui, mas não era tão forte. Era o que eu pensava, até forçar meu corpo para o lado. Soltei um suspiro alto demais, mas

segurei o gemido, olhando minha irmã dormindo na cadeira azul ao lado da cama. Ao lado dela, Dudu me olhava sério, com brilho nos olhos.

— Olá, dorminhoca. — Levantou silencioso. — Ela não quis sair do seu lado. — Sorriu, olhando minha irmã com carinho.

— Imaginei que ela não sairia — sussurrei. — Você poderia me dizer como está o Arthur? Ele já acordou? — perguntei preocupada.

Os olhos dele encheram de lágrimas e meu coração se apertou no peito. Vi-o vacilar e abrir a boca diversas vezes, pensando no que dizer. Agarrei o lençol com força, sabendo exatamente o que ele iria me revelar.

— Desculpe, eu sinto... — O olhar dele era de pena e seu rosto se contorceu em dor.

Parei de respirar, sentindo meu corpo cair em um abismo.

Não, não, não. Eu queria gritar. Queria morrer. *Eu não posso perdê-lo.*

— Me diga que ele está bem! — gritei, fazendo minha irmã pular assustada na cadeira. — Me diga que ele está bem.

— Sabrina. — Minha irmã tocou em meu braço.

— Eu estou bem aqui. — A voz dele era um sussurro.

Virei a cabeça em direção à porta. Ele estava em uma cadeira de rodas, com André atrás emocionado, empurrando-o.

— Está tudo bem, pequena. Estou aqui.

39

Arthur

Alguns anos depois...



Ficar nos braços dela virou um dos meus passatempos favoritos. Ali, no abraço dela, me encontrei e entendi o verdadeiro significado de conforto.

— Não sei exatamente o momento em que percebi que te amava — declarei a ela. — Simplesmente um dia meu coração me revelou isso.

Ela gargalhou, levantando uma sobrancelha.

— O que foi?

— Nada não. — Sabrina levantou do chão, saindo dos meus braços, com um sorriso travesso nos lábios. — É que eu sei exatamente o momento em que percebi que te amava.

— É mesmo? — Fiquei de pé, acompanhando os passos dela pelo bosque. — E algum dia você irá revelar isso pra mim?

— Talvez.

Ela voltou a gargalhar, fazendo meu coração pular.

Contornamos o portão dos fundos e caminhamos de mãos dadas até a porta. Antes de entrar, ela subiu os degraus, beijou o topo da minha cabeça e colocou a mão em meu peito, impedindo-me de entrar na casa. Ela sorriu, revelando uma covinha encantadora na bochecha, e estreitou os olhos.

— Você não pode entrar agora — sussurrou, ainda com as mãos no meu peito. — As meninas estão aprontando alguma coisa e me pediram ajuda para te distrair por pelo menos uma hora.

— Ah, é mesmo? — Não pude evitar sorrir. — Eu devia ter desconfiado que seu convite para uma caminhada era apenas para me distrair.

— E como você poderia saber disso?

Percebi que ela trocava o peso das pernas a cada palavra.

— Primeiro. Você não gosta de caminhar.

Ela ponderou minhas palavras e concordou com a cabeça.

— Segundo. Você está usando seu vestido sexy hoje.

Ela sorriu, acariciando a barriga.

— Você só usa quando quer alguma coisa.

— É a única roupa fresca que me serve — reclamou.

— Não deixa de ser sexy.

Subi um degrau, ficando na mesma altura que ela.

— Terceiro, vocês esqueceram de fechar a porta enquanto estavam planejando como fazer para me tirar de dentro de casa.

— Elas são adoráveis, não são? — perguntou, franzindo o nariz.

— Não tanto quanto você.

Antes que eu pudesse beijá-la, ela abriu a porta, entrando, deixando apenas uma fresta com sua cabeça para fora.

— Faz apenas vinte minutos desde que saímos — reclamei.

— Eu sei — gemeu. — Minha bexiga está explodindo. — Fechou a porta na minha cara, abrindo em seguida para completar: — Arthur, espere até eu

voltar. E não fique espiando como fez antes.

Ela fechou a porta antes mesmo de me deixar explicar que eu não havia espiado, que elas é que tinham sido descuidadas.

Sentei na escada esperando virem me buscar. Olhei para o lugar recém reformado e me senti em casa. Senti como se tudo se encaixasse e que tudo pelo que havia passado me levasse àquele momento. E agradei a Deus mentalmente por isso.

Ouvi a porta abrir e uma risadinha familiar ecoar. A porta abriu mais um pouco e me fiz de distraído. Senti um puxão na minha camisa e virei o rosto para o lado contrário. A pequena riu novamente, só que mais alto. Senti puxar mais uma vez minha camisa, seguida de uma batida de leve no ombro.

— Mas será possível? — Bufei, olhando para cima, para baixo, para o outro lado, menos para ela.

— Papai, aqui. — Ela tocou meu ombro novamente e suspirou pesadamente.

— Aqui onde? — Segurei o bracinho dela em volta do meu pescoço. — Sophia? Cadê você?

— Eu tô aqui, papai. — Ela gargalhava enquanto a girava de um lado para o outro fingindo procurá-la. — Atrás de você! — gritou.

— Não estou te vendo, filhinha.

Ela soltou um grito alto quando abaixei mais o corpo e a joguei para cima, fazendo-a cair em meus braços.

— Achei você! — falei, largando beijinhos pelo rosto dela.

Sophia gritava e pulava no meu colo, tentando sair dos meus braços.

— Não tem como você fugir — aumentei o tom da voz e comecei a fazer cócegas.

— Mamãe! — ela gritou quando Sabrina apareceu na porta. — Me ajude, mamãe. O papai ficou maluquinho.

— Largue minha filha, homem, ou sofrerá as consequências.

Apesar do tom de ameaça, ela sentou na escada, parecendo cansada.

— Acho que você está encrencado. — Sophia enfim conseguiu sair dos meus braços, correndo para a mãe, parando de frente para a barriga dela e depositando um beijo no local. — Não se preocupe, maninha. Não vou deixar o papai fazer isso com você. Até você nascer, vou saber de todos os truques dele para não te pegar desprevenida — concluiu, dando mais um beijinho.

— Acho que você está encrencado — Sabrina repetiu a frase da mesma forma dramática que nossa filha, antes de acariciar a bochecha dela. — Por que você não volta lá pra dentro e ajuda as meninas com você sabe o que? — sussurrou a última frase, sorrindo para mim.

— Pode deixar — Sophia sussurrou no ouvido da mãe, piscando, antes de subir as escadas.

Fiquei admirando as duas e percebi o quanto eram parecidas. O mesmo tom de pele, a mesma cor de cabelo, os traços finos do rosto e a língua cheia de sarcasmo.

— Desculpe, papai. Eu te amo, mas você não pode entrar ainda.

Ela terminou de subir os degraus e entrou na casa, fechando a porta atrás de si.

— Eu estou encrencado. — Sorri, sentando ao lado da Sabrina, beijando sua barriga. — Oi, filhinha. Não escute essas duas, elas não sabem o que falam.

Senti pequenos chutes por onde minha mão passava, sabendo que ela havia entendido o recado.

— Você sabe que é um movimento involuntário, né? — Sabrina me encarava com a sobrancelha arqueada, vendo meu sorriso bobo. — Os chutes. Você sabe que ela não entendeu o que você falou, né?

— Claro que sei. — Revirei os olhos, depositando outro beijo na barriga dela. — Toca aqui, filhinha.

Ela bufou, sorrindo e apoiando a cabeça em meu ombro. Já estávamos entrando nas últimas semanas de gestação e ela estava mais cansada do que na primeira gravidez.

Sophia foi a gravidez mais tranquila, segundo a obstetra. Sabrina teve pouco enjoo e não sofreu dores fortes durante o parto. Uma coisa incrível, já que optou por ganhar em casa.

Nos mudamos para o orfanato logo depois do nascimento da Sophia. Trabalhamos duro durante os seis anos seguintes para que as meninas tivessem um lar feliz até encontrarem uma nova família.

Nossa segunda gravidez não estava planejada. E ainda assim, Sabrina estava se saindo com maestria para dar conta de tudo antes do bebê nascer.

— Estou tão exausta — sussurrou, acariciando a barriga. — Parece que tudo vai explodir.

— Agora falta pouco.

Passei uma perna de cada lado do corpo dela, fazendo-a escorar as costas em mim. Ela sorriu agradecendo.

— O que será que elas estão aprontando? — Sabrina ergueu o rosto, apoiando a cabeça em meu peito, e fechou os olhos, aproveitando o sol fraco do fim da tarde. — Elas não me deixaram nem passar pela sala. Tive que usar o banheiro do escritório. Elas fizeram uma escolta até a porta para não espiar nada.

— Eu juro que não espiei naquela hora — lembrei. Ela riu. — Eu espero que seja alguma coisa de comer.

— Eu também.

Ela pegou minha mão e apoiou na barriga, fazendo movimentos circulares.

— Eu sei que combinamos de escolher o nome dela somente quando a conhecermos. — Beijei o topo da cabeça dela, sabendo que isso iria acontecer desde quando ela tinha proposto na sala do ultrassom. — Mas estava pensando no nome Jaqueline. O que acha?

Parei de acariciar a barriga dela e respirei fundo. Apesar de todo sofrimento causado no passado, a menção do nome não me causou dor; me trouxe um alívio no peito. Ter o nome da minha ex-noiva na certidão da nossa segunda filha demonstrava mais uma vez o quanto Sabrina tinha uma alma linda.

— Você tem certeza?

— Tenho sim. — Ela virou o corpo o tanto que a barriga permitiu e me encarou sorrindo. — É uma forma de lembrarmos o quanto ela é especial. Você a amou como nunca e amará nossa filha mais do que tudo no mundo. Seria uma forma de homenagear quem te fez tão feliz.

— Eu te amo — sussurrei. — Mas você está enganada com uma coisa. — Ela levantou os olhos e piscou confusa. — Não há nada no mundo que eu ame mais do que você.

Sabrina sorriu docemente. Baixei minha cabeça e deposei um beijo nos lábios dela. Eu já tinha certeza das decisões que havia tomado para me manter ao lado da Sabrina. E cada vez mais ela me provava que nunca me arrependeria.

Depois do nosso início conturbado, consegui convencê-la de morarmos juntos. Já havia prometido nunca mais sair de perto dela, então, quando ela falou que viria para outro estado para cuidar de um orfanato, eu abandonei meu emprego, vendi meu apartamento e a segui, porque não conseguiria viver longe dela.

Antes da inauguração do orfanato, tiramos um mês para seguir a irmã dela em uma turnê, onde descobrimos que a Sabrina estava grávida da Sophia. Escolhemos ficar até o nascimento da nossa filha na casa dos meus pais para não termos problemas na gestação. Tínhamos sofrido um acidente alguns meses antes e mesmo os médicos afirmando que era uma gravidez segura, meu medo falou mais alto e deixamos os cuidados do orfanato nas mãos da Dona Claudete e do André.

— Sabrina, você pode nos ajudar com uma coisinha? — Uma das meninas apareceu na porta. Ajudei-a a se levantar e as segui. — Você não, Arthur. Você fica — me repreendeu. — Só mais alguns minutinhos. Você precisa fechar os olhos, Sabrina.

— Eu também? — perguntou nervosa quando colocaram uma venda nos

olhos dela. — Mas a surpresa é para o Arthur?

— Surpresa? — a menina indagou sem emoção.

Elas entraram, trancando a porta.

Mesmo não sendo uma pessoa curiosa, não pude deixar de imaginar o que estariam aprontando. Pelo jeito, nem a Sabrina sabia o que estava acontecendo.

Demorou vinte minutos para abrirem a porta novamente. Sophia usava um vestido rodado cheio de brilho. Dora, uma das meninas, segurava uma caixa grande nas mãos. As duas sorriam como se escondessem um grande mistério.

— Você precisa vestir isso, Arthur. — Dora me entregou a caixa. — Mas terá que se trocar no seu escritório.

— Ok — respondi, pegando a caixa enorme dos braços dela.

— Depois você pode ir até o jardim. Vamos todas esperar por você lá. — Sophia puxou minha camisa para me abaixar. — Deixei seu barbeador e desodorante no banheiro, caso precise tomar banho — sussurrou em meu ouvido.

— Quanto tempo você precisa pra ficar pronto?

Dora abriu a porta, espiando dentro da casa. Quando não viu ninguém, entrou, fazendo sinal para seguirmos.

— Trinta minutos talvez?

Abri a caixa, vendo um dos meus ternos. Arqueei a sobrancelha encucado.

— Fique bem lindo, papai — Sophia gritou, correndo para a porta da frente quando chegamos ao cômodo que transformamos em escritório.

— Tem mais uma coisa. — Dora contornou a sala e pegou uma caixa menor em cima da mesa. — Não abra até que seja o momento certo.

— E como eu vou saber qual será o momento certo?

— Você vai saber.

Ela me entregou a caixa, saindo da sala em seguida.



Dei um passo na direção dele. E antes mesmo de erguer os olhos e encará-lo, senti que me olhava atentamente, reparando minuciosamente cada centímetro, tendo certeza que estava tudo bem. Eu sorri, confortando-o, e ele retribuiu sorrindo com lágrimas nos olhos.

Outro passo. O jardim estava lindamente decorado com flores brancas e cadeiras enfileiradas de frente para um altar enfeitado com um arco de fitas brancas.

Jaqueline pulava alegremente em minha barriga, enquanto caminhava passo a passo até o Arthur, que tentava secar as lágrimas com os dedos. Ele estava entre a Nina e o André, que pareciam se divertir com a situação.

Mais um passo. Sophia parou à minha frente, segurando uma cestinha com pétalas dentro. Meu coração parou uma batida quando a vi. Minha filha, minha princesa. Linda, vestida de daminha, com os olhos brilhantes enquanto caminhava em direção ao pai, que babava ao vê-la.

Olhei ao redor e minhas meninas sorriam em cumplicidade umas para as outras. Não sei como conseguiram deixar tudo tão lindo em tão pouco tempo, mas sabia que tinham feito de coração.

Quando, enfim, conseguimos vir para o orfanato, nos doamos por inteiro para dar amor a cada uma dessas meninas. Resgatamos, demos um lar e nos propusemos a ensiná-las a viver. E, sem exceção, todas embarcaram conosco, criando um laço muito forte de amor e fraternidade. Só nunca imaginaria que iriam preparar uma cerimônia de casamento para nós.

Todas estavam lindas. Alguém as havia maquiado, arrumado os cabelos e as vestido lindamente para a ocasião. Olhei para minha irmã, que piscava para as meninas, enchendo-me de orgulho.

Mais um passo. Fiquei de frente com o Arthur, que havia desistido de secar as lágrimas e me olhava sorrindo emocionado. Ele vestia um dos seus ternos antigos e o cabelo estava desarrumado, mas mesmo assim ainda era o noivo mais lindo que já vi. Eu o amo. Sophia beijou o rosto do pai e correu para sentar no colo da Dona Claudete.

Arthur me ofereceu a mão trêmula e rapidamente a segurei firme, forte, depositando um beijo demorado na palma, levando em seguida para minha

barriga, onde nossa outra filha chutava sem parar.

Nina segurou meu buquê e me abraçou com lágrimas nos olhos, antes de sentar entre as meninas, que soltavam gritinhos de felicidade. André abraçou o Arthur antes de seguir atrás da minha irmã.

— Estamos aqui reunidos para pedir a bênção de Deus para este casal — o pastor começou.

Eu só conseguia prestar atenção no homem a minha frente. Seu sorriso presunçoso me dizia que sabia que eu não estava atenta a nada.

Arthur me olhava de cima a baixo, sustentando o olhar na minha barriga, e todas as vezes que fazia, suspirava e sorria. Feliz não era o termo correto para aquele momento. Era muito mais que isso. Apesar de estarmos juntos há sete anos, esse momento, esse casamento improvisado, era um sonho se realizando. E mesmo tendo condições de fazer uma festa maior, nada no mundo seria tão especial e único.

— Sabrina. — Arthur ampliou mais o sorriso, fazendo-me sorrir ainda mais.

Eu estava entorpecida de tanta felicidade e só percebi que havia perdido toda a cerimônia quando os sussurros e risadinhas foram aumentando.

— O pastor perguntou se você aceita.

— Desculpe. — Encolhi-me timidamente. — Eu não ouvi uma só palavra do que você disse. — Sorri para o pastor. — O senhor pode repetir, por favor? — Ele arregalou os olhos. — Só a última parte mesmo.

Arthur me cutucou. E para alegria de todos os presentes, Sophia gritou: “Tinha que ser a mamãe”, fazendo todos gargalharem.

O pastor esperou os convidados se recomporem antes de continuar.

— Sabrina, estás disposta a prometer diante de Deus e de todos aqui presentes a tomar este homem, Arthur Alencar, por teu legítimo esposo, para viveres com ele segundo foi ordenado por Deus? Prometes amá-lo, honrá-lo, consolá-lo e conservá-lo tanto na saúde como na enfermidade, na prosperidade como em seus sofrimentos, e te conservares exclusivamente para ele enquanto ambos viverem?

— Aceito — respondi rapidamente, em êxtase.

— Arthur, estás disposto a prometer diante de Deus e de todos aqui presentes a tomar esta mulher, Sabrina Menezes, por tua legítima esposa, para viveres com ela segundo foi ordenado por Deus? Prometes amá-la, honrá-la, consolá-la e conservá-la tanto na saúde como na enfermidade, na prosperidade como em seus sofrimentos, e te conservares exclusivamente para ela enquanto ambos viverem?

— Aceito.

— Papai. — Sophia apareceu entre nós. — A caixinha. — E voltou correndo para seu assento.

Arthur tirou do paletó uma caixinha dourada com um laço rosa. Antes de abrir, olhou para as meninas e sorriu. Elas soltaram um uníssonos “Sim” antes de ele entregar a caixa ao pastor, que a abriu cuidadosamente, revelando um par de alianças. Eram lindas. Uma delas tinha uma pedra em cima em formato de coração.

— Tudo tem o seu tempo determinado e há tempo para todos os propósitos debaixo do céu — o pastor voltou a falar. — As alianças são símbolos físicos do compromisso de um casal e de sua ligação emocional e espiritual. Elas são consideradas um círculo perfeito, sem começo nem fim. Mas nós sabemos que estas alianças tiveram um começo. O material foi retirado da terra. Os metais foram liquefeitos, forjados, refrigerados e polidos. Algo belo foi produzido a partir de elementos brutos.

Meu coração batia acelerado. E segurando a mão do Arthur, sabia o quanto estava nervoso.

— O amor é assim — o pastor continuou. — Tem origens humildes, pois vem de seres imperfeitos. O amor é o processo de construir algo belo com coisas simples.

Olhamo-nos por um tempo, perdidos no sorriso um do outro. Se eu soubesse o quanto seria feliz ao lado dele, quanto amor uma pessoa poderia receber, quanta alegria caberia dentro do meu peito, não mudaria uma vírgula da minha história. Ele valia a pena. Arthur valia cada sofrimento que meu passado tinha me trazido para chegar até aqui, no momento mais encantador da minha vida.

— Sabrina e Arthur. — Percebi que tinha perdido mais uma parte da cerimônia quando ouvi meu nome. — Que estes anéis sejam um lembrete visível de seus sentimentos um pelo outro neste momento. Ao olhar para eles, lembrem-se que vocês têm alguém especial com quem compartilhar suas vidas. Lembrem-se de que vocês encontraram um ao outro e um no outro e de que nunca mais andarão sozinhos.

— Sabrina, eu te dou esta aliança. — Arthur havia pegado uma das alianças da mão do pastor e repetia cuidadosamente cada palavra que ele dizia. — Como sinal de que escolhi você para ser minha companheira e minha melhor amiga. Receba-a e saiba que eu te amo.

— Arthur. — Imitai o gesto, colocando a aliança no dedo dele, repetindo o que o pastor ditava. — Eu te dou esta aliança como sinal de que eu escolhi você para ser meu companheiro e meu melhor amigo. Receba-a e saiba que eu te amo. — Levei a mão dele aos lábios e deposei um beijo na aliança.

— Ninguém além de vocês mesmos detém o poder de proclamá-los esposo e esposa. Porém, eles me escolheram como anunciantes desta boa nova. E assim, tendo testemunhado a troca de votos diante de todos que estão aqui hoje, é com grande alegria que declaro que vocês estão casados. — Ouvimos a gritaria dos convidados antes mesmo de o pastor terminar de falar. — Pode beijar a noiva.

Antes de me tomar nos braços dele, Arthur abaixou e beijou minha barriga. Sophia correu até nós e ele pegou nossa filha no colo, prensando-a entre nós, antes de me beijar. Nosso primeiro beijo como marido e mulher. Sophia se debateu em nosso colo, rindo e achando nojento. Enquanto isso, os convidados riam e gritavam nossos nomes.

— Discurso, discurso, discurso — as meninas pediram quando enfim paramos o beijo.

— Vocês querem discurso? — Arthur perguntou, colocando Sophia no chão. — Eu quero agradecer a todos vocês. Foi mágico ver minha linda esposa entrar por este corredor. Essa imagem vai ficar gravada na minha memória pra sempre. Obrigado — Sua voz estava embargada. Segurando o choro, ele continuou: — Obrigado por promoverem algo tão encantador, tão único. Se eu soubesse que era meu casamento, teria penteado o cabelo — brincou.

Todos riram.

— Sabrina. — Ele olhou para mim, ajoelhando. — Se eu soubesse que seria assim, tão perfeito, teria me casado com você todos os anos desde que nos conhecemos. — Acariciei o rosto dele. — Eu te amo. Te amo muito. E nunca vou deixar de te amar. O momento em que te conheci foi o pior que se pode imaginar. Mas Deus está de prova que eu jamais vou deixar nada de ruim acontecer com você, com nossas filhas ou com nossas meninas. Prometo que não vou deixar.

Sequei as lágrimas, sussurrando "eu sei". Puxei a mão dele para que ficasse de pé.

— Você me salvou — continuou. — Salvou minha alma perdida. Me deu vários motivos para voltar a viver. E eu nunca vou conseguir retribuir por ter me tornado este homem completo que sou hoje.

Houve aplausos, gritos e algumas meninas derretendo com suas palavras, mas só consegui olhar nos olhos dele e enxergar a verdade, a sinceridade, o amor e a devoção.

— Diga alguma coisa — ele falou sorrindo. — Estou ficando preocupado.

— Estou sem palavras — disse timidamente. — Não tenho nem como agradecer a vocês. — Ergui a aliança em meu dedo. — Foi maravilhoso. E

espero de coração que alguém tenha gravado a cerimônia, porque não prestei atenção em nada.

Todos riram. Ouvi alguém dizer que tinha gravado, e riram ainda mais quando suspirei aliviada.

— Arthur. — Franzi o nariz, segurando as lágrimas. — Você é sem dúvidas o homem mais maravilhoso do mundo. O pai mais incrível que conheço. — Funguei. — Você disse que eu te salvei, mas foi você quem me salvou.

André levantou e me entregou um lenço. Sequei as lágrimas que embaçaram minha visão.

— Hoje você disse que não lembra o momento exato em que percebeu que me amava. Que simplesmente sabe. — Ele concordou, acenando com a cabeça. — Eu sei exatamente o momento em que percebi que te amava.

— Tudo bem, querida. — Ele me abraçou.

— Você me beijou e eu fugi. E na manhã seguinte, você me procurou para pedir desculpas. — Apoiei-me, olhando nos olhos dele. — Eu estava perdida. Não tinha motivos para continuar. — Chorei quando percebi que ele tinha se lembrado do dia. — Você insistiu em mim quando eu já estava preparada para dar fim a todo sofrimento que minha alma suportou.

— Não chore, mamãe. — Arthur pegou Sophia. — A gente te ama. — Ela envolveu os bracinhos em volta do meu pescoço. — Papai disse que não vai deixar mais nada te fazer mal.

— Eu sei, meu amor. — Beijei seu rostinho preocupado. — São lágrimas de felicidade.

— Tá bom. — Sorriu alegremente.

— Você me mostrou pouco a pouco o que o mundo tinha a me oferecer. Me mostrou a felicidade que eu perderia se não lutasse. — Acariciei o rosto da nossa filha. — E valeu muito a pena. — Sorri com a visão embaçada. — Valeu cada dor. Você me devolveu minha irmã. — Olhei para a Nina, que havia desistido de conter as lágrimas. — Me deu uma família. — Beijei Sophia. — Me devolveu a vida. Me mostrou o que é o amor de verdade.

— Te amo. — Ele soltou a Sophia no chão e me abraçou.

— Te amo. — Sorri pouco antes de ele me beijar.

E mentalmente agradei a Deus por ter me dado uma segunda chance de ser feliz.



FIM.



Agradecimentos



Quero começar agradecendo ao meu marido maravilhoso. Agradeço a Deus todos os dias por ter me apresentado você, que trouxe para dentro de mim um sentido para continuar a viver. Amo você.

À minha família, que mesmo distante me apoiou em todas as etapas.

Aos meus amigos, que me incentivaram a escrever cada vez mais. Além de rirem e chorarem ao meu lado.

Foram tantas pessoas envolvidas, tantas histórias, pessoas de verdade que vieram me falar sobre o que já passaram... Nunca vou esquecer de uma menina que me disse o quanto sua mãe sofreu e sofre até hoje, mesmo longe do homem que a fez tanto mal, por causa do julgamento das pessoas. E isso a deixou muito triste. Mas, lendo minha história, ela falou que começou a sentir que a mãe poderia ter uma segunda chance na vida. (O coração fica apertado quando recebo mensagens assim).

Quero que saibam que me inspirei em vocês e que o livro só teve um final feliz porque todas as Sabrinas merecem ser amadas, respeitadas e felizes.

É lindo ver o quanto as pessoas dão valor ao sentimento verdadeiro. E mesmo não dando rostos aos personagens, mesmo não dizendo as cidades onde aconteciam os fatos, ainda assim o sentimento com a ficção é tão forte que não impediu os leitores de acompanharem o enredo.

Foram muito erros, muitos acertos. Muitos torciam para que os mocinhos ficassem juntos, outros, para que a Sabrina seguisse sozinha para aprender a viver independente.

Muitos queriam meu couro durante alguns capítulos. E ficou claro que o que todos queriam, na verdade, era que a mocinha fosse feliz. E isso é magnífico.

Apesar de deixar claro que a história é totalmente fictícia, não faltaram referências para a criação dos personagens.

Quantas mulheres que vocês conhecem já passaram por algum abuso ou relacionamento abusivo?

Muitas.

E quantas vocês conhecem que estão passando por isso?

Poucas. Quase nenhuma.

E sabem por quê?

Vivemos em uma sociedade que acredita só no que enxerga. E só toma alguma providência depois que já aconteceu.

Milhares de mulheres sofrem todos os dias. Sofrem caladas. Aguentam firmes cada pancada, cada abuso, por medo, por acreditarem que só porque são mulheres têm a obrigação de suportar de cabeça baixa.

É triste abrir o jornal, ligar a TV, entrar nas redes sociais e ler/ouvir que mais uma Sabrina foi espancada, estuprada, humilhada e morta por seu companheiro, amigo, familiar ou colega de trabalho. E é pior ainda quando lemos os comentários degradantes dizendo que ela merecia porque usava roupas curtas, porque ergueu a voz, porque estava andando sozinha na rua de madrugada, porque tinha o corpo de uma adulta. E não vindo só de homens. Muitas mulheres ainda acreditam que nascemos para ser subjugadas aos homens, e isso é doloroso.

Quantas Sabrinas ainda terão que sofrer para que possamos fazer alguma coisa?

Se conhece alguém que sofre nas mãos de outra pessoa, não tenha medo de chegar perto e oferecer ajuda. Não tenha vergonha de conceder um abraço. A pessoa pode estar tão machucada e ferida por dentro que poderá negar ajuda por não conhecer outra forma de amor.

Seja a pessoa por trás salvando uma alma. Não a pessoa que leu a notícia de que existe mais uma Sabrina no mundo.

Beijos e até o próximo livro.



Sobre a autora

Camila da Rocha Tavares e Silva, nasceu e foi criada na cidade de Blumenau, Santa Catarina. Desde cedo desenvolveu amor por tudo o que envolvia arte, principalmente por leitura e escrita. Ainda jovem, ganhou medalhas na escola por seus poemas e textos bem estruturados e profundos.

Seus livros foram publicados na plataforma digital Wattpad, e tiveram grande incentivo e apoio no decorrer dos capítulos.

Atualmente mora com o marido gaúcho, no Rio Grande do Sul, no qual serviu de inspiração para a criação do caráter do seu personagem principal.

Suas obras são totalmente dedicadas as mulheres, e tornou a luta em prol da igualdade, sua maior prioridade. Hoje, a serie “Reaprendendo a Viver”, conta com uma trilogia, as quais são: 1 – Meu Abrigo; 2 – Aquela Canção; 3 – Feita de Escolhas

Table of Contents

[1](#)
[2](#)
[3](#)
[4](#)
[5](#)
[6](#)
[7](#)
[8](#)
[9](#)
[10](#)
[11](#)
[12](#)
[13](#)
[14](#)
[15](#)
[16](#)
[17](#)
[18](#)
[19](#)
[20](#)
[21](#)
[22](#)
[23](#)
[24](#)
[25](#)
[26](#)
[27](#)
[28](#)
[29](#)
[30](#)
[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)